

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**A JUVENTUDE NA “SULANCA”: OS DESAFIOS
DA INSERÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO
EM TAQUARITINGA DO NORTE – PE**

SANDRA ROBERTA ALVES SILVA

**CAMPINA GRANDE – PB
2009**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**A juventude na “Sulanca”: Os desafios da inserção no mundo do trabalho em
Taquaritinga do Norte – PE**

SANDRA ROBERTA ALVES SILVA



Campina Grande – PB

2009

SANDRA ROBERTA ALVES SILVA

**A juventude na “Sulanca”: Os desafios da inserção no mundo do trabalho em
Taquaritinga do Norte - PE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Dr^a. Marilda Aparecida de Menezes
Área de concentração: Ciências Sociais

Campina Grande – PB

2009

SANDRA ROBERTA ALVES SILVA

**A juventude na “*Sulanca*”: Os desafios da inserção no mundo do trabalho em
Taquaritinga do Norte - PE**

Dissertação aprovada em ___ / ___ / ___

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Marilda Aparecida de Menezes (UFCEG/ CH/ PPGCS – Orientadora)

Prof. Dr. Marco Aurélio Santana (IFCS/UFRJ – Examinador externo)

Prof. Dr. Roberto Vêras de Oliveira (UFCEG/ CH/ PPGCS – Examinador interno)

Prof. Edgard A. Malagodi (UFCEG/ CH/ PPGCS – Suplente)

Prof.^a. Mércia R. R. Batista (UFCEG/ CH/ PPGCS – Suplente)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S586j

Silva, Sandra Roberta Alves

A juventude na "Sulanca" : os desafios da inserção no mundo do trabalho em Taquaritinga do Norte - PE / Sandra Roberta Alves Silva. — Campina Grande, 2009.

177 f : il. color.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

Referências.

Orientadora: Profa. Dra. Marilda Aparecida de Menezes.

1. Pólo de Confeccões 2. Trabalho 3. Informalidade 4. Juventude
5. Migrações I. Título.

CDU 687(813.4)(043)

DIGITALIZAÇÃO:

SISTEMOTECA - UFCG

DEDICATÓRIA

Madrecita

O dom da vida não se resume apenas ao momento da concepção ou nascimento, mas se constitui dia-a-dia neste grandioso palco onde precisamos atuar bravamente diante dos desafios.

Desse modo, a vida ressurge a cada segundo dentro de mim, tendo como inspiração a luta diária de uma mulher que, desde muito cedo, aprendeu a superar os obstáculos.

É por isso que não me permito simplesmente agradecer, porque ao “tirar o sangue de suas próprias veias, por diversas vezes me fez renascer!”

Quero, na verdade, dedicar-lhe esta pesquisa, por ser a minha grande inspiração, e exemplo de força e determinação na vida.

Obrigada porque, no momento em que eu estava prestes a desistir de tudo, você não permitiu e me encorajou a continuar.

EU TE AMO!

AGRADECIMENTOS

Cada pessoa que passa em nossa vida, passa sozinha, é porque cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra! Cada pessoa que passa em nossa vida passa sozinha e não nos deixa só porque deixa um pouco de si e leva um pouquinho de nós. Essa é a mais bela responsabilidade da vida e a prova de que as pessoas não se encontram por acaso.
(Charles Chaplin)

Ao longo dessa árdua caminhada, agradeço por não estar só em momento algum. Sendo assim, preciso começar agradecendo ao Senhor da Vida, Jesus Cristo Vivo e Ressuscitado que, com seu Espírito de Amor, Paz e, acima de tudo, Fortaleza, me segurou e me animou nos momentos mais difíceis; principalmente quando, na minha imperfeita humanidade, já não conseguia enxergar as inúmeras portas que se abriam, uma por uma ao longo da estrada.

Em minha trajetória, encontrei pessoas com uma atenção ímpar. Dentre essas, agradeço a **Rinaldo Rodrigues da Silva** (Secretário Acadêmico do PPGCS/UFCG), em nome de todos os funcionários que fazem parte da Comunidade Acadêmica, pois, através do seu desprendimento diário, foi possível a concretização de mais uma etapa.

Meus agradecimentos a todos os professores por gastarem boa parte de suas vidas dedicando-se ao magistério e à pesquisa social, abrindo as portas do saber e trazendo, até nós, os questionamentos necessários para tecer um olhar sob a sociedade com a criticidade que é própria das Ciências Sociais. Tendo como suporte a teoria, foi possível levantar questões sociais com enfoques peculiares, numa tentativa de dar uma contribuição social mediante as diversas problemáticas estudadas. Vocês são como uma vela que se consome a cada momento iluminando os ideários de cada um de nós.

De modo muito particular, agradeço ao Professor **Dr. Roberto Vêras** que acompanhou diretamente a construção da problemática aqui apresentada. Através de suas significativas contribuições, foi possível enxergar ao longe as questões propostas.

Ao Professor **Dr. Edgar Malagodi**, por abrir as portas de sua casa inúmeras vezes. Tivemos a rara oportunidade de participar de momentos intensos de aprendizagem, permeados de grande generosidade. Tais momentos ficarão registrados para sempre em minha vida.

À Professora **Dr.^a Marilda Aparecida de Menezes**, a minha eterna gratidão! Muito mais que uma orientadora, uma verdadeira amiga e, inúmeras vezes, uma mãe. Perdoe-me, mas é assim que nós, orientandos, de fato nos sentimos: Verdadeiros irmãos em uma raríssima fraternidade acadêmica. Desse modo, envolta da gratidão e do privilégio de tê-la como mestra, o que poderia dizer diante de tamanho presente concedido a mim. Esses anos em que tive a oportunidade de conviver com uma pessoa tão generosa, aprendi sobre vários conceitos e teorias, mas, o ensinamento que ficará presente por toda minha vida, é que devemos, enquanto profissionais e seres humanos, atuar na sociedade, com respeito, dedicação, humildade e, acima de tudo, honestidade. Por fim, sinto não conseguir externar a minha gratidão através das palavras. De fato, é uma tarefa muito difícil! Vou resumir, então, dizendo: **"OBRIGADA POR TUDO"**. A senhora sabe bem o que isso significa. Eu espero poder fazer o mesmo por meus alunos.

Aos meus queridos amigos dos grupos de estudo, agradeço por essa oportunidade imprescindível na minha formação acadêmica. Não só pelo saber adquirido, mas principalmente pela oportunidade de crescer enquanto pessoa na incrível arte da convivência.

Ao **Grupo de Estudo de Juventude Rural**, quero dizer que hoje sei o quanto aprendi e que toda a base para minha pesquisa com os jovens veio de nossas discussões. No entanto, além da teoria, acredito que um dos maiores aprendizados que tivemos foi o respeito e a admiração semeada entre nós, pelas dificuldades e, muito mais, pela capacidade demonstrada em cada uma das pesquisas desenvolvidas. Somos uma verdadeira família!

Ao **Grupo de Estudo de Políticas Públicas e Trabalho**, agradeço o carinho e a amizade de cada um. Em nossas jornadas de estudo, percebemos o quanto é notório o nosso crescimento teórico. De fato, aprendemos muito! Mas, apesar de nossas produções, há ainda muito "trabalho" a fazer.

Minha querida família de Campina Grande, essa caminhada seria impossível sem vocês:

Carlinha, você é uma irmã! Obrigada pelo abrigo no coração!

Fabya, seria impossível enfrentar as tormentas da noite sem você!

Emmanuela, o que seria de nós sem seus cuidados?

Franqueline, Janine, Francis, Ana Sávia, Valério, Amurabi, Suely, Miguel, Ricardo, Felipe, Jascira, Bruna, Marcelo Saturnino e Assunção, obrigada pela existência de cada um de vocês. Tivemos momentos maravilhosos!

Turma do mestrado "2007", nossa turma será inesquecível!

Jamais poderia deixar de agradecer a presença, mesmo à distância, da minha amada **Comunidade Católica Jesus Vive e dos meus irmãos de fraternidade.**

Geysa França, você representa cada um daqueles que compreenderam a minha ausência, e que em nenhum momento deixaram de estar presente em minha vida, comungando das angústias e das alegrias.

Adriana, Wagna e Carmem, obrigada por serem presenças constantes em minha vida, e também por me aturar, amar e acolher a cada regresso para casa. Amo vocês!

Juliana, amiga de velhos e novos tempos, obrigada pela possibilidade de partilhar a vida.

Alan, meu querido filósofo, partilhar contigo é uma dádiva. Você me faz refletir sobre a vida.

Rennan, obrigada por se dispor a me ajudar na arte da escrita. Jamais cansarei de falar o quanto você, artista das palavras e da música, inspira minha existência.

Padre Erandi, obrigada por sua dedicação e por me ajudar a não perder o foco.

Joanês e Ministério Érgon, adoro cantar com vocês! Essa OBRA também faz parte da minha vida!

Minha **FAMÍLIA** querida, vocês foram a peça-chave para essa conquista. Agradeço a Deus por cada um de vocês, por sonhar, sofrer e conquistar essa vitória comigo!

Anairan, você foi fundamental no início dessa jornada. Obrigada pelo apoio e pela acolhida em sua casa!

Tia Maria José, a senhora representa a nossa grande família. Obrigada por tudo!

Enison, Cristiana, Cleoson e Angela, meus irmãos amados, valeu a força nos momentos mais difíceis!

Gabriel, Ellen Beatriz, Lucas e Nathália, meus queridos sobrinhos, vocês tornaram meus dias mais felizes e coloridos.

Sheila, minha irmãzinha, sua chegada em minha vida trouxe uma nova razão de ser.

Papai e Elza, neste último momento, agradeço pelo acolhimento e paciência que tiveram comigo.

Por fim, agradeço a disponibilidade dos jovens, das famílias e empresas de Pão de Açúcar que permitiram que este trabalho pudesse ser realizado.

Ao BNB (Banco do Nordeste do Brasil), pelo apoio através do Programa BNB/ETENE Teses e Dissertações 2008, e ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), cuja pesquisa foi realizada no âmbito do Projeto

CNPq/Edital Universal “*Juventudes Rurais do Nordeste: Trabalho, Migrações e Movimentos Sociais*”, coordenado por Marilda Aparecida de Menezes.

RESUMO

Este trabalho propõe trazer para a reflexão sociológica uma realidade sócio-econômica, até o presente momento, não explorada dentro das Ciências Sociais: A configuração das relações e condições de trabalho em empresas de confecções, com um olhar específico para a juventude. Tais empresas estão localizadas na região do Agreste Setentrional do Estado de Pernambuco, atualmente conhecida como Pólo de Confecções do Agreste. A produção de confecções, conhecida originalmente como "*Sulanca*", teve seu surgimento na década de 1950, na cidade de Santa Cruz do Capibaribe. Seu desenvolvimento se deu a partir de 1960, mas, somente em 1980 há um forte crescimento regional na produção. A atividade é realizada através de um misto de produção artesanal e industrial, sendo considerada, ou para os moradores locais, ou ainda para os inúmeros migrantes que chegam à região, uma real estratégia de sobrevivência. No entanto, tal realidade, desde seu surgimento, esteve caracterizada pela informalidade e precariedade das condições de trabalho. Fator que impõe vários desafios, de modo particular a juventude, exigindo maior flexibilidade e agravando assim a qualidade de emprego disponível.

Palavras-chave: Pólo de Confecções, trabalho, informalidade, juventude, migrações.

ABSTRACT

This paper proposes to bring a sociological social-economic reality so far untapped in the Social Sciences: The configuration of relationships and working conditions in garment companies with a specific look for youth. These companies are located in the region of the Wasteland of the Northern state of Pernambuco, now known as Pole Clothing of the Wasteland. The production of clothing originally known as "Sulanca" had its beginnings in the 1950 in Santa Cruz do Capibaribe, its development took place since 1960, but only in 1980 there is a strong regional growth in production. The activity is conducted through a mix of craft and industrial production, being considered for local residents or for the many migrants who come to the region a real survival strategy. However, this reality since its existence was characterized by informality and precarious working conditions, a factor that imposes several challenges especially the youth, requiring greater flexibility and thus increasing the quality of jobs available.

Key -Words: Clothes Pole, labor, informal, youth, migration.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Pernambuco e Abrangência do Pólo de Confeções do Agreste, pág.....	33
Figura 2 – Taquaritinga do Norte e as outras cidades que compõe o Pólo de confeções do Agreste, pág.....	58
Figura 3 – Casa do proprietário da empresa Júlio Confeções, pág.....	77
Figura 4 – Armazém onde funcionava parte da empresa Júlio Confeções, pág.....	78
Figura 5 – Espaço de trabalho da empresa Moda Vest, pág.....	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Principais Pólos de Confeção do Nordeste - Localização das empresas – 1998, pág.....	32
Quadro 2 – Censo Demográfico 2000 – Resultados do Universo (Fonte: IBGE), pág.....	59
Quadro 3 – Censo Demográfico 2000 – Resultados de Amostra (Fonte: IBGE), pág.....	59

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Feira da Sulanca – Santa Cruz do Capibaribe, pág.....	44
Foto 2 - Santa Cruz Moda Center, pág.....	45
Foto 3 - Feira da Sulanca – Caruaru, pág.....	47
Foto 4 - Parque das Feiras -Toritama, pág.....	49
Foto 5 - Feira da Sulanca - Toritama, pág.....	50
Foto 6 - Pão de Açúcar, pág.....	61
Foto 7 - Parte da Usina Taisa, pág.....	63
Foto 8 - Usina Taisa em funcionamento (Década de 1970), pág.....	63
Foto 9 - Costureira (Década de 1980), pág.....	65
Foto 10 - Estamparia (Década de 1980), pág.....	66
Foto 11 - Corte Industrial, pág.....	70

Foto 12 - Estamparia mecanizada, pág.....	70
Foto 13- Bordado Industrial, pág.....	71
Foto 14 - Costura Industrial, pág.....	71
Foto 15 - Triagem do tecido comprado – Empresa Júlio Confecções, pág.....	81
Foto 16 - Preparação para o corte I – Empresa Júlio Confecções, pág.....	82
Foto 17 - Preparação para o corte II – Empresa Júlio Confecções, pág.....	83
Foto 18 – Estamparia I – Empresa Júlio Confecções, pág.....	84
Foto 19 – Estamparia II – Empresa Júlio Confecções, pág.....	85
Foto 20 - Estoque de malhas – Empresa Moda Vest, pág.....	93
Foto 21 - Processo de Corte – Empresa Moda Vest, pág.....	94
Foto 22 - Setor da Estamparia – Empresa Moda Vest, pág.....	95
Foto 23 - Setor do Bordado – Empresa Moda Vest, pág.....	96
Foto 24 - Setor de Costura – Empresa Moda Vest, pág.....	97
Foto 25 - Setor de Acabamento – Empresa Moda Vest, pág.....	98

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Lugar de Origem – 84 jovens entrevistados, pág.....	115
Gráfico 2 – Escolaridade, pág.....	116
Gráfico 3 – Nível de Escolaridade dos Não Ativos, pág.....	116
Gráfico 4 – Nível de Escolaridade dos Ativos, pág.....	117
Gráfico 5 – Composição Familiar – Escolaridade, pág.....	117
Gráfico 6 – Ocupação Familiar, pág.....	118
Gráfico 7 – Primeiro Trabalho – Local, pág.....	119
Gráfico 8 – Como conseguiu o primeiro emprego?, pág.....	120
Gráfico 9 – Média Salarial, pág.....	122
Gráfico 10 – Utilização do Salário, pág.....	123

LISTA DE SIGLAS

ASCAP - Associação dos Confeccionistas de anta Cruz do Capibaribe
ASCES - Associação Caruaruense de Ensino Superior
ACIC - Associação Comercial e Industrial de Caruaru
ASCIT - Associação Comercial e Industrial de Toritama
ACIPA - Associação Comercial e Industrial de Pão de Açúcar
AHTD - Agenda Hemisférica de Trabalho Decente
APL's - Arranjos Produtivos Locais
ASN - Agência Sebrae de Notícias
BNB - Banco do Nordeste do Brasil
BB - Banco do Brasil;
BNDS - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CLT - Consolidação das Leis do Trabalho
CONVASF - Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco
CTM - Centro Tecnológico de Moda
DPJ - Departamento de Políticas de trabalho e Emprego para a Juventude
DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA - Educação para Jovens e Adultos
FAVIP - Faculdade Vale do Ipojuca
FADIRE - Faculdade de Desenvolvimento e Integração Regional
FAFICA - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru
GTI - Grupo Interministerial da Juventude
GTP/APL - Grupo de Trabalho Permanente para Arranjos Produtivos Locais
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OIT - Organização Internacional do Trabalho
ONG's - Organizações Não Governamentais
PPGCS - Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais
PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PEA - População Economicamente Ativa
PPA - Plano Plurianual

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SPPE - Secretaria de Políticas Públicas de Emprego

SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

SINDIVEST - Sindicato da Indústria do Vestuário

SINDCOSTURA-PE - Sindicato dos Oficiais Alfaiates, Costureiras e Trabalhadores das Indústrias de Confecções de Roupas do Estado de Pernambuco

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	18
2. CAPITULO I - O trabalho no Agreste Pernambucano – Da Sulanca ao Pólo de Confeccões.....	25
2.1. A “Sulanca”: Contextualização histórica e atualidade.....	25
2.2. A capital da “Sulanca” começa a ser conhecida como Pólo de Confeccões do Agreste.....	32
2.3. Configurando as indústrias de Confeccões.....	38
2.4. A comercialização da produção.....	43
2.5. Indústrias de Confeccões no contexto do trabalho flexível, precário e informal.....	51
3. CAPITULO II – Configurando as empresas em Pão de Açúcar – Taquaritinga do Norte	58
3.1. O local da pesquisa – Município de Taquaritinga do Norte.....	58
3.2. Contextualização histórica do distrito de Pão de Açúcar.....	61
3.3. Processo de produção nas indústrias de Confeccões de Pão de Açúcar.....	67
3.4. Descrevendo as empresas de Confeccões.....	75
3.4.1 Micro-empresa familiar Júlio Confeccões – Origem.....	75
3.4.1.1 O espaço de trabalho.....	77
3.4.1.2 Processo de produção.....	81
3.4.1.3 Sociabilidade no trabalho.....	87
3.4.2 Média empresa familiar Moda Vest – Origem.....	89
3.4.2.1 O espaço de trabalho.....	91

3.4.2.1 Processo de produção.....	93
3.4.2.1 Sociabilidade no trabalho.....	100
4. CAPÍTULO III – A inserção dos jovens no Pólo de Confeccões do Agreste Pernambucano.....	102
4.1. Construção social da categoria de juventude.....	102
4.2. A juventude brasileira e a significância do trabalho.....	105
4.3. A problemática do desemprego e do mercado precário e informal para a juventude.....	109
4.4. O perfil dos jovens inseridos nas Empresas de Confeccões em Pão de Açúcar.....	113
5. CAPÍTULO IV - Estudo de caso: A inserção dos jovens e suas famílias na produção de confeccões.....	123
5.1. Família Gomes.....	126
5.1.2 O jovem Josuel.....	137
5.2. Família Diniz.....	145
5.2.1 A jovem Juliana.....	154
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	159
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	162
ANEXOS.....	174

Anexo I – Questionário aplicado aos jovens de Pão de Açúcar.....	175
Anexo II - Entrevista Semi-Estruturada com os Jovens e suas Famílias.....	177

INTRODUÇÃO

O interesse em estudar juventude partiu, de certo modo, da minha experiência de vida. Nasci e vivi em São Paulo durante onze anos, mais especificamente na cidade de Osasco, onde meus pais estabeleceram moradia depois de casados. O meu contato com o Nordeste se deu pelo fato de ser filha de migrantes que, na década de 1960, partiram para São Paulo, assim como tantos outros nordestinos em busca de emprego.

Em 1990, deu-se a decisão de vir para Pernambuco definitivamente. O local escolhido foi Pão de Açúcar, pequeno distrito do município de Taquaritinga do Norte – PE, onde morava parte de meus familiares. Desse modo, ao longo de 19 anos, tive a possibilidade de observar as transformações locais decorrentes da expansão da Indústria de Confeções, popularmente conhecida como “*Sulanca*”¹, que se tornou a principal atividade econômica de toda a região.

Como não podia ser diferente, semelhante às demais famílias que sobrevivem particularmente da produção de confeções, ao chegar à Pão de Açúcar, minha família também decidiu montar uma pequena confecção que funcionava em casa, envolvendo todos os membros. Vale salientar que tal atividade serviu de base para o custeio dos meus estudos no magistério e na graduação. Durante algum tempo, em minha trajetória, houve uma combinação entre a atividade com a “*Sulanca*” e o exercício do magistério. Desse modo, pude vivenciar a experiência de trabalho da juventude local.

Durante dois anos e meio, trabalhei como coordenadora pedagógica, na única escola pública do distrito, com 1.800 alunos. Através do intenso contato com os alunos, como pedagoga, e na atividade de ensino e coordenação, pude observar alguns aspectos relevantes das relações de trabalho, das perspectivas de vida dos jovens, e da expansão da produção de confeções. O mais característico destes é o desinteresse pela escola, acompanhado de justificativas relacionadas ao cansaço e à falta de tempo para conciliar trabalho e escola. No tocante à perspectiva de futuro, quando questionados sobre projetos de futuro e profissões, as respostas eram sempre as mesmas: “*Não sei!*”; “*Não sei o que quero fazer!*”; e ainda, “*Não*

¹ Palavra popularmente conhecida originada da união de palavra helanca (malha vinda do Sul do País) e a palavra sul = SUL + ANCA = SULANCA. Há também uma significação depreciativa relacionada ao produto, algo como sucata. Tal hipótese tem mais fundamento sendo coerente com o início das confeções que eram cobertas ou roupas feitas pelo povo com pedaços de retalhos, com um acabamento mal feito. Deste modo a “*Sulanca*” representava uma região extremamente pobre, que buscava sobreviver com meios próprios. Teve seu surgimento no final da década de 1940.

quero continuar estudando!". Mas, o que era mais recorrente era: "*Quero montar meu fabrico!*".

Ainda nesse contato pedagógico com os demais membros da comunidade escolar, como professores e pais, os questionamentos do corpo docente diziam respeito à falta de comprometimento dos alunos em relação aos estudos e ao índice de evasão escolar que aumentava a cada ano. Já os pais, por sua vez, levantavam questões referentes ao alto consumo de bebida alcoólica e outras drogas, à gravidez na adolescência, e principalmente à falta de diálogo no interior das famílias.

Essas questões me inquietaram profundamente, pois, à primeira vista, me pareciam relacionadas ao modo de vida e às condições de trabalho local. Daí, a decisão de aprofundar esses questionamentos através de um estudo.

. Diante dessa decisão de aprofundar o estudo sobre a juventude, e de modo particular a juventude de Pão de Açúcar e sua singularidade, como aluna especial do PPGCS-UFCG, tive a oportunidade de conhecer a literatura sobre a juventude, de modo geral, e especificamente sobre a juventude rural, ou seja, de pequenos municípios. Sendo assim, este trabalho nasceu do encontro entre minha experiência de vida, a pedagogia e a literatura acadêmica na área das Ciências Sociais.

O percurso acadêmico me suscitou questões diversas, levando-me a pensar em vários aspectos que estavam ligados ao objeto de estudo escolhido. A princípio, o objetivo era pesquisar a problemática da evasão escolar, indagando sobre uma possível ligação com o meio de trabalho que envolve a comunidade local.

Seguindo essa linha de pensamento, percebi que era necessário partir da história de vida dos moradores através da "*memória*". Nesse caso, compreendida, segundo Halbwachs (1990), como resultado da interação social. Desse modo, seria possível compreender historicamente o processo do surgimento da "*Sulanca*", uma vez que, há poucos registros históricos no distrito e na região.

A partir de inúmeras conversas com os moradores locais, foi possível compreender que o trabalho e as relações que os regem, na história de Pão de Açúcar, tiveram dois períodos marcadamente significativos: o primeiro, caracterizado pelas atividades agrícolas combinadas com a indústria de beneficiamento de algodão, e por um forte movimento migratório nas décadas de 1950 a 1970; o segundo marcou o movimento de retorno dos migrantes, a partir do final da década de 1980, aliado e motivado pela "*Sulanca*", atual meio de sobrevivência.

Como resultado dessa breve pesquisa, escrevi alguns artigos e trabalhos acadêmicos: *Jovens de ontem, adultos e idosos de hoje: memória de migrantes de retorno em Pernambuco* (2007); *Migração para o trabalho na “Sulanca”*: Uma solução ou um problema para os trabalhadores rurais de Pernambuco (2008); *Migração para o trabalho na “Sulanca”*: Em busca de uma estratégia de sobrevivência (2008); *A juventude na Sulanca: os desafios no mercado de trabalho precário no município de Taquaritinga do Norte – PE* (2009).

Mas, uma questão ainda me intrigava e me acompanhou até a defesa do projeto: “*A questão da juventude e do consumo*”, na tentativa de compreender de que modo o consumo poderia se constituir como um importante componente das subjetividades e da construção das identidades dos jovens do Pólo de Confecções do Agreste.

Por fim, depois de um longo caminho de muitas questões suscitadas e pouco tempo para respondê-las, decidi centrar minha pesquisa na questão da informalidade e precariedade das relações de trabalho do Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano, fazendo um recorte específico nas Empresas de Confecções do distrito de Pão de Açúcar (Taquaritinga do Norte – PE), nas quais grande parte da mão-de-obra é constituída por jovens.

A possibilidade de fazer parte desse universo permite uma proximidade maior com tal realidade. No entanto, a academia traz o suporte necessário para fazer o estranhamento “*de alguma regra social familiar*” (DA MATTA, 1978, p. 28). Portanto, com o distanciamento necessário para garantir uma investigação com condições de objetividade, sem perder o grau de subjetividade implicado pelo conhecimento da vida social (VELHO, 1978), acredito ser de extrema relevância tecer um olhar sociológico sobre a realidade de trabalho vivida pela juventude local, que se assemelha, consideravelmente, às cidades circunvizinhas por estar centrada no mesmo mercado de trabalho.

A problemática que permeia a construção da pesquisa aqui apresentada baseia-se na questão histórica do surgimento espontâneo da “*Sulanca*”, atualmente conhecida como “*Pólo de Confecções do Agreste*”, dentro de um contexto de informalidade e precárias condições de trabalho que se apresenta, no entanto, como uma estratégia de sobrevivência para os jovens e suas respectivas famílias.

O objetivo geral do trabalho é compreender a configuração das relações de trabalho no Pólo de Confecções do Agreste, com um olhar privilegiado para a juventude inserida nas empresas de confecções.

Dentre os objetivos específicos, destacam-se: contextualizar historicamente as transformações ocorridas no mundo do trabalho e o surgimento do Pólo de Confecções do

Agreste; descrever o processo de produção a partir de duas empresas escolhidas como casos típicos, para melhor compreender a configuração do processo de trabalho no qual a juventude está inserida; desenvolver uma observação participante, analisando o tempo cotidiano e semanal, no que se refere às relações e condições de trabalho; realizar entrevistas com um jovem de cada empresa e suas respectivas famílias, sobre questões como origem, escolaridade, jornada de trabalho, satisfação no trabalho, relação com o patrão e perspectivas de futuro; tecer uma discussão referente à juventude e trabalho, dando maior enfoque às problemáticas da precariedade e informalidade no trabalho.

A juventude brasileira tem na busca pelo trabalho uma de suas marcas identitárias. O Pólo de Confeccões do Agreste pernambucano representa a possibilidade de trabalho para todos. Diante de tal realidade, este trabalho propõe compreender as relações de trabalho no pólo, com um olhar específico para a juventude. Sendo assim, espero poder contribuir com as pesquisas sobre Juventude no Brasil, principalmente ao que se refere à questão da precariedade das relações de trabalho, uma vez que, na bibliografia encontrada, observamos uma maior abordagem ao que se refere à precariedade do trabalho voltada para a questão de gênero, como Hirata (2002), Nádyá Guimarães (2004), dentre outros.

Para o desenvolvimento deste trabalho, escolhi as metodologias de história oral e etnografia, acreditando haver uma complementação entre as duas, ao que se refere à apreensão do objeto de pesquisa.

Segundo Pierre Bourdieu, a metodologia de pesquisa se coloca como *“uma atividade racional – e não como uma espécie de busca mística”* (1989, p. 18), fazendo o uso de técnicas empíricas e teóricas na construção do objeto de pesquisa, e observando com vigilância e rigor científico a sua utilização, para o *“melhor aproveitamento possível dos recursos, a começar pelo tempo de que se dispõe”*. (1989, p.18).

Deste modo, para obter o sucesso da pesquisa empírica, se faz necessário considerar a interação entre pesquisador e informantes, além da infinidade de estratégias e procedimentos que podem ser empregados na prática da pesquisa, levando sempre em consideração os *“limites e possibilidades da metodologia que elegemos e as técnicas que julgamos adequadas”* (MENEZES; AIRES; SOUZA, 2004, p.4).

A metodologia da história oral é compreendida não como uma simples técnica para coleta de dados e informações, mas como *“um discurso construído no processo de interação social entre pesquisador e informantes”* (MENEZES; AIRES; SOUZA, 2004, p. 3). Sendo assim, encontramos um processo de construção de um discurso numa interação social entre os

sujeitos: entrevistador e entrevistado. O entrevistado é um protagonista, pois, narra sobre sua vida, seu cotidiano, seu grupo social, suas redes de relações.

Por meio da história oral, há a oportunidade de desenvolver uma *“metodologia qualitativa de pesquisa voltada para o conhecimento do tempo presente; permite conhecer a realidade presente e o passado ainda próximo pela experiência e pela voz daqueles que os viveram.”* (MENEZES, 2005, p.8).

A etnografia, por sua vez, na perspectiva apresentada por Geertz (1978), traz a possibilidade de fazer uma leitura, ou do comportamento humano, ou de um acontecimento social, interpretando a cultura tecida pelo próprio homem.

Seu principal objetivo é obter uma descrição densa sobre o que faz determinado grupo, os seus significados atribuídos a eventos, fatos, ações e contextos, onde são produzidos, percebidos e representados. Sendo assim, pode-se alegar que etnografia é a escrita do visível. Para Geertz, a descrição etnográfica é *“Interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o ‘dito’ num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis”* (1978, p.31).

Segundo Mattos, a função da etnografia é *“revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar”* (2001, p. 01).

Dessa forma, como é afirmado por Braga (1988), ao estudar o significado da vida diária, pretende-se aprofundar a investigação sobre aquilo que é visto e experimentado, mas também sobre o que não é explicitado, ou seja, pretende-se revelar o cotidiano, no qual as pessoas agem e encontram o significado de suas ações.

Os instrumentos metodológicos de pesquisa utilizados para a análise das relações de trabalho da juventude foram vários, em momentos diferenciados, e permeados por vários questionamentos por parte dos moradores.

Num primeiro momento, por ser moradora da comunidade por 19 anos e ter participado ativamente na produção das confecções, achei que essa experiência me atrapalharia. No entanto, se constituiu num ponto positivo, possibilitando o acesso às famílias, às empresas e aos jovens, e também ajudando na resposta às inquietações dos moradores sobre a pesquisa.

Como salientado anteriormente, por não existirem registros históricos em Pão de Açúcar, houve a necessidade de recorrer à história oral como possibilidade de levantar a

história local e fazer o registro da mesma. Para essa tarefa, foi imprescindível o auxílio dos moradores mais antigos, que abriram as portas de suas vidas e de suas casas e, através de conversas formais e informais, narraram, a partir de suas memórias, sobre a formação do distrito, os meios de sobrevivência das pessoas da época, o forte processo de migração e retorno e o surgimento da “*Sulanca*”. Na medida em que conversávamos, tentava fazer o levantamento de fotos antigas que pudessem ilustrar as narrativas.

Em um segundo momento, decidi visitar 15 empresas formais e informais. Marquei entrevistas com os proprietários e priorizei suas trajetórias de vida dos mesmos e a constituição da empresa. Tinha como objetivo escrever sobre a história local e, conseqüentemente, o surgimento das empresas de confecções e sua importância para a economia. Além das entrevistas, foi permitido fotografar o processo de produção.

Ao retornar às empresas, procurei informações sobre a idade dos funcionários. Dados que não foram nada fáceis de conseguir por não haver registros dos funcionários em grande parte delas, com exceção de duas das empresas formais que foram as mais organizadas e estruturadas. Depois dos dados levantados, foi possível observar que a maioria dos jovens inseridos nas empresas visitadas estava em uma faixa etária entre 17 e 25 anos.

Com fins de tecer, minimamente, um perfil dos jovens inseridos nas empresas de confecções, mais uma vez decidi voltar às empresas e pedir permissão para aplicar um questionário sobre dados pessoais, grau de escolaridade, constituição familiar, relações de trabalho, utilização da renda, e grau de satisfação com o trabalho para os jovens na faixa etária identificada. Como o ritmo do processo de produção não pode ser interrompido, combinei de retornar no dia seguinte para recolher os questionários que seriam respondidos em casa.

Diante das informações levantadas, até então, senti a necessidade de acompanhar mais de perto o cotidiano de trabalho dos jovens. Como estratégia metodológica, escolhi duas das quinze empresas visitadas. O critério de decisão foi baseado no tamanho e na organização das empresas, para que pudessem servir de exemplos dos tipos de empresas no Pólo. Sendo assim, escolhi uma “*micro-empresa*” (SEBRAE, 2003), que funciona na informalidade e é constituída por sete funcionários, sem contar com a família que é formada por três pessoas (pai, mãe e filho); e a segunda, uma “*média empresa*” (SEBRAE, 2003), formalizada, constituída por 110 funcionários.

Vale salientar que todas as empresas do distrito, inclusive as duas escolhidas, têm uma base estrutural familiar.

Além de definir as empresas, era necessário também escolher dois jovens inseridos nessas empresas, para que, durante uma semana, eu pudesse acompanhar a rotina diária no trabalho e na família.

Em um período de duas semanas alternadas, acompanhei os dois jovens em suas rotinas de trabalho, observando suas condições de trabalho, o ritmo da produção, as relações entre funcionários e patrões, podendo ainda conversar previamente com alguns funcionários em horário de expediente. Nas casas dos jovens, tive acesso à rotina semanal das famílias, tentando combinar as entrevistas em horários que eu pudesse observar, mais de perto, o cotidiano familiar, procurando ser o menos invasiva possível.

A rotina de trabalho dos jovens é tão intensa que seus poucos momentos de lazer se limitam à praça do distrito (Pão de Açúcar), às Igrejas Católicas e Evangélicas, aos inúmeros bares, a um cyber onde podem acessar a internet, e ainda às festas de padroeiros nas cidades circunvizinhas.

Assim sendo, apresento uma perspectiva de compreensão da inserção da juventude no mercado de trabalho no Distrito de Pão de Açúcar (Taquaritinga do Norte - PE), com o objetivo de descrever as relações de trabalho das empresas de confecções, levando em conta a sua precariedade, tanto na empresa formal, quanto na informal.

Ressalto que a discussão instaurada no presente trabalho não esgota as possibilidades de pesquisa sobre a questão levantada. Ao contrário, sugere a necessidade de ampliação da discussão em setores diversos, uma vez que, as pesquisas sobre o contexto de trabalho na região são incipientes, havendo uma grande necessidade de aprofundamento das questões aqui pautadas e doutras que não puderam ser aprofundadas, por não ser o foco específico da pesquisa, pelo tempo disponibilizado, e ainda pela quantidade de informações que se modificam em um ritmo crescente.

CAPITULO I - O trabalho no Agreste Pernambucano – Da Sulanca ao Pólo de Confeções

2.1 A “Sulanca”: Contextualização histórica e atualidade

Antes de adentrar, especificamente, no surgimento e desenvolvimento da “Sulanca”, se faz necessário compreender o contexto histórico, no qual o Nordeste se encontrava entre as décadas de 1950 e 1970.

Ao se falar de Nordeste, geralmente, se faz referência a uma Região de seca, super populosa e estagnada. Andrade (1986), ao falar dessa impressão superficial, faz referência a um Nordeste que possui uma grande área de produtos consideravelmente importantes para a economia do país, dentre eles, cita: “*o petróleo, a gipsita, o calcário, o ferro, o manganês, etc. e de produto agrícola de exportação como cacau, açúcar de cana e o álcool, o fumo, o arroz, etc.*” (p.125). Ressalta ainda que não é uma Região inteiramente semi-árida, mas, compreendida pela Zona da Mata, Sertão e Agreste, com áreas úmidas, conhecidas como brejos.

Um dos meios de sobrevivência do sertanejo, morador do semi-árido nordestino, estava baseado na cultura do algodão, associada a outras culturas de subsistência, como milho, feijão e criação de gado.

A cultura do algodão foi trazida para o Brasil pela Inglaterra, que tinha como principal fornecedor os Estados Unidos da América e, devido a Guerra de Secessão, teve sua produção abalada. Sendo assim, a Inglaterra precisou procurar outros mercados, com fins de não prejudicar o processo de acumulação capitalista (MENEZES, 1985, p. 21).

Ao longo da história, as secas são constantes no semi-árido nordestino. No século XX, há grandes secas: entre 1915 e 1919; 1932; 1952; 1958; 1970; e entre 1979 e 1984, considerada como a maior seca do século (ANDRADE, 1986, p. 126).

Como forma de ajudar a população duramente atingida pelas secas ao longo dos vários períodos, surgiram algumas intervenções do Estado. Em 1907, foi criada a Inspeção Federal de Obras contra as Secas, atualmente conhecida como DNOCS, realizando uma “*série de estudos geológicos, hidrológicos, botânicos, geográficos, minerológicos*” (ANDRADE, 1986, p. 127), de onde se desenvolveu uma política predominantemente hídrica, beneficiando apenas os grandes proprietários.

A criação de rodovias, ligando as principais cidades do litoral ao Sertão, foi uma forma encontrada pelo Governo de fazer chegar, rapidamente, os auxílios distribuídos em época de seca, mas também de aproveitar a força de trabalho disponível, além de proporcionar trabalho, evitando o deslocamento para o litoral e, conseqüentemente, que “*congestionassem as grandes cidades, ameaçando-as de saques, de doenças e de dificuldade de abastecimento*” (ANDRADE, 1986, p. 127).

No início da década de 1950, surge um forte interesse pela modernização do Sertão através da recuperação do Vale do São Francisco. É criada, então, a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CONVASF), cujo objetivo era dar um caráter mais capitalista ao empreendimento. Desse modo, foram inauguradas as Usinas Hidrelétricas de Paulo Afonso e Três Marias, cuja finalidade era abastecer o Nordeste com energia elétrica (ANDRADE, 1986).

Surge, em 1952, o Banco do Nordeste do Brasil (BNB), procurando desenvolver o crédito na área que, até então, era delimitada como “polígono da seca”. A partir de então, se observa que as instituições constituídas começam a perceber o problema da seca como uma questão social.

Durante o Governo Kubitschek, é criado o Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste, dirigido pelo economista Celso Furtado, que procurou demonstrar que o problema do Nordeste não era de ordem física, mas social. Surge, a partir de então, a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), com o objetivo de proporcionar o desenvolvimento do Nordeste.

[...] procurou desenvolver a infra-estrutura do transporte e serviços da região, desenvolver uma política de industrialização, implantar uma política de democratização agrária, desenvolver técnicas de aumento de produção e fazer uma política de redistribuição da população (ANDRADE, 1986, p. 128).

O autor destaca ainda que, com o golpe militar em 1964, a SUDENE foi considerada como um órgão que não inspirava confiança e incorporada ao Ministério do Interior.

Na seca de 1970, o Governo Federal, através de sua política assistencialista, apresenta o Projeto Sertanejo, onde o pequeno produtor dispunha de empréstimos nos bancos oficiais para melhorar sua infra-estrutura. Mas, o projeto esquecia que a grande maioria não possuía terra, e os que a possuíam era em uma quantidade insuficiente.

Com a Nova República, em 1985, a SUDENE torna-se um órgão burocrático, dando assistência aos Governos Estaduais, gerenciando a aplicação de incentivos fiscais e grandes projetos agrícolas industriais.

Ao que se refere aos *"flagelados do sertão"*, como denomina Andrade (1986), por falta de estrutura para fornecer uma melhor assistência, homens e mulheres foram organizados em *"frentes de trabalho"*, atuando na construção de estradas, açudes, pontes, etc., para receber o equivalente à metade de um salário mínimo da época.

Diante da política de desenvolvimento para o Nordeste, Andrade (1986) é enfático quando diz que, a princípio, a SUDENE preocupava-se com a ampliação da fronteira agrícola, a comercialização de gêneros alimentícios, a industrialização, a exploração dos recursos minerais, a melhoria do sistema de transporte e comunicação, saúde pública e educação de base, mas *"se descuidou um pouco do problema humano"*. E ratifica: *"não podemos ser um país forte e desenvolvido, com uma população raquítica, subnutrida e analfabeta"* (p. 207).

Enquanto a preocupação com o desenvolvimento estava localizada mais na região metropolitana de Recife, o interior do Estado continuava pouco dinâmico e economicamente dependente de atividades primárias. Sendo assim, o pequeno agricultor, desamparado diante de tal política, encontrava sérias limitações ao que diz respeito à reprodução da família, dentre elas o tamanho insuficiente de suas propriedades, a dificuldade de acesso a crédito de investimento, e ainda a expropriação na esfera da comercialização, tendo que vender seus produtos por valores impostos por comerciantes e industriais, chegando muitas vezes, em casos de emergência, a vender os produtos reservados para sua subsistência (MENEZES, 1985).

Havia ainda o caso do morador que trabalhava em regime de parceria, fixando, com o patrão, como seria a partilha de *"meia"* das culturas, ou seja, de tudo que era produzido, 50% era para o patrão e 50% para o morador. Esse modo de trabalho submetia o morador a condições sociais de vida inferiores em relação aos pequenos proprietários. Com a expansão da pecuária, o gado, geralmente, disputava o espaço da terra com o morador. Dispondo de acesso limitado aos meios de produção que garantiriam a reprodução familiar, o morador, juntamente a sua mulher e seus filhos, era forçado a se assalariar (MENEZES, 1985).

O contexto apresentado por Andrade (1986), ao que se refere à problemática do desenvolvimento do Nordeste, e mais especificamente por Menezes (1985), no Sertão Paraibano, não se diferenciava do que era vivido pelo pequeno agricultor e morador do Agreste Setentrional de Pernambuco. Durante várias entrevistas, para compreender um pouco

melhor o surgimento da “Sulanca”, e como é conhecido hoje o “Pólo de Confeções do Agreste”, pude perceber que a origem de, praticamente, todos trabalhadores da Sulanca em Pão de Açúcar² era a agricultura.

[...] meu pai só trabalhou em agricultura, meu pai... aqui mesmo em Pão de Açúcar [...] milho, feijão, algodão, melancia, gerimum, essas coisa assim, era o que ele plantava né, e depois trabalhava pra os outros, fazia carvão, cortava madeira, sempre o meu pai foi agricultor [...] (Dona Maria, Filha de Agricultor. Atualmente trabalha com a “Sulanca”).

[...] ah, eu lembro que o meu pai ele mandava a gente apanhar algodão, na época eu era muito criança e eu ia chorando porque era quente e tal, e tinha espinho e tinha mato e eu não achava bom apanhar algodão [...] (Dona Suely, Filha de Agricultor. Atualmente trabalha com a Sulanca”).

[...] a gente trabalhava na roça na época do inverno, e aproveitava o inverno né [...], antigamente era assim aqui existia né, hoje não existe tanto a agricultura de subsistência, mas eu peguei uma época que a agricultura de subsistência, era bem aproveitada, todos os meus irmão iam pra o roçado na época do inverno [...] (Seu João, filho de agricultor. Atualmente trabalha consertando móveis usados).

[...] meu pai sempre trabalhando na roça [...] ele tinha trabalhadores para ajudar ele, mas nós ajudávamos meu pai. A gente plantava, colhia e ajudava também a cuidar do gado, dos animais [...] (Dona Valdete, filha de agricultor. Atualmente trabalha com a “Sulanca”).

Como a agricultura na região era insuficiente para a reprodução familiar, havia a necessidade de buscar novas estratégias de sobrevivência. Desse modo, muitos membros do núcleo familiar decidiam pela migração, vendo-a como uma possibilidade de “*satisfação de suas necessidades de consumo próprias*” (SILVA, M., 2006, p. 152), além de ser uma oportunidade de melhoria de vida para seus familiares que permaneceram na região.

Esse momento de migração se dá no período em que o Brasil vivia um momento de “*forte industrialização e internacionalização*”, desenvolvendo uma “*produção de bens de consumo duráveis, como automóveis, eletrodomésticos etc.*,” que se destinava ao mercado externo (ANTUNES, 2006, p. 16), mediante uma política que favorecia a entrada do capital estrangeiro através das multinacionais.

As informações acerca do surgimento da “Sulanca” são poucas e superficiais, havendo alguns poucos dados que contam historicamente o seu surgimento. Dentre eles, destaca-se um livro com a história de Santa Cruz do Capibaribe³, onde o autor descreve,

² Como já referenciado anteriormente, a escolha de Pão de Açúcar (distrito de Taquaritinga do Norte) se deu pela proximidade com Santa Cruz do Capibaribe, havendo uma forte semelhança da origem histórica da “Sulanca”, chegando quase a convergir-se.

³ ARAUJO, Júlio Ferreira de. História de Santa Cruz do Capibaribe, 2003.

brevemente, o seu surgimento, datado entre os anos de 1940 e 1950, de forma espontânea e autônoma. No entanto, o seu desenvolvimento foi a partir de 1960.

Os tecidos vinham de Recife através de comerciantes que saíam do interior de Pernambuco para *"vender galinhas, queijo e carvão vegetal, e no retorno traziam retalhos de tecidos e transformavam em colcha, camisa, roupa infantil"* (GOMES, 2002, p. 138). As costureiras locais ajudavam no comércio que estava surgindo, com a finalidade de aumentar a renda familiar.

O processo de produção, realizado pelas famílias da época, era baseado na fabricação de peças de roupas com baixa qualidade e baixo custo, que eram vendidas na *"Feira da Sulanca"* da cidade de Santa Cruz do Capibaribe⁴, nas feiras do sul de Pernambuco, dentre outras cidades dos Estados circunvizinhos.

Através de entrevistas e conversas informais, pude perceber que a *"Sulanca"* começou a se desenvolver no auge da migração para o Sudeste do país, através dos membros familiares que ficaram no Nordeste, conseguindo, assim, reinventar suas estratégias de sobrevivência, encontrando na produção de roupas uma possibilidade de conciliar tal atividade com a agricultura de subsistência.

Entre as várias idas e vindas dos migrantes que residiam em São Paulo, por volta da década de 1980, percebendo que as condições de sobrevivência da região haviam progredido de forma considerável, muitos decidiram retornar para o Nordeste (SILVA, S. 2007).

As redes de solidariedade faziam o movimento inverso, trazendo os parentes que estavam em São Paulo em uma situação desfavorável devido o alto índice de desemprego, para trabalharem em Pernambuco na fabricação da *"Sulanca"*. Circunstância que *"influenciou provavelmente o comportamento do fluxo migratório que afluiu para a região, ampliando o número daqueles que retornaram para fixar residência"* (LYRA, 2005, p. 72).

Com a expansão rodoviária, os tecidos que abasteciam a produção da *"Sulanca"* começaram a vir de São Paulo e do Rio de Janeiro, através de caminhões que traziam ponta de estoque, retalhos e resíduos de Confecções do Brás e Bom Retiro (GOMES, 2002). Desse modo, as roupas tinham um preço mais acessível, chegando a atrair moradores em busca de emprego e compradores de várias Regiões do país, como afirma Campello (1983):

A compra de retalhos e peças de tecidos, em grande quantidade e a baixo custo, promoveu a acumulação do capital para essas empresas e viabilizou o estabelecimento de armazéns para a venda do produto. A grande quantidade de

⁴ A *"Feira da Sulanca"* de Santa Cruz do Capibaribe foi a primeira feira surgida na década de 1970.

matéria-prima que chegava, intensificou a fabricação de confecções de segunda categoria, para ser vendida na feira da cidade e em outros lugares. Expandem-se a produção de confecções populares, chamadas de “*Sulanca*” de qualidade inferior, sem acabamentos aperfeiçoados. O *sulanqueiro* era o mascate que viajava vendendo confecções populares, versão interiorana do camelô dos grandes centros urbanos. (p. 74)

A matéria-prima continua sendo comprada, em grande parte, na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, aonde muitos migrantes, que haviam ido à São Paulo em décadas anteriores, estavam retornando às suas localidades de origem e abrindo lojas a partir do contato feito em São Paulo. Com o desenvolvimento regional, muitas tecelagens do Sul e Sudeste, que anteriormente vendiam refugos de tecidos para o Brás, percebendo o crescimento e desenvolvimento da região, passaram a vender diretamente através de seus representantes que visitam as lojas e as empresas de maior porte.⁵

A partir da estratégia de sobrevivência construída nas décadas passadas pelos agricultores, o crescimento econômico da região ganha destaque impulsionado pela fabricação de roupas, produzidas geralmente nos “*fabricos*”⁶, que começam suas produções dentro das próprias casas, passando para o fundo do quintal, em uma garagem improvisada e sem muita estrutura. Atualmente, vários desses pequenos “*fabricos*” conseguiram aumentar e ampliar produção.

As empresas são constituídas por pessoas nativas da região, e também por muitos migrantes,⁷ que encontraram na produção de confecções uma oportunidade de se tornarem micro-empresários, chegando a concretizar tal intenção. São, basicamente, formadas por microunidades familiares, onde o proprietário gerencia e a família participa da organização do trabalho.

Quanto aos jovens, muitos conseguem montar suas próprias empresas, mas, a grande maioria, migra de suas cidades de origem para trabalhar nas indústrias de confecções, nas feiras populares, conhecidas como “*Feira da Sulanca*”, no comércio em geral, na construção civil, e ainda como empregadas domésticas⁸.

⁵ Dados levantados em pesquisa de campo, a partir de conversas informais com comerciantes de Santa Cruz do Capibaribe.

⁶ Nome popularmente conhecido dos espaços onde funciona a fabricação das confecções.

⁷ Migrantes advindos das cidades e Estados circunvizinhos da Região Agreste de Pernambuco.

⁸ Neste caso, muitas jovens começam como empregadas domésticas e, na casa onde trabalham, aprendem a costurar.

Vale ressaltar que, passados mais de trinta anos do surgimento da “*Sulanca*”, o principal meio de sobrevivência, na região, é a produção da confecção⁹. Mesmo nas comunidades rurais, há forte presença da confecção em combinação com as atividades agrícolas e pecuárias, sendo a confecção a grande responsável pela renda monetária da família agricultora.

⁹ A “*Sulanca*”, hoje, é denominada de confecção, por serem peças bem mais elaboradas do que na época de seu surgimento.

2.2 A capital da “Sulanca” começa a ser conhecida como Pólo de Confecções do Agreste

A confecção da “Sulanca” vai além das cidades que a originaram historicamente. Sua importância é de significativa relevância para vários outros municípios da região por movimentar a economia local, seja com a produção de roupas, seja com o comércio, aonde muitos moradores se deslocam para fazer compras nas “Feiras da Sulanca” e revender em seus lugares de origem. Há ainda intensa migração dirigida para a região Agreste, destinada para trabalho, ou permanente, ou temporário.

Diante de tamanho crescimento e desenvolvimento ao que se refere à confecção de roupas, a região passa a ser conhecida como “Pólo de Confecções do Agreste”. Melo (2000, p. 8) destaca sua importância, juntamente ao Pólo Cearense, por sua significância em termos quantitativos e qualitativos, principalmente ao que se refere às vantagens competitivas em termos de preço e, atualmente, de qualidade, saindo, por sua vez, do âmbito local/regional para o global.

Segundo os dados abaixo apresentados pelo autor, o Pólo de Confecções do Agreste se configura no Nordeste com certa expressividade diante dos demais, estando em segundo lugar, e perdendo somente para o Pólo do Estado do Ceará.

Quadro 1 - Principais Pólos de Confecção do Nordeste - Localização das empresas – 1998

Pólos	Empresas
Ceará	3.719
Pernambuco	1.500
Paraíba	359
Rio Grande do Norte	224
Bahia	115
Piauí	81

O SEBRAE (2003) aponta a região com uma abrangência comercial de 45 mil pessoas circulando, semanalmente, nas feiras de Confecções Populares. Produção confeccionada por 12 mil unidades produtivas, empregando 76 mil pessoas. Segundo o documento sobre “Estratégia de Desenvolvimento Local de Pernambuco – Governo dos Municípios” (2004), os municípios citados são responsáveis por 73% da produção de

vestuário do Estado, produzindo 850 milhões de peças por ano. Diante de números tão expressivos, vale ressaltar que a pesquisa observou também um índice de 90% de informalidade na região.

O Pólo de Confeções do Agreste é composto pelas cidades de Santa Cruz do Capibaribe, Taquaritinga do Norte, Toritama e Caruaru, dentre outras cidades do Agreste pernambucano. A economia local gira em torno da vasta produção de confecção, que vai desde roupas íntimas, de dormir, de praia/banho, esportivas, de lazer, sociais, infantis, profissionais, meias, modeladores, até acessórios têxteis para vestuário, artigos de cama, mesa, banho, artigos de copa/cozinha, decorativos, produtos industriais e produtos técnicos.

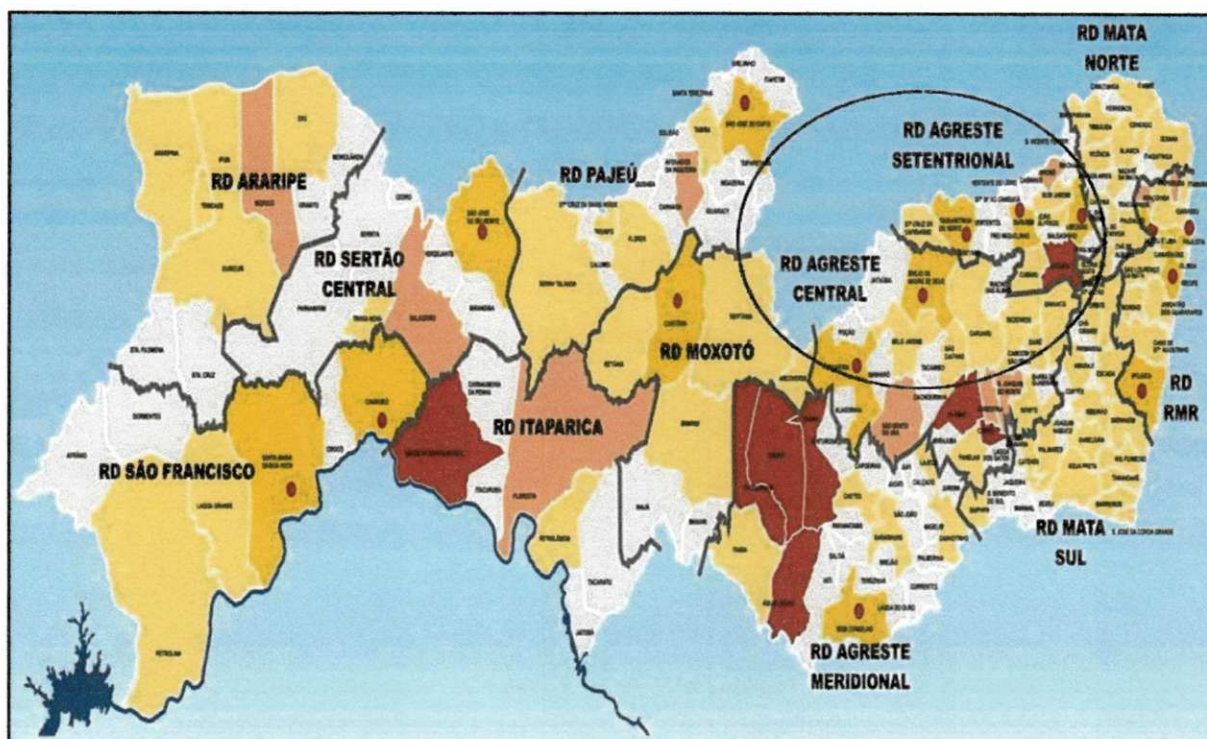


Figura 1- Mapa de Pernambuco e a abrangência do Pólo de Confeções do Agreste.

A produção das confecções é toda feita no Agreste Setentrional e Central, e se destina para as demais regiões do Estado de Pernambuco, além de outros Estados do Norte, Nordeste, e ainda para o Sudeste e o Centro Oeste do país.

Através do dinamismo populacional e econômico, o Pólo de Confeções do Agreste tem se mostrado um importante produtor no setor de vestuário. Começando, historicamente, com a produção da popular “Sulanca” e, atualmente, avançando para a produção de confecções mais aprimoradas, chega a incorporar à produção novas tecnologias. Desse modo,

os olhares de instituições governamentais e não-governamentais se voltam para a região do agreste pernambucano por sua significativa expressividade econômica.

· Nesse caso, vale ressaltar que, diante da incipiente história da “*Sulanca*”, não foi possível detectar a presença do Estado influenciando o seu surgimento com uma política de Governo, como foi o caso da SUDENE, destinada para setores específicos do Nordeste. Ao contrário, o seu surgimento, como já foi visto, se dá de forma autônoma, ou seja, o povo, diante de sua pobreza, recria sua estratégia de sobrevivência, que, ao longo dos anos, demonstra sinais de sucesso, associando um misto de trabalho artesanal, precário e informal, recentemente envolvendo máquinas com tecnologia de ponta.

Diante da configuração atual, novos olhares se voltam para a região, através de instituições governamentais e não-governamentais, como instituições de ensino e grandes empresas que encontram um mercado fértil para vender produtos destinados à produção de confecções.

No entanto, ao que se refere à esfera governamental do Estado de Pernambuco, Pincovsky e Baltar (s.d) destacam que o Estado está dividido em doze regiões de desenvolvimento: Região Metropolitana, Mata Norte, Mata Sul, Agreste Meridional, Agreste Central, Agreste Setentrional, Pajeú, Moxotó, Itaparica, São Francisco, Araripe, Sertão Central. O planejamento do Estado é realizado a partir dessas regionalizações, conhecidas ou como Arranjos Produtivos Locais (APL's), ou Clusters (SILVA, K., et al, 2008).

Mesmo não sendo o foco específico, entendo ser de suma importância fazer uma breve consideração sobre o significado destes dois conceitos, para melhor compreensão de como está sendo tratado o Pólo de Confecções do Agreste por órgãos governamentais e não-governamentais.

A terminologia utilizada para as regiões de desenvolvimento, conhecidas como “*Arranjos Produtivos Locais*” ou “*Clusters*”, é própria da literatura da Economia. Segundo Dias (2007), tem como objetivo um maior direcionamento aos mercados consumidores, além de promover a cooperação entre os atores, democratizar o acesso a bens públicos, preservação do ambiente, valorização do patrimônio histórico e cultural.

O conceito de Arranjos Produtivos Locais (APL's), segundo o SEBRAE (2006, apud DIAS, 2007):

São aglomerações de empresas localizadas em um mesmo território, que apresentam especialização produtiva e mantêm algum vínculo de articulação, interação.

cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais tais como governo associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa (p. 60).

O conceito de Clusters, segundo Porter (1998^a, apud DIAS, 2007), “*são concentrações geográficas de empresas e instituições interconectadas numa área de atuação particular*” (p. 59), relacionando-se mediante “*processos cooperativos e associativos, formais e informais, atuando geralmente em torno da mesma cadeia produtiva, onde as ações individuais dos agentes são capazes de gerar uma rede de benefícios aproveitada por todos*” (p. 59).

Podem também se caracterizar por distritos industriais de pequeno e médio porte, atuando em um sistema de produção, onde fornecedores locais e seus satélites atuam em torno de grandes empresas (SEBRAE, 2004).

Vale salientar ainda que, dentro desse contexto, as empresas se beneficiam da infraestrutura e benefícios de entidades governamentais e não-governamentais, tais como: universidades; centros tecnológicos e de pesquisa; organização de classe; sindicatos; ONG's; entre outras (DIAS, 2007). Tais instituições têm como objetivo pensar em estratégias de inclusão social, uma vez que, a região, ao buscar maior competitividade, faz uso de “*baixos salários, ausência de proteção social, longas jornadas de trabalho, sonegação de impostos, condições de trabalhos insalubres*”. (SACHS, 2004, p. 41).

Noronha & Turchi (2007) destacam que os APL's passaram para o âmbito das políticas industriais e sociais durante o primeiro ano do Governo Lula, gerando o esforço de Municípios, Regiões e Estados para que seus aglomerados produtivos fossem assim classificados.

Os APL's são frutos de uma nova percepção de políticas públicas de desenvolvimento adotadas pelo Governo Federal, cujo objetivo é orientar e coordenar os esforços governamentais ao que se refere ao desenvolvimento local, estando em consonância com as estratégias de geração de emprego e renda (CERVIERI, 2008).

A estratégia de utilização dos APL's fundamenta-se na efetividade estratégica diante da aplicação de fomentos para pequenas e médias empresas quando trabalhadas em grupo, pois, sua competitividade advém não do seu tamanho, mas, de sua potencialidade cooperativista. Isso significa dizer que os diferentes atores locais podem se articular de maneira coordenada.

[...] empresários individuais, sindicatos, associações, entidades de capacitação, de educação, de crédito, de tecnologia, agências de desenvolvimento, dentre outras – podem mobilizar-se e, de forma coordenada identificar suas demandas coletivas, por iniciativa própria ou por indução de entidades envolvidas com o segmento. (CERVIERI, 2008, p. 30)

Diante de tal contexto é que o Governo Federal passou a se organizar a partir de medidas, como: a incorporação do tema no âmbito do Plano Plurianual (PPA) de 2004 a 2007 e de 2008 a 2011, através do Programa de Desenvolvimento de Micros, Pequenas e Médias Empresas; e pela Instituição do Grupo de Trabalho Permanente para Arranjos Produtivos Locais (GTP/APL), compostos por instituições governamentais e não-governamentais.

Segundo Cervieri (2008), o objetivo do Grupo de Trabalho Permanente é implementar uma estratégia integrada entre Governo e demais instituições para apoiar os APL's, tornando-os mais competitivos e sustentáveis ao que se refere à sua dinâmica econômica, tecnológica, social e ambiental.

Ao que se refere ao Pólo de Confecções do Agreste, há um esforço concentrado do Governo do Estado e de diversas instituições em prol de seu desenvolvimento (SILVA, K., et al, 2008), onde podemos citar:

- **Poder Público:** Governos Federal, Estadual e Municipal;
- **Entidades Privadas:** SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas); BNB (Banco do Nordeste do Brasil); BB (Banco do Brasil); BNDS (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), etc.;
- **Organizações de Classe:** SINDIVEST (Sindicato da Indústria do Vestuário); SINDCOSTURA-PE (Sindicato dos Oficiais Alfaiates, Costureiras e Trabalhadores das Indústrias de Confecções de Roupas do Estado de Pernambuco); ASCIT (Associação Comercial e Industrial de Toritama); ASCAP (Associação dos Confeccionistas de Santa Cruz do Capibaribe); ACIPA (Associação Comercial e Industrial de Pão de Açúcar); ACIC (Associação Comercial e Industrial de Caruaru);
- **Instituições de Ensino:** SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial); UFPE (Universidade Federal de Pernambuco); FAVIP (Faculdade Vale do Ipojuca); ASCES (Associação Caruaruense de Ensino Superior); FADIRE (Faculdade de Desenvolvimento e Integração Regional); FAFICA

(Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru); CTM (Centro Tecnológico de Moda).

Mesmo diante dos esforços conjuntos de tantas instituições governamentais e não-governamentais, atuando na região visando a expansão econômica, alguns problemas permanecem, como: as precárias condições de trabalho; a questão de financiamentos para as empresas locais, uma vez que, em sua maioria, são informais, dificultando o acesso ao crédito; o baixo nível de escolaridade e qualificação dos empresários e, de modo particular, dos funcionários; além de outras questões que serão tratadas posteriormente, com um enfoque para a juventude.

2.3 Configurando as indústrias de Confeções

Desde o início, as indústrias de confeções no Pólo de Confeções do Agreste constituíram-se na base familiar, envolvendo todas as pessoas da casa: crianças, jovens, adultos, e ainda parentes ou vizinhos próximos, compreendendo, assim, uma empresa familiar. Percebe-se a presença da família no processo de produção desde a menor empresa, constituída informalmente, até a maior que já conseguiu se organizar, formalizando parte ou todo processo de produção.

Costa (2004, p. 38) denomina as empresas familiares de “*pequenas empresas*”, mas, se faz necessário uma ressalva: ao contrário do que destaca o autor, foi observado que tais empresas não se restringem ou às micros, ou às pequenas. Como dito anteriormente, há a presença da família desde a micro até a grande empresa, com seus membros distribuídos em vários setores e atividades diferenciadas.

Tal realidade foi também observada em uma etnografia realizada por Carneiro (2006), no município de Nova Friburgo, sobre uma pequena localidade rural que trabalha com confeções de lingerie. A autora compreende a constituição de uma empresa familiar mediante a “*utilização quase exclusiva da mão-de-obra familiar seguindo uma lógica de relações semelhante à da organização da unidade de produção familiar agrícola*”. Nesse caso, pode haver a contratação informal de alguns empregados, geralmente parentes e vizinhos próximos, mantendo, por sua vez, “*uma relação de profunda confiança*” (2006, p. 116).

Por se constituir, na maioria das vezes, na informalidade e devido a fragilidade diante da fiscalização, a empresa tenta “*seguir algumas regras do contrato de trabalho formal: obediência ao piso salarial, férias e 13º salário, mesmo sem assinar a carteira de trabalho*” (p. 117). Destaca ainda que o local da produção é integrado ao espaço doméstico, onde ou um, ou vários cômodos da casa é destinado para esse fim, podendo ainda haver a construção de um espaço no quintal da casa.

Ao que se refere à empresa familiar, localizada no Pólo de Confeções do Agreste, é envolvida por uma grande rede de prestação de serviços, que serve como meio de suprir a

falta de estrutura das pequenas empresas. Essa rede de prestação de serviços, em grande parte, é constituída por “*facções*”¹⁰, cuja realização do trabalho é domiciliar.

Observando as características dos processos de produção das empresas do Pólo de Confeccões, é possível verificar que o grau de interação entre elas é visto nas relações de subcontratações e faccionamento de algumas fases do processo produtivo. (DIAS, 2007, p. 89)

As “*facções*”, como grande parte das empresas da região, também são constituídas de modo informal. São formadas, particularmente, de costureiras. Nesse caso, são geralmente donas de casa que não possuem vínculo empregatício. Estão subordinadas às condições precárias de trabalho e sujeitas aos prazos, formas e valor de pagamento determinadas pela parte contratante.

A forma de pagamento pela prestação de serviço geralmente é feito ou semanalmente, ou ainda quinzenalmente. No entanto, é muito comum ouvir das “*faccionistas*” que, em época de “*feira ruim*”¹¹, o pagamento torna-se muito difícil, passando, muitas vezes, até um mês sem recebê-lo; e que muitas empresas, em época de “*feiras boas*”, por vezes, priorizam a compra de matéria-prima para aumentar a produção, deixando o pagamento para segundo plano.

Apesar das dificuldades encontradas, essa é uma forma de atividade muito comum na região, considerada viável pela possibilidade de trabalhar em casa, podendo conciliar os afazeres domésticos a produção das peças confeccionadas. Sendo possível ainda administrar o tempo para desenvolver a produção da confecção da própria família.

Historicamente, as indústrias de confeccões caracterizaram-se, desde sua origem, como um trabalho domiciliar, tanto nas oficinas de costura, quanto nas fábricas. Mesmo com a criação da máquina de costura industrial, era necessário a utilização de uma parcela de trabalhadores domiciliares que conciliavam atividades produtivas com afazeres domésticos (SILVA, 1991 apud AMORIM, 2003).

As indústrias de confeccões, no Brasil, se desenvolveram fazendo uso da subcontratação, ou seja, em 1920, para cada pessoa ocupada na indústria, treze eram externas

¹⁰ Garagens, com aproximadamente de 8 a 10 máquinas industriais, que prestam serviço de costura de uma parte da peça para diversos fabricantes. Sendo que o pagamento é feito ao dono da facção, que, por sua vez, repassa para os seus funcionários.

¹¹ Quando se fala em “*feiras ruins*” e “*feiras boas*”, as pessoas da região se referem ao número de vendas que oscila de acordo com a época do ano. Geralmente, as épocas conhecidas como “*feiras boas*” são no mês do junho, antecedendo os festejos juninos, e em dezembro, antecedendo as festas de final de ano.

(ABREU, 1986 apud AMORIM, 2003). Tal constatação ainda é visível com a possibilidade de existir mais trabalhadores fora das indústrias do que dentro delas.

Mesmo havendo a possibilidade de articulação com as tarefas domésticas, Amorim destaca que grande parte dos trabalhadores não é registrada, logo, sem direito à férias, décimo terceiro, dentre outros benefícios. Estando, assim, expostos a um “*processo de fragmentação e individualização*” (2003, p. 55).

Ruas (1993, apud, CARNEIRO, 2006, p. 103) faz a seguinte definição sobre a noção de trabalho domiciliar:

[...] abrange toda atividade realizada em troca de remuneração no âmbito familiar. O conceito também se caracteriza pela subordinação técnica e/ ou econômica. Isso porque o trabalho domiciliar se encontra em uma situação de dependência em relação a um ou mais contratantes, não se relacionando, portanto, com o mercado de bens a finais. As principais características do trabalho domiciliar (comum em diversos países) são: concentração em setores de base técnica tradicional (setor têxtil, calçados, couro); predominância do trabalho feminino; baixo nível de legalização; convergência para área rural, onde as condições sociais são precárias.

Além das “*facções*”, há outros estabelecimentos que prestam serviços fracionados, mas não possuem uma nomenclatura específica. São denominados de acordo com o serviço que prestam. Por exemplo:

- a) **Designer:** Atua fazendo a arte que será ou estampada, ou bordada;
- b) **Bordado:** Presta serviço de bordado industrial em alta escala para diversas empresas de confecções;
- c) **Estamparia:** Trabalha estampando as peças;
- d) **Caseador:** Caseia e coloca botão;
- e) **Armarinho:** Estabelecimento que vende linhas, agulhas, botões e produtos, em geral, utilizados na produção das confecções;
- f) **Outros:** Há ainda pessoas que prestam serviço apenas de riscar e cortar as peças; de arrumar máquinas; dentre outras atividades que podem surgir de acordo com a necessidade dentro do processo de produção.

Além das pequenas empresas familiares, as facções e as prestadoras de serviço, há ainda as empresas que conseguem se desenvolver e melhorar suas estruturas. De empresas de

fundo de quintal, passam a se organizar em “*armazéns*”¹², criam e registram uma marca própria, e desenvolvem, praticamente, todo processo de produção dentro da própria empresa, fazendo pouco uso das “*facções*” e prestadoras de serviço. Como forma de baratear principalmente os custos fiscais, continuam fazendo uso parcial dos serviços. No entanto, não respondem juridicamente e financeiramente pelos funcionários. Como já foi visto, as indústrias de confecções caracterizam-se por sua diversidade, podendo ser pequenas, grandes, ou prestadoras de serviço, como é o caso das “*facções*”.

Segundo Araújo (2006), atualmente, 75% das Indústrias de Confecções do Estado de Pernambuco encontram-se no Agreste, havendo uma considerável concentração de empregos. Diante do número expressivo, para facilitar o acompanhamento nas empresas locais, o SEBRAE utiliza uma classificação de acordo com o número de funcionários por empresa: Microempresas – até 19 funcionários; Pequenas – de 20 a 99 funcionários; Médias – entre 100 e 499 funcionários; Grandes – acima de 500 funcionários¹³.

Segundo Melo (2000), as empresas podem ser caracterizadas de acordo com o tamanho de suas unidades produtivas e sua relação com o mercado. O autor as distingue da seguinte forma:

a) Micros e pequenas empresas que produzem para o mercado local, com modelos e marcas próprios.

Sua produção é baseada: na mão-de-obra de baixo custo; baixo nível de escolaridade, com treinamento na própria produção; não há inclusão de novas técnicas e tecnologias; não há preocupação com uma manutenção preventiva; e o desenvolvimento e a criação de seu produto, geralmente, são ou copiados de outros concorrentes, ou ainda de modelos extraídos da mídia.

b) Micros e pequenas empresas que trabalham sob encomenda.

Atuam a partir de uma relação especial com o cliente que define a matéria-prima a ser utilizada e determina os moldes da produção.

¹² Espaços reservados especificamente para a produção de confecções, podendo ou não estar próximo à residência.

¹³ Vale ressaltar que, ao longo da pesquisa, farei uso dos termos adotados pelo SEBRAE, por ser o único órgão utilizado, até o presente momento, como forma de referenciar as empresas localizadas no Pólo de Confecções do Agreste.

Médias e grandes empresas que produzem modelos próprios, com ou sem marca.

São, em geral, mais organizadas e fazem uso de aparatos tecnológicos sofisticados. Seus modelos são desenvolvidos internamente, com certa padronização e maior qualidade, pois, atendem o mercado local, regional, nacional e internacional. Geralmente, utilizam a subcontratação de parte do produto. Quando trabalham sob encomenda, confeccionam modelos predeterminados pelos clientes (MELO, 2000, p. 26-27).

2.4 A comercialização da produção

A comercialização da produção funciona em feiras, tradicionalmente conhecidas como “*Feiras da Sulanca*”, que acontecem, especificamente, em dias semanais. Às segundas-feiras, nas cidades de Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, e às terças-feiras, além das cidades já citadas, acontece também em Caruaru.

Os compradores vêm de toda parte do Brasil, com maior destaque para Norte e Nordeste. Chegam de ônibus fretado exclusivamente para fazer o percurso das três feiras, geralmente, começando por Santa Cruz do Capibaribe, passando em Toritama, e concluindo o percurso em Caruaru. A ordem pode variar de acordo com a origem dos compradores, organizando-se de acordo com o percurso de retorno que devem fazer.

A primeira feira a surgir foi a de Santa Cruz do Capibaribe nos anos de 1970, como mostra, a seguir, Dona Jandilma, 43 anos. Nascida na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, onde desde criança trabalha com a “*Sulanca*”.

[...] eu me lembro quando manãe ia vender – que ela também vendeu Sulanca – os outros faziam e ela ia vender na feira. Aí também teve o tempo dela fabricar, almofada, shortinho. Ela mesma ia para uma feira chamada Piedade, era uma rua disputada não sei por quantos. Daí por diante dessa feira que se chamava piedade foi que cresceu Santa Cruz e a região, foi dali que nós viemos crescer (Dona Jandilma, 2009).

A feira foi tomando grandes proporções, sendo composta por sete mil barracas de madeira, que ocupavam vinte ruas da cidade. A infraestrutura da feira era bastante precária, não havendo serviços sanitários e coleta de lixo. As refeições dos feirantes eram feitas em lanchonetes e restaurantes próximos, mas principalmente em barracas de comidas que se misturavam aos bancos que vendiam roupas (Gomes, 2002). O dia da feira se tornava um grande misto de pessoas vendendo e comprando: roupas, comidas, utensílios domésticos, artesanatos, dentre outros objetos.

Na foto abaixo, é possível ter uma idéia de como as ruas da cidade ficavam tomadas por bancos de feira, funcionando sem a menor infraestrutura para a comercialização dos produtos¹⁴.

¹⁴ Para saber um pouco mais sobre a Feira da Sulanca de Santa Cruz do Capibaribe, ver Dissertação de Sueli de Castro Gomes (Mestrado em Geografia Humana – USP, 2002).

Foto 1 – “Feira da Sulanca” - Santa Cruz do Capibaribe

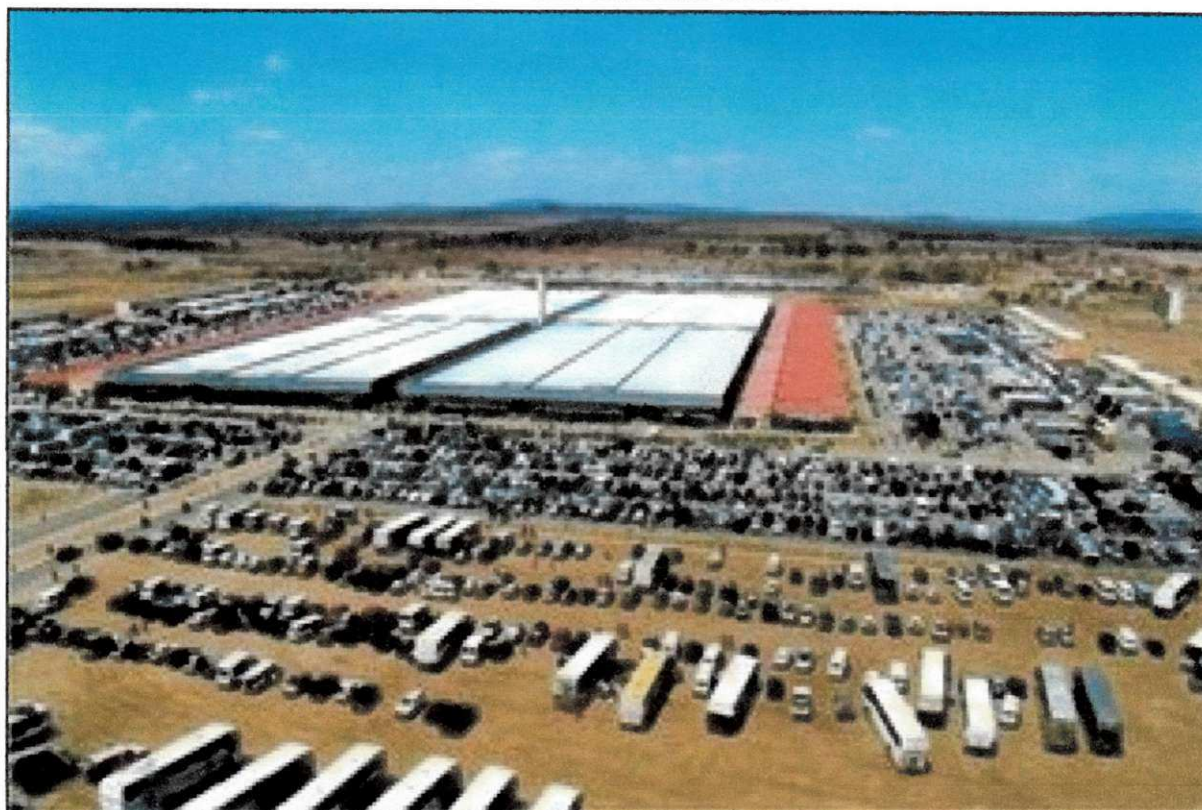


Fonte: <http://www.blogsulancanews.com> Acessado em 15/10/09.

Em 2006, a “Feira da Sulanca” passa a funcionar no Pólo de Confecções “Santa Cruz Moda Center”, que é um espaço de 32 hectares, com uma área coberta de 80.000m², abrigando 6.208 Box¹⁵ construídos de alvenaria e ferro, além de 574 lojas bem estruturadas e organizadas (ASN - Agência Sebrae de Notícias – DF 21/12/2007). Atualmente, está em execução a ampliação do pólo que passará a contar com aproximadamente 10.000 Box.

¹⁵ Espaços construídos de alvenaria, complementados com uma estrutura de ferro, parecidos com bancos de feira. Utilizados pelos “Sulanqueiros” para vender e guardar suas mercadorias durante o período em que está acontecendo a “Feira da Sulanca”. Vale ressaltar que a estrutura dos Boxes pode variar de acordo com o espaço onde funcionam as feiras.

Foto 2 – Santa Cruz Moda Center



Fonte: <http://images.google.com.br/images> Acessado em 15/10/09

Na época em que foi inaugurado o espaço, os Boxes foram comprados por um valor que variava de R\$ 500,00 (quinhentos reais) a R\$ 3.200,00 (três mil e duzentos reais). Atualmente, está numa faixa de R\$15.000,00 (quinze mil reais). O valor das lojas estava baseado entre R\$ 14.000,00 (quatorze mil reais) e R\$ 28.000,00 (vinte e oito mil. Hoje, uma loja está avaliada em torno de R\$ 100.0000,00 (cem mil reais).

No entanto, há um grande número de pessoas que não conseguiu comprar um Box pelo valor acima citado. Geralmente, são pessoas ou que revendem mercadoria, ou que têm uma confecção muito pequena. Mediante tal situação, os próprios feirantes recriaram uma estratégia já conhecida e instalaram seus tradicionais bancos de feira em um espaço apelidado de “*Poeirão*”. O nome advém da estrutura precária do local, pois, não havia nenhum tipo de pavimentação, o que fazia muita poeira no verão e um lamaçal no inverno.

Ao ver tal situação, depois das constantes reclamações, a prefeitura resolveu colocar calçamento no espaço que passou a ser conhecido como “*Calçadão*”. Há ainda uma feira conhecida como “*Feira do Paraguai*”, que vende produtos importados e funciona em uma estrutura parecida com a feira do “*Calçadão*”¹⁶.

¹⁶ Observação em pesquisa de campo, 02 e 03/02/2009.

Foi observado, em todo espaço do “*Santa Cruz Moda Center*”, ambulantes, circulando e vendendo comida, artesanato e utensílios domésticos. Há ainda carroceiros carregando os fardos de mercadoria, ou dos vendedores, ou compradores. Nesse caso, a diferenciação entre a feira atual e a que funcionava nas ruas de Santa Cruz do Capibaribe é que todos os ambulantes são cadastrados, como numa forma de organização do trabalho informal.

A história da “*Feira de Caruaru*” se confunde com a história da cidade, pois, desde 1795, o povoado já se reunia em torno da feira de gado e produtos agrícolas. Por volta da década de 1960, a feira torna-se mundialmente conhecida na voz do cantor pernambucano Luiz Gonzaga:

A Feira de Caruaru faz gosto a gente ver,
De tudo que há no mundo, nela tem pra vender.
Na feira de Caruaru
Tem massa de mandioca, batata assada, tem ovo cru;
Banana, laranja e manga, batata doce, queijo e caju;
Cenoura, jabuticaba, guiné, galinha, pato e peru;
Tem bode, carneiro e porco. Se duvidar, até cururu;
Tem cesto, balaio, corda, tamanco, greia, tem boi tatu;
Tem fumo, tem tabaqueiro, enxerto de boi zebu;
Caneco alcoviteiro, peneira boa, mel de urucu;
Tem calça de Alvorada, que é pra matuto, não andar nu [...]

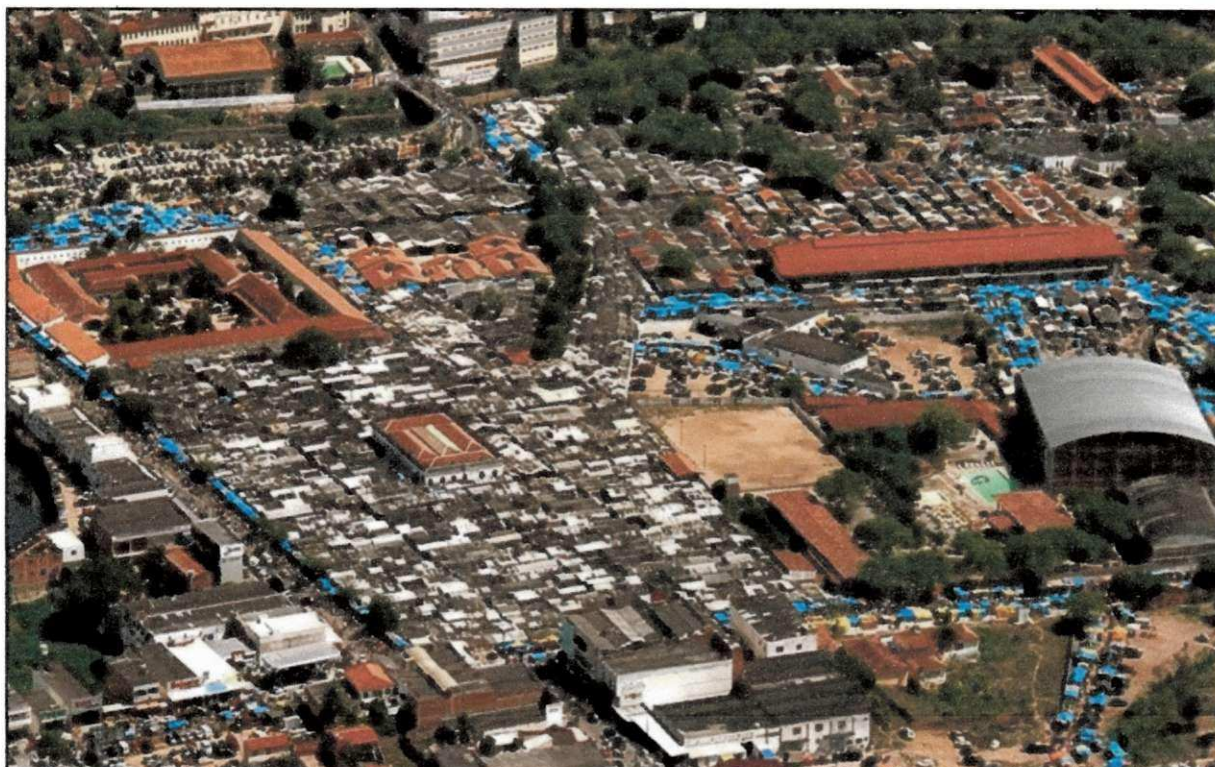
O crescimento da Feira de Caruaru segue no ritmo da cidade e, assim como em Santa Cruz do Capibaribe, funcionava em suas ruas. Somente no ano de 1992, é que a feira foi transferida para o Parque 18 de maio, que, na época, foi o pioneiro na criação de uma estrutura específica para a feira. O Parque, no período de sua criação, foi construído em um espaço de “*8 hectares, pavimentado, urbanizado e organizado por setores para cada tipo de comércio, com estacionamento rotativo para visitantes, plataforma de carga e descarga*” (GOMES, 2002).

A Feira de Caruaru era ali no comércio, perto da casa Cabral. A gente começou vender ali. Depois a gente foi pra a Rodoviária, porque fizeram uma feira na Rodoviária, enquanto faziam aquele pátio, transferiram a gente para a Rodoviária. Ai depois da Rodoviária já colocaram a gente onde é hoje, no Parque 18 de maio. (Dona Josefa, 57 anos, 2008)

Atualmente, a “*Feira da Sulanca*” em Caruaru cresceu significativamente, não comportando mais, no espaço do parque, a quantidade de vendedores. Desse modo, a feira se expandiu, chegando a mais de 12.000 bancas, que se distribuíram ao redor do Parque 18 de maio, funcionando em barracas de madeira que, assim como em Santa Cruz do Capibaribe,

são alugadas e seus donos são responsáveis em armá-las e desarmá-las. Há ainda os vendedores que trabalham com carroças de mão e no chão, colocando as mercadorias em cima de lonas.

Foto 3 – “Feira da Sulanca” – Caruaru



Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=969856&page=2> (Acessado em 15/10/09).

A descrição abaixo mostra a situação da Feira de Caruaru nos dias atuais, onde os vendedores recriam suas estratégias e invadem novas ruas, alugam bancos e expandem a feira:

Eu comecei a vender na carroça¹⁷. Pai me disse: Olha Josuel tu vai vender na carroça em Caruaru. Aí lá vai eu! Fui pra carroça sem nunca ter ido. Tinha ido pra o banco, tudo bem. Comecei indo. No começo era ruim, num tinha conhecimento, não sabia como era. Primeira, segunda, terceira vez, fui acostumando. Depois eu tava um rato de feira¹⁸ conhecendo tudo, vendendo, todo desenrolado [...] Aí nesta história que eu tava com a carroça, eu consegui um banco. Teve uma invasão lá numa rua e encontrei um banco. Aí como eu tava na carroça, eu quando sai da carroça e fui pro banco, foi muito fraco [neste caso está relacionado com a venda das mercadorias.

¹⁷ “Vender na carroça” significa pegar mercadoria de várias empresas e colocar numa carroça de mão para vender na feira. Geralmente, quem vende na mão são os feirantes que não tem condições de adquirir um banco na “Feira da Sulanca” para expor suas mercadorias.

¹⁸ Expressão utilizada pelos feirantes que já tem experiência com a venda na “Feira Da Sulanca”.

Depois pai colocou meu irmão Joelson para ir pra o banco e eu voltar pra carroça. (Josuel, 23 anos, 2009).

Ao que se refere à venda nas carroças, é de certo modo proibido pela prefeitura, que tenta, a todo custo, inibir essa prática, alegando atrapalhar o comércio dos que vendem nos bancos. Sendo assim, os fiscais da prefeitura, conhecidos popularmente como “*rapa*”, percorrem o extenso espaço da feira apreendendo as carroças.

Josuel: Quando eu comecei ficando na carroça e Joelson no banco, aí começou o rapa.

Sandra: O que é o rapa?

Josuel: O rapa são os fiscais da Prefeitura de Caruaru. Que ao invés deles colocarem os trabalhadores pra pegar quem está roubando na feira, ou fazendo o que não presta, eles colocam o rapa pra pegar quem está trabalhando, tentando arrumar um dinheiro. [...] Eles pegam as carroças e cobram uma taxa de R\$ 10,00 ou R\$ 15,00 pra soltar [...] São três papéis que eles colam [...] A primeira via fica com o dono da carroça, o outro eles colam na carroça e o outro fica no talão. Que é pra pessoa pagar e depois procurar, com o que a pessoa tem de acordo com o que está colado na carroça [...]

Eles prenderam ela. Aí eu voltei sem carroça, perdi a feira, fiquei lá no chão e vendi bem pouquinho. Porque eu não tinha carroça para ir para um canto e outro. Perdi a feira, e vim pra casa. Arrumei uma carroça emprestada da vizinha e fui, aí eles conseguiram prender ela também, na outra feira. Aí eu perdi outra feira, fiquei lá no chão de novo. Daí foi que eu parei de vender na carroça por conta disso. Porque eles prendiam demais a carroça, aí a pessoa perdia a feira e ainda tinha que pagar a taxa pra soltar a carroça. (Josuel, 23 anos, 2009)

No depoimento de Josuel, percebe-se a resistência dos feirantes que encontram nas diversas formas de venda de confecções, seja em bancos, seja em carroças, no chão, uma estratégia de sobrevivência. Por outro lado, há a ação de estrutura e organização precária e obsoleta da Prefeitura local, que não apresenta efeitos devido o rápido crescimento da feira e a falta de investimentos capaz de acompanhar tal crescimento. Vale ressaltar que há projetos para construção de um espaço que abrigue a “*Feira da Sulanca de Caruaru*”, como feito na cidade de Santa Cruz do Capibaribe. Há alguns pólos construídos, mas, por serem de iniciativas privadas, os feirantes optaram por ficar no espaço em que já estavam alocados. Outro fator que os impedem de adquirir ou uma loja, ou Box, nesses pólos, é o alto valor agregado.

Na cidade de Toritama, antes de ganhar destaque com a produção do jeans, o meio de sobrevivência da população local era a produção de calçados. Por estar localizada entre a cidade de Santa Cruz do Capibaribe e Caruaru, e pela forte influência sofrida pela “*Sulanca*”,

passa a produzir confecções que eram vendidas apenas nas duas “Feiras da Sulanca”, acima citadas.

Recentemente, foi criado, em Toritama, um espaço de vendas conhecido como “Parque da Feira”. Depois de longos anos de ausência total de estrutura nas feiras da região, Toritama foi a primeira cidade que construiu um espaço fechado para abrigar os vendedores. No entanto, assim como nas demais feiras, o espaço criado não comporta a quantidade de vendedores, havendo, também em Toritama, uma feira de bancos de madeira ao redor do parque.

Foto 4 – Parque das Feiras – Toritama



Fonte: Pesquisa de Campo 2008.

Foto 5 – Feira da Sulanca - Toritama



Fonte: Pesquisa de Campo 2008.

Vale ressaltar que nos três casos citados, onde a “Feira da Sulanca” acontece, é possível observar que, por mais que se tente organizar e estruturar as feiras, persistem as estratégias de resistência que tentam burlar as precárias regras de organização impostas, até o momento, talvez como uma estratégia de continuar sobrevivendo no mercado competitivo.

2.5 Indústrias de Confeções no contexto do trabalho flexível, precário e informal

As indústrias de confeções, no Agreste Pernambucano, estabeleceram-se em uma situação de precariedade das relações de trabalho e alto grau de informalidade, mas, antes de adentrar especificamente no cotidiano do processo de trabalho de tais indústrias, se faz necessário compreender como está sendo vista a problemática da precariedade e informalidade ao longo da história da classe trabalhadora no Brasil.

A preocupação com o meio industrial, no Brasil, surge na década de 1930. Desponta também, nesse período, além da preocupação com a regulamentação do trabalho, a necessidade de ampliar o trabalho assalariado através da constituição de instituições de qualificação da mão-de-obra, para garantir a nova forma de produção que se colocava no processo de industrialização (DRUCK, 1999).

Durante o Estado Vargas, instituiu-se uma nova modalidade de relação com a classe trabalhadora. Momento em que surge um amplo código de leis do trabalho. A partir de então, a carteira de trabalho adquire, nesse âmbito, vários significados. Dentre eles: *“carteira de identidade, ou como comprovante para a garantia de crédito ao consumidor, prova de que o trabalhador esteve empregado em “boas empresas”, de que é “confiável” ou capaz de permanecer por muitos anos no mesmo emprego”* (NORONHA, 2007, p. 8).

Com o estabelecimento da legislação trabalhista, foi definida uma política específica para os sindicatos, cuja finalidade era disciplinar o comportamento social dos trabalhadores, em uma tentativa de evitar manifestações de resistência e, assim, garantir o sucesso da implantação do projeto industrializante no Brasil.

A legislação estabelecida, nesse período, se baseava em regras mínimas de relações de trabalho, como: salário mínimo; jornada de trabalho; férias anuais; e outros, definidos por lei. Os trabalhadores públicos foram os primeiros beneficiários, seguidos pelos trabalhadores urbanos. Segundo Santos (1987), tal regulação trabalhista foi conceituada como *“cidadania regulada”*, ou seja, onde são identificados como cidadãos apenas os que possuem ocupações definidas por lei, como definem abaixo:

Entendo o conceito de cidadania cujas raízes encontram-se, não em um código de valores políticos, mas em um sistema de estratificação ocupacional, e que, ademais, tal sistema de estratificação ocupacional é definido por norma legal. Em outras palavras, são cidadãos todos aqueles membros da comunidade que se encontram localizados em qualquer uma das ocupações reconhecidas e definidas por lei.

Tornam-se pré-cidadãos, assim todos aqueles cuja ocupação a lei desconhece (p. 68).

Segundo o autor, por meio da cidadania regulada, o Estado cria um espaço ideológico, tendo como intenção promover o desenvolvimento capitalista, restringindo a cidadania para uma parcela limitada da população trabalhadora, fornecendo, dessa forma, a base para a percepção da diferenciação entre trabalho formal e informal.

O projeto industrializante de Getúlio Vargas toma novo rumo com Juscelino Kubitschek, incentivado pela internacionalização da indústria brasileira, *“com a instalação do setor de bens duráveis, controlado por capitais multinacionais”*. Nesse momento, a industrialização e o crescimento econômico tornam-se excludentes, sendo criado um mercado consumidor seletivo e restrito (DRUCK, 1999, p. 58).

Com a consolidação de um padrão fordista incompleto, precário e tardio, o capitalismo industrial leva o Brasil à modernização, dentro de um contexto estatal forte e centralizado, onde o ápice se deu com o regime ditador e autoritário de 1964. Vale salientar que, nesse momento, junto à modernização brasileira, a exclusão social se constitui no país, que, por sua vez, não promoveu a integração de *“amplas massas ao mercado de trabalho e consumo”*. Desse modo, o assalariamento, no Brasil, diferencia-se dos países capitalistas desenvolvidos, constituindo-se como um tipo singular de mercado de trabalho (DRUCK, 1999, p. 59).

Nesse contexto de industrialização, segundo Francisco de Oliveira (1981), começa a se definir, forçosamente, uma divisão regional do trabalho, aonde ciclos capitalistas dão origem a um movimento de concentração e centralização do capital, focalizado na região Sudeste, comandado pelo Estado de São Paulo. Desse modo, ainda segundo o autor, *“o ciclo toma espacialmente a forma de destruição das economias regionais”* que *“destrói para concentrar, e capta o excedente das outras regiões para centralizar o capital”* (p. 75 e 76). Como resultado da economia estabelecida, há aumento das diferenças regionais de crescimento, onde não se conforma a questão à estagnação regional, mas à *“uma nova forma de crescimento do capital”* (OLIVEIRA, 1981, p.76).

A desigualdade social, nesse caso, a regional, é gerada pelo processo de acumulação capitalista. Silva e Menezes (2007) destacam que o Nordeste passa a ser visto como uma região *“do exército industrial de reserva”*, havendo *“uma relação de funcionalidade, onde as regiões menos desenvolvidas são exauridas de seus recursos, no caso, de força-de-trabalho, para sustentar a expansão das regiões mais desenvolvidas”* (p. 3). Essa tese é ainda

questionada em diversos trabalhos de Menezes, como: *“Trabalho por conta própria: Sonho dos Migrantes”* (1990); e *“Questionamentos as categorias de migrante de retorno e migrantes”* (1992). Desse modo, muitos trabalhadores do Nordeste do Brasil encontram na migração uma significativa estratégia de reprodução social.

Diante do modelo econômico concentrador de renda e devido à falta de capacidade de absorção do grande contingente de trabalhadores, muitos desses migrantes, frustrados, se depararam com um duplo aspecto de seus sonhos e esperanças, onde misturam-se “o *“real”*: sobreviver e *“ideal”*: conquistar melhores condições de sobrevivência” (MENEZES, 1985, p. 139). Desse modo, muitos foram levados a prover, por conta própria, suas necessidades através de estratégias improvisadas, de modo particular no setor de comércios e serviços, havendo uma *“clara discrepância nas condições de trabalho e de vida, entre os trabalhadores rurais e urbanos, “nortistas” e “sulistas”, da indústria e dos serviços, qualificados e não-qualificados, assalariados e autônomos, formais e informais”* (VERAS, 2009, p. 07).

Alves (2000) destaca que, por volta da década de 1970, acontece uma nova crise do capital, principalmente nos países centrais, impulsionando uma série transformações sócio-históricas. Surge, então, um *“novo complexo de reestruturação produtiva, uma ofensiva do capital na produção, que busca constituir um novo patamar de acumulação capitalista em escala planetária e tende a debilitar o mundo do trabalho”* (p. 16).

Como a reestruturação produtiva e as políticas neoliberais tinham por objetivo responder à crise, foram desenvolvidos novos padrões de gestão sustentados na flexibilização do trabalho, ficando, por sua vez, *“evidenciada na subcontratação (terceirização), no emprego temporário, nas atividades autônomas, na informalidade, nas cooperativas de trabalho e em outras formas de trabalho assalariado”*, disfarçando as práticas flexíveis de emprego difundidas em todas as atividades e lugares (DRUCK, 2002, p. 12 e 13).

Segundo Vasapollo, a nova organização política, caracterizada pela precariedade, flexibilização e desregulamentação, é considerada um *“processo que precariza a totalidade do viver social”* (2006, p. 45). Destarte, a flexibilização não representa uma solução para aumentar os índices de ocupação, mas, é considerada uma *“imposição à força de trabalho para que sejam aceitos salários reais, mais baixos e em piores condições”*. Para o autor, é nesse contexto que está sendo difundido o trabalho, irregular, precário e sem garantias (2006, p. 46).

Ao que se refere ao trabalho precário no Brasil, para Druck &Théboud- Mony (2007), está referenciado aos “*resultados e impactos da flexibilização*”, marcados por análises relacionadas a noções que dão idéia de precarização, como uma implicação mais forte da flexibilização, das quais destaca:

[...] a fragmentação, a segmentação dos trabalhadores, a heterogeneidade, a individualização, a fragilização dos coletivos, a informalização do trabalho, a fragilização da crise dos sindicatos, e a mais importante delas, a idéia de perda – de direitos de todo tipo – e da degradação das condições de saúde e de trabalho (p.2007).

Druck (2002) destaca que a flexibilização e a precarização do trabalho têm atingido vários trabalhadores e, de forma específica, as mulheres, os jovens, os idosos e os imigrantes, significando dizer que a precariedade “*atinge globalmente todos aqueles que vivem do trabalho*” (p.15).

A globalização ou a mundialização, alteraram as relações capital-trabalho, podendo ser caracterizadas como a “*flexibilização da produção, dos mercados, do consumo, das relações de trabalho*” (LIMA, 2006, p. 304). Além disso, os conceitos, acima mencionados, vêm acompanhados de desregulamentação, que elimina os entraves legais e da precarização, que surge como consequência, eliminando os direitos sociais ligados aos contratos de trabalho.

Cria-se, desse modo, novas áreas industriais, ou seja, novos postos de trabalho, devido a uma considerável mão-de-obra desorganizada e barata, levando a novos padrões de uso da força de trabalho. Isso significa dizer que os contratos de trabalho se flexibilizam, possibilitando o emprego de trabalhadores com contratos em tempo parcial, ou temporários, ou informais.

Diante desse contexto, a informalidade pode configurar-se em inúmeros significados, de acordo com a compreensão teórica e os objetivos específicos de cada pesquisa. Desse modo, Filgueiras et al (2004) destaca as várias abordagens feitas a partir de estudos de naturezas diversas:

[...] as micro-empresas, o trabalhador autônomo, o empregado assalariado sem carteira assinada, o pequeno produtor, a economia subterrânea ou submersa, o

empregado doméstico, o trabalhador terceirizado, o trabalho a domicílio, as cooperativas de trabalho, as atividades criminosas (p. 212).

No caso da pesquisa aqui apresentada, o foco está voltado para a questão da informalidade em micros, pequenas e médias empresas de confecções que, em sua maioria, empregam jovens em condições precárias de trabalho, além de ressaltar o trabalho autônomo de suas respectivas famílias, constituindo, assim, uma grande rede de prestação de serviços informais, que envolve desde a produção das confecções até sua comercialização.

Para melhor compreensão da discussão em torno do tema, se faz necessário ressaltar que as atividades econômicas informais partem de dois critérios distintos. O primeiro *“distingue o formal do informal a partir das respectivas lógicas de funcionamento de suas atividades”*, e o segundo *“delimita a diferença a partir da legalidade ou ilegalidade”* (FILGUEIRAS et al, 2004, p. 2004). Tais critérios dão origem a três conceitos de informalidade.

Os autores, acima citados, destacam que o primeiro conceito refere-se à informalidade, de modo particular no final da década de 1960, como consequência do excedente de mão-de-obra resultante do crescimento demográfico, gerando um processo de migração do campo para a cidade. Há, nesse caso, um aumento da força de trabalho, na cidade, desproporcional à capacidade de absorção. Sendo assim, a alternativa de sobrevivência da população foi a ocupação em atividades *“de baixa produtividade, fora da relação assalariada e sem proteção social”* (FILGUEIRAS et al, 2004, p. 213).

Outra abordagem, difundida em meados da década de 1970 se refere à informalidade, que diz respeito às atividades autônomas, conhecidas como *“trabalho por conta própria”*, associada ou à pequena produção, ou a produção familiar. Não estando ligado diretamente à forma de produção capitalista caracterizada pela busca do lucro. Nesse caso, o trabalhador informal está inserido na economia através do mercado de produtos e serviços. Sendo assim, por meio da expansão da informalidade nos setores não ocupados pela produção capitalista ao longo do tempo, submete-se à dinâmica capitalista.

O segundo conceito baseia-se na informalidade compreendida como *“atividades e práticas econômicas ilegais e/ou ilícitas, com relação às normas e regras instituídas pela*

sociedade” (FILGUEIRAS et al, 2004 p. 214). De acordo com essa definição, a informalidade diz respeito às formas de produção e relações de trabalho consideradas ilegais.

A globalização e a reestruturação produtiva, intensificadas na década de 1990, resultam, como consequência em todos os países, num alto índice de desemprego industrial, aumentando assim os empregos terciários e informais. No caso do Brasil, tal realidade não se diferencia. Ao mesmo tempo em que há um alto índice de desemprego, expande-se também o setor terciário, havendo uma *“ampliação da informalidade, como consequência da transferência dos trabalhadores inseridos nas atividades formais (capitalistas e /ou legais) para atividades informais (não tipicamente capitalistas e/ ou ilegais)”* (FILGUEIRAS et al, 2004, p. 215).

A discussão sobre o conceito de informalidade está passando por um processo de desenvolvimento no que se refere ao esvaziamento do conceito mediante as transformações no campo do trabalho, como *“reestruturação produtiva, crise do padrão fordista, toyotização, desregulamentação do mercado de trabalho”*, sendo substituída por

novos modos de exploração capitalista sustentados numa forte individualização e que têm o binômio empregabilidade/empreendedorismo”, configurado em uma “nova cultura do que expressa essa nova condição de risco e insegurança a que estão submetidos” (FILGUEIRAS et al, 2004, p. 216).

Com a ampliação da informalidade, resultado da transferência dos trabalhadores inseridos em atividades formais para atividades informais, origina-se a *“nova informalidade”*, decorrente do processo de reestruturação produtiva. Nesse contexto, há um crescimento do número de trabalhadores autônomos, articulando-se com o processo produtivo desenvolvido em atividades formais, além de expressar-se na criação de novos produtos e novas atividades econômicas.

A *“nova informalidade”* é decorrente do processo de reestruturação produtiva, onde são valorizadas as relações entre os segmentos organizados e os não-organizados, cuja finalidade é beneficiar as empresas organizadas que, por sua vez, externalizam parte de suas atividades, dando assim maior importância aos subcontratantes de produção, à força de trabalho e aos serviços prestados. Reduz, assim, suas responsabilidades com encargos sociais, sem reduzir a quantidade de bens ofertados ao mercado.

Essa nova dinâmica do setor informal é alimentada pela incorporação de ex-assalariados de baixa qualificação em atividades bastante precárias. Desse modo, o setor

organizado apropria-se das vantagens do informal, que se configura no desenvolvimento de pequenos negócios, estabelecendo uma rede de serviços.

Sob o véu da proliferação de pequenos negócios vai se estabelecendo uma rede de produtores ou prestadores de serviços amparada em relações de trabalho fortemente precárias. E sob o manto da modernidade na produção enxuta vai se difundindo todo um conjunto de formas de ocupação marcadas por relações de trabalho fortemente precárias. (DEDECA e BALTAR, 1997, p. 76).

No caso das empresas de confecções de Pernambuco que foram constituídas, desde suas origens, na informalidade, diante das novas bases de competitividade, está havendo uma forte tendência à formalização dos contratos de trabalho. No entanto, continuam convivendo com a informalidade mais típica, que é desenvolvida na produção familiar. Fato identificado por Lima e Soares (2002).

CAPÍTULO II – Configurando as empresas em Pão de Açúcar - Taquaritinga do Norte

3.1 O local da pesquisa – Município de Taquaritinga do Norte

O local escolhido para a pesquisa está situado na região do Agreste Setentrional de Pernambuco, que se caracteriza, nas duas últimas décadas, pela indústria de confecções, que envolve os municípios de Caruaru, Toritama, Taquaritinga do Norte e Santa Cruz do Capibaribe, dentre outras cidades, constituindo assim o Pólo de Confecções do Agreste.

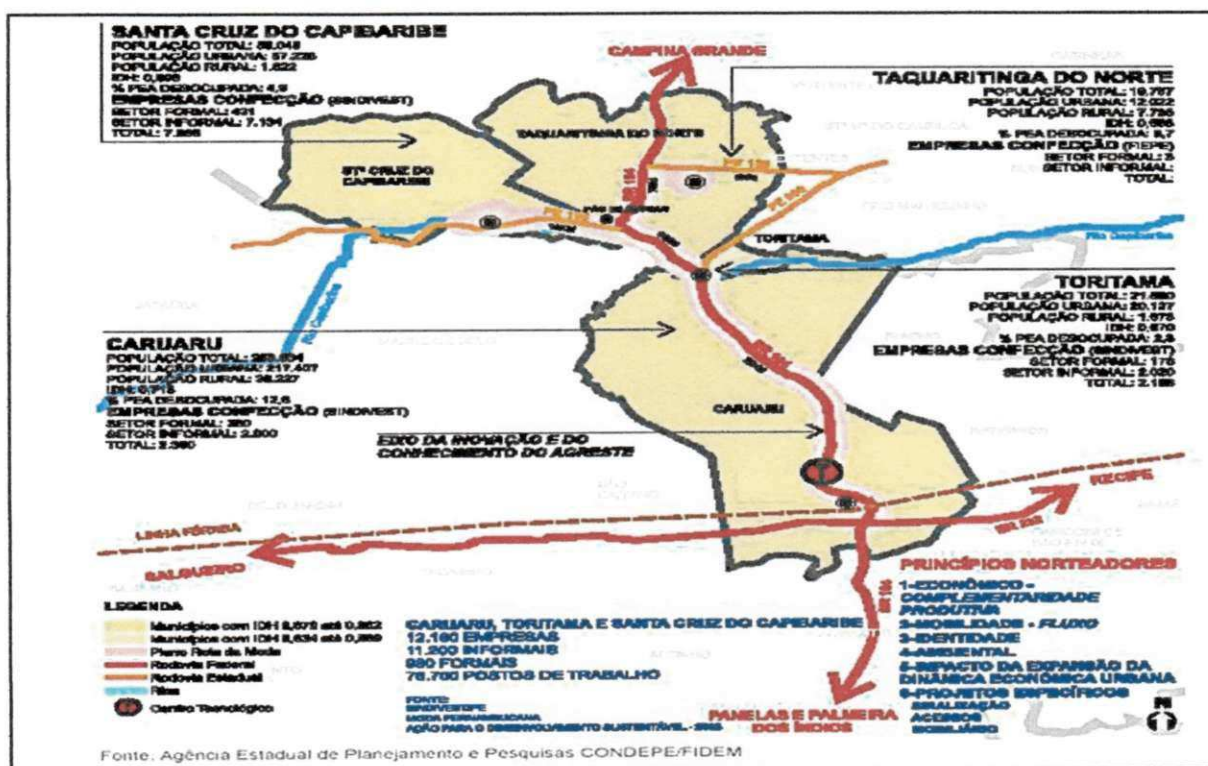


Figura 2 – Taquaritinga do Norte e as outras cidades que compõe o Pólo de Confecções do Agreste.

A pesquisa empírica foi desenvolvida no distrito de Pão de Açúcar, localizado no município de Taquaritinga do Norte. Segundo o CENSO 2000, o número geral de habitantes, do referido município, é de 19.757, sendo 12.022 na zona urbana e 7.735 na zona rural. Pão de Açúcar, por sua vez, possui 6.142 habitantes.

Distribuição da População por situação de domicílio e sexo – 2000									
Município e Distritos	Total	Urbana	(%)	Rural	(%)	Homens	(%)	Mulheres	(%)
Taquaritinga do Norte	19.757	12.022	60,8	7.735	39,2	9.756	49,4	10.001	50,6
Gravatá do Ibiapina	1.747	773	44,2	974	55,8	897	51,3	850	48,7
Pão de Açúcar	6.142	4.538	73,9	1.604	26,1	3.025	49,3	3.117	50,7
Taquaritinga do Norte	11.868	6.711	56,5	5.157	43,5	5.834	49,2	6.034	50,8

Quadro 2 - Censo Demográfico 2000 – Resultados do Universo (Fonte: IBGE).

As atividades econômicas de Taquaritinga do Norte giram em torno da Agropecuária, do Turismo, do Comércio e da Indústria de Confeções.

Pessoas ocupadas, segundo as principais atividades econômicas – 2000		
Atividades econômicas	Total	(%)
Indústria de Transformação	2.308	30,0
Agropecuária	2.278	29,6
Comércio, reparação de veículos, objetos pessoais e domésticos	919	12,0
Outras atividades	2.182	28,4
Total	7.687	100,0

Quadro 3 - Censo Demográfico 2000 – Resultados de Amostra (Fonte: IBGE).

No que diz respeito ao terreno agropecuário, retrata aptidões diversificadas que vão da estrutocultura (criação de avestruzes) à exploração da ovinocaprinocultura, da bovinocultura de corte e leite à produção de café orgânico (exportado para os exigentes mercados da Europa, países da América do Sul e EUA), flores tropicais, frutas, além da produção de hortaliças às margens da barragem de Mateus Vieira. Dessa forma, esse conjunto contribui para o desenvolvimento sustentável do município.

O turismo aponta novos horizontes. A Festa das Dálias e a Festa na Serra surgiram de uma parceria firmada com os comerciantes, tornando-se fonte de diversão e emprego. O resgate de grandes eventos, a exemplo do Vôo Livre, eleva o nome de Taquaritinga do Norte no calendário turístico estadual, norteando e animando comerciantes, proprietários de bares, hotéis, lanchonetes e pousadas, criando expectativas e possibilitando novas alternativas de empregos e aquecimento da economia.

A indústria de confeções integra o município de Taquaritinga do Norte no Pólo de Confeções do Agreste, com ênfase para as fábricas e o comércio do distrito de Pão de Açúcar

– camisaria, lingerie, mosquiteiros e outras - com produção vendida para todos os Estados do Brasil e exportada para países da América Latina. Na sede do município, a produção de confecções se estende desde a fabricação de camisas, lingerie e jeans, expandindo as ofertas de emprego e renda. ¹⁹

¹⁹ Informações obtidas no site da Prefeitura Municipal de Taquaritinga do Norte.
www.pmtaquaritingadonorte.com.br/

3.2 Contextualização histórica do distrito de Pão de Açúcar

Pão de Açúcar está localizado, aproximadamente, a 17 km da sede do município de Taquaritinga do Norte, e a 15 km do município de Santa Cruz do Capibaribe. O acesso ao distrito é garantido pela Rodovia Estadual PE-130, articulada à Rodovia Federal BR-104, permitindo o acesso à cidade de Caruaru ao sul, e à cidade paraibana de Campina Grande ao norte.



Foto 6 - Pão de Açúcar - Arquivo de Pesquisa 2008.

O distrito de Pão de Açúcar, assim como as outras cidades do Pólo de Confeções do Agreste, em um passado recente, teve sua economia baseada em atividades agrícolas. Nesse sentido, Manuel Correia de Andrade observa, no artigo *“A terra e o Homem no Nordeste, hoje”* (2003), as transformações ocorridas no Nordeste ao longo de 40 anos. Apresenta um Nordeste onde a agricultura era a atividade predominante da população local, mas, ao longo dos anos, vários processos sociais foram influenciando o cotidiano da população, dentre eles a migração. Nos dias atuais, destaca a *“grande transformação na forma de exploração*

industrial” (p. 201), ressaltando a indústria têxtil e de vestuário que, mesmo após a queda do algodão, vem se destacando.

Semelhante às outras cidades do Pólo de Confecções do Agreste, o distrito de Pão de Açúcar atua na produção de confecções. Como visto anteriormente um breve relato histórico sobre a origem da “*Sulanca*”, tudo começou com a produção de confecções constituídas, a princípio, dentro das casas, nos fundos dos quintais, e com o seu crescimento e desenvolvimento partindo para armazéns, ou para galpões.

Através das várias conversas informais e entrevistas, os moradores foram relatando, a partir de suas lembranças, a história da constituição social do distrito. Dentre muitas descrições, destaca-se o meio de sobrevivência encontrado pelas famílias ao longo do tempo. Entre as décadas de 1930 a 1950, as famílias em Pão de Açúcar (na época, uma pequena e pobre comunidade rural) viviam da agricultura. Mesmo sendo uma região muito seca e pouco propícia ao desenvolvimento agrícola, as famílias plantavam milho, feijão e algodão para a subsistência. Além de ajudar na agricultura, uma das formas de trabalho encontrada pela juventude da época era a usina de beneficiamento de algodão situada no distrito, que recebia algodão advindo da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, empregando muitos em época de moagem.

Naquele período, a cultura algodoeira, como ressaltam Lima et al (1994) e Menezes (1985), se estendia por todo Nordeste, ocupando lugar de destaque na economia. No entanto, tal produção muda de configuração quando há um incentivo para o desenvolvimento da cultura do algodão em São Paulo, devido à crise do café. Desse modo, a produção paulista de algodão cresce, enquanto a produção do Nordeste sofre uma considerável queda. Mesmo diante de tal realidade econômica, a usina de Pão de Açúcar continua com sua moagem. Segundo o ex-administrador da Usina Taisa²⁰, ela parou, definitivamente, suas atividades devido à praga do bicudo, que dizimou completamente a plantação de algodão.

²⁰ Entrevista com o ex-administrador da Usina, realizada em janeiro de 2008.



Foto 7 - Parte da Usina Taisa – Arquivo de Pesquisa 2008.



Foto 8 - Usina Taisa em funcionamento (Década de 1970) – Arquivo de Pesquisa 200

O trabalho na Usina Taisa comportava, anualmente, um número restrito de trabalhadores fixos, que atuavam na manutenção das máquinas e do prédio. Em época de

moagem, muitos outros trabalhadores eram contratados. No entanto, por ser um trabalho sazonal, não conseguia absorver toda a mão-de-obra local. Deste modo, as estratégias de reprodução da família se situavam no distrito e, principalmente, fora dele.

Por falta de opção de trabalho e diante da necessidade de complementação da renda familiar, muitos moradores encontravam na migração para o corte de cana-de-açúcar, na Zona da Mata de Pernambuco, e ainda na compra e venda de produtos, também no sul do Estado, uma estratégia de sobrevivência.

No auge da industrialização, no Brasil, de todo Nordeste migraram trabalhadores para outras Regiões, entre elas estão o Sudeste e o Centro-Oeste. Diante da precariedade das condições de vida nas áreas rurais, a saída para outros Estados e Regiões traduzia a esperança de conseguir um bom emprego, adquirir uma profissão e melhorar de vida. Os rumores da promessa de melhoria de vida, no Sudeste, chegaram ao distrito de Pão de Açúcar e, por volta da década de 1950, começa a migração para São Paulo que, segundo a memória dos mais velhos, começou com dois jovens que resolveram se aventurar no Sudeste.

A vida na cidade grande não era fácil, mas as notícias daqueles que conseguiram resultado positivo chegavam através das cartas, incentivando outros jovens a migrarem. Vale ressaltar que, dentre os moradores de Pão de Açúcar, poucos dos que migraram para São Paulo trabalharam em grandes indústrias. Apenas algumas mulheres trabalharam como costureiras em indústrias de confecções, e os demais exerciam atividades como empregadas domésticas, em construção civil, etc. No entanto, a grande maioria trabalhava em pequenas empresas que fabricavam calçados, montadas pelos primeiros migrantes. Tais empresas, conforme iam crescendo, buscavam outras pessoas do distrito que, ao chegarem em São Paulo, iam morar na mesma casa, ou próximo dos parentes que foram anteriormente. Geralmente, depois que aprendiam o ofício, os migrantes abriam suas próprias empresas, agregando a família, vizinhos e amigos próximos.

O sucesso dos empreendimentos, em São Paulo, era tão grande que chegava a influenciar os que permaneciam em Pão de Açúcar. Incentivados pelos parentes que vinham passear, foram montadas três fábricas de sandálias que, na época, chegavam a empregar em torno de 50 pessoas (atividade que não prosperou por muito tempo).

Mesmo com forte fluxo de migração para a região Sudeste, também começava a se desenvolver, de modo mais intenso, a “*Sulanca*”, com produção de cobertas e “*milongas*”²¹, na cidade de Santa Cruz do Capibaribe e região. Os moradores de Pão de Açúcar, por sua vez,

²¹ Calções feitos de resto de tecidos com várias emendas, vendidos a preço popular.

passaram a dedicar-se a essa produção, que era vendida em feiras da região, ou ainda levada para vender no sul de Pernambuco e outros Estados circunvizinhos.

Mediante tal realidade, observa-se a persistência da pequena produção e do trabalho autônomo, iniciada com a produção de calçados, partindo, de maneira muito simples, para o setor do vestuário.

Na década de 1980, há um forte crescimento regional na produção da “*Sulanca*” e, conseqüentemente, em Pão de Açúcar. A partir de então, começa a migração de retorno, que se deu tanto pela dificuldade das condições de sobrevivência em São Paulo, como também pelo crescente desenvolvimento da “*Sulanca*”, mudando, por sua vez, os aspectos econômicos na região. Nessa época, a produção local se dava em pequenos “*fabricos*”²², agrupando toda a família em uma mistura de produção artesanal e industrial.



Foto 9 - Costureira (Década de 1980) – Arquivo de Pesquisa 2008.

²² Pequenas empresas, popularmente conhecidas na região como “*fabricos*”, onde acontece a produção de confecções, geralmente feitas dentro das casas, nos fundos de quintais, e em pequenas garagens.



Foto 10 - Estamparia (Década de 1980) – Arquivo de Pesquisa 2008.

A década de 1990 pode ser considerada como o auge do desenvolvimento da “Sulanca”. Muitos outros “fabricos” foram abertos, grande parte por jovens que aprenderam a trabalhar com os pais e reproduziram a mesma estratégia de produção. A prestação de serviços também crescia, como: estamparias, bordados, armarinhos e “facções”, servindo como suporte para a produção das confecções.

Desde a sua origem até os dias atuais, a maior parte do trabalho é desenvolvida, na região, de maneira informal. Condição analisada por Lima et al (2002), que se refere à região como que estando centrada em uma “situação na qual a nova e velha informalidade se entrelaçam de forma dinâmica e contraditória” (p. 6).

3.3 Processo de produção nas indústrias de confecções de Pão de Açúcar

Para melhor compreender o universo de trabalho, o qual a juventude de Pão de Açúcar está inserida, se faz necessário entender o funcionamento e a dinâmica cotidiana de trabalho das empresas de confecções. Sendo assim, optei por adotar como estratégia metodológica a inserção nas indústrias de confecções, durante duas semanas, para tipificar o espaço de trabalho que, em sua maioria, funciona em condição precária e informal. Foram escolhidas duas empresas de confecções: a primeira é uma pequena empresa familiar informal; e a segunda, uma média empresa familiar formal²³, onde foi possível acompanhar de perto o cotidiano de trabalho dos jovens, além de suas relações familiares.

Olhar para as empresas de confecções de Pão de Açúcar, descrever o seu funcionamento, colocá-las como suporte para posterior compreensão, e familiarizar-se com o cenário, o qual a juventude está inserida, foi um desafio. Primeiro, pelo fato de embrenhar-me em uma tarefa de tentar *“transformar o exótico em familiar e/ ou transformar o familiar em exótico”* (DA MATTA, 1978, p. 28), principalmente por ter convivido de perto com esse universo durante muitos anos; e segundo, porque o processo de trabalho é extremamente dinâmico, e as mudanças acontecem de forma tão rápida que se torna muito difícil acompanhá-las e descrevê-las em seu fluxo.

De modo geral, a atividade de produção, desde seu surgimento, esteve marcada pelo trabalho manual e artesanal, onde a produção era desenvolvida com a utilização de tecidos de baixa qualidade e máquinas de costura simples. Ao longo dos anos, foram sendo incorporadas, ao processo de produção, máquinas industriais advindas de países da Ásia e adquiridas em lojas, localizadas na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, responsáveis pela importação e venda. As lojas de tecidos também iam, aos poucos, incorporando novos tecidos, de acordo com a demanda.

A princípio, os tecidos e as máquinas não eram adquiridos por meio de financiamentos bancários, como acontecem, hoje, com as empresas de maior porte. Eram comprados com recursos dos próprios confeccionistas, que procuravam, com a venda das confecções nas feiras locais, conseguir o valor suficiente para pagar parte do investimento. O valor restante era dividido em várias parcelas, que eram pagas ou semanalmente, quinzenalmente, ou ainda mensalmente, de acordo com as vendas. Conforme os

²³ A definição quanto o tamanho das empresas é um critério adotado pelo SEBRAE e que adoto também para definir as empresas pesquisadas.

confeccionistas quitavam suas dívidas, adquiriam novos equipamentos, aumentando assim sua produção.

João (esposo) trabalhou na Usina, quando ele saiu recebeu como se fosse hoje cem reais. Eu sei que comprei uma máquina e essa maquininha foi cem reais. Aí eu comecei costurando para dona Antonia, aí eu pegava as coisas dela aqui e costurava lá no sítio. Era uns vistidinhos, eu também fazia coberta. Aí comecei fazendo isso [...] Depois eu vim pra cá (Pão de Açúcar) e comecei a comprar (tecidos) a Inácio, e os meninos começaram a vender em Paulo Afonso (PE) [...] Eu fazia umas pecinhas para os outros, com medo de não dar certo o meu [...] aí como se fosse hoje eu peguei trezentos reais, trezentos contos nesse tempo e comprei a Inácio. Eu me lembro que foi trezentos e setenta e um conto, mas eu fiquei devendo setenta e um conto a ele. Ele deixou. Aí eu trabalhei e João (esposo) com os meninos levaram para Paulo Afonso, venderam, e eu paguei e comprei mais pano a ele. Depois eu fui em Santa Cruz e comprei muito ao finado Noronha, que ali eu vou dizer viu, era um pai para o povo. Para a pobreza. Que ele vendia sem conhecer as pessoas [...] Aí eu fiquei durante muito tempo fazendo, e eles levando para Paulo Afonso [...] Eu continuei costurando, e comprando [...] Costurava de dia para os outros e de noite pra mim. Aí depois eu vendi a que eu comprei, e comprei essa que já era uma Zig Zag [...] essa já foi a segunda máquina, a primeira foi aquela que eu comprei com o dinheiro que João ganhou da usina. Essa segunda já tinha motor [...] nesse tempo eu trabalhava dentro de casa. Depois de Sueli (filha) casada foi que eu comprei uma Tatzinha (máquina semi-industrial), que costurava eu e ela [...] depois dessa Tatzinha, hoje eu tenho duas Goleiras, três Overloques, uma máquina de cortar viés. Tudo começou dessa daí. (Dona Josefá, 57 anos, 2008)

Toda a comercialização envolvendo máquinas, tecidos, aviamentos, e até a venda das confecções nas “*Feiras da Sulanca*”, era realizada mediante uma relação de confiança entre vendedor e comprador. Desse modo, a compra era feita através da palavra sem dinheiro, ou cheque. Sendo assim, o comprador se colocava como uma forma de avalista para familiares, vizinhos, ou amigos próximos, garantindo, mediante a palavra, que tal pessoa era de confiança e efetuaria, posteriormente, o pagamento do bem adquirido.

Diante da facilidade de comprar o material de trabalho para produção das confecções, começa a acontecer a proliferação de novos “*fabricos*”, subdividindo-se dentro da mesma casa, onde os filhos e parentes próximos abriam seus próprios negócios, seguindo o mesmo processo de compra e venda de produtos, isto é, tendo como avalistas os parentes que foram pioneiros na “*Sulanca*”.

Nota-se que, na medida em que as indústrias de confecções vão crescendo, vão sendo incorporadas máquinas cada vez mais modernas, sem deixar de utilizar o trabalho artesanal e manual de forma combinada com a máquina industrial, principalmente no que se refere aos detalhes aplicados nas peças e no acabamento.

Observa-se que a finalidade da incorporação de novas tecnologias é baratear os custos da mercadoria, aumentando a produção e o lucro. Desse modo, como ressalta Marx, o objetivo do capital não vem a ser aliviar o trabalho diário do ser humano, mas, sua finalidade é “*baratear as mercadorias, encurtar a parte do dia de trabalho da qual precisa o trabalhador para si mesmo, para ampliar a outra parte que ele dá gratuitamente ao capitalista. A maquinaria é meio para produzir a mais valia*” (1988, p. 424).

Outra finalidade da incorporação da máquina à produção é o aumento da produtividade no trabalho, com a intensificação do trabalho através do aperfeiçoamento das máquinas “*para exercer maior pressão sobre o trabalhador*”.

[...] a maquinaria [...] confisca a vida inteira do trabalhador, ao estender sem medida a jornada de trabalho, e como seu progresso, que possibilita enorme crescimento da produção em tempo cada vez mais curto, serve de meio para extrair sistematicamente mais trabalho em cada fração de tempo, ou seja, de explorar cada vez mais intensamente a força de trabalho (Marx, 1988, p. 470).

Marx destaca, ainda, que o trabalhador serve à máquina, que beneficia o sistema capitalista e, como consequência, “*exaure os nervos ao extremo, suprime o jogo variado dos músculos e confisca toda a atividade livre do trabalhador, física e espiritual*” (1988, p. 483).

As empresas de confecções absorvem todo o tempo disponível dos funcionários impondo um ritmo de produção intenso, seja através das máquinas de alta tecnologia, seja por meio do trabalho manual, cujo fim é responder à necessidade de alta produtividade. Devido os baixos preços em que as peças são vendidas, se faz necessário grande produção para que a quantidade de peças comercializada possa manter as empresas funcionando.

Vale ressaltar que, nas empresas pesquisadas, o investimento em máquinas de alta tecnologia não substitui a mão-de-obra, mas, é remanejada para atuar em outra função, cuja máquina não pode substituir o homem, como no acabamento e na finalização das peças.



Foto 11 - Corte Industrial (Arquivos de Pesquisa 2007).



Foto 12 - Estamparia mecanizada (Arquivos de Pesquisa 2008).



Foto 13- Bordado Industrial (Arquivos de Pesquisa 2008).



Foto 14 - Costura Industrial (Arquivos de Pesquisa 2008).

A introdução de máquinas modernas, na produção de confecções, atinge, de forma parcial, as microempresas através da inserção de máquinas de costura industriais, dentre outras máquinas, que servem para facilitar a produção de parte da confecção. Os investimentos em outros tipos de máquinas, como bordado, corte de tecido em larga escala, corte a laser, e estamparia, são feitos pelas prestadoras de serviço que se especializam em parte da produção, prestando serviços específicos para as diversas microempresas, compondo, desse modo, o ciclo da produção.

Das empresas que foram visitadas, todas contratam os serviços especializados, acima citados, principalmente no que se refere às “*facções*” de costura, que funcionam para as empresas formalizadas como uma estratégia para aumentar a produção sem encargos sociais, uma vez que, não possuem nenhum vínculo empregatício com os funcionários. Para as microempresas, servem como uma forma ou de aumentar a produção, ou ainda de suprir a necessidade de equipamentos específicos no processo de produção.

Quanto à sequência do processo de produção, há certa similaridade nas empresas, seja na “*facção*”, na pequena, ou na média empresa. O trabalho é desenvolvido por etapas, onde cada funcionário realiza uma função específica que integra a sequência do processo de produção. O trabalho desenvolvido lembra a descrição feita por Marx (1988, p. 386), no *Capital*²⁴, quando se reporta ao trabalho feito através da manufatura com dupla origem, ou através de ofícios diversos e independentes, onde o produto final tem que passar pelas mãos dos trabalhadores até o seu acabamento final; ou ainda através do produto que deixa de ser individual e independente, passando a ser um produto social, onde cada trabalhador realiza, sem interrupção, uma única tarefa parcial.

Vale considerar que, ainda muito jovem, o trabalhador, quando começa em uma empresa de confecção, inicia com as atividades mais elementares, por exemplo, aparar ponta de linha e embolsar camisas. Geralmente, as mulheres atuam na costura, ou fazendo bordados à mão, ou ainda na venda das peças, nas diversas feiras. Os homens trabalham em atividades mais pesadas e que exigem maior força física, ou como no corte e bordado industrial, estamparia, ou ainda nos estoques das empresas maiores. No entanto, a questão da divisão sexual do trabalho, no caso do Pólo de Confecções do Agreste, e de modo particular no recorte aqui feito, se coloca em uma constante mudança que é própria do processo de

²⁴ A utilização de Marx, diante de tal contexto, serve como refletor da realidade atual, sem deixar de levar em conta que o seu tempo histórico foi outro, com outras especificidades, ao comparar o local da pesquisa com as fabricas pesquisadas pelo autor.

produção das empresas locais. Desse modo, é possível encontrar homens e mulheres atuando em diversos setores, seja costura, seja bordado, dentre outros.

A aprendizagem e a especialização acontecem dentro de casa, com os pais, ou dentro do próprio trabalho. São comuns as jovens mulheres, de modo particular as que são de outras cidades, começarem em atividades domésticas e, aos poucos, na própria casa em que se estão trabalhando, aprenderem a sequência do processo de produção e, conseqüentemente, costurar. No caso dos jovens, geralmente, começam no acabamento das peças e, em seguida, aprendem a trabalhar ou com estamparia, bordado, ou corte. Vale ressaltar, mais uma vez, que tal divisão sexual do trabalho pode variar de acordo com a necessidade do processo de produção, havendo grande abertura à adaptação.

Conforme o nível de aprendizagem do funcionário, ao longo das atividades exercidas no processo de produção e diante da necessidade da empresa, é possível trocar de função. Fato que, geralmente, funciona como uma ascensão no trabalho, melhorando suas condições, como mostra o depoimento do jovem Josuel abaixo:

Lá eu comecei na estamparia. Era eu e outro. Ele trabalhava sozinho no tempo. Eu já sabia trabalhar de estamparia no tempo, mas não tinha prática naquele tipo de serigrafia, naquelas estampas. Eu tinha mais prática em camisa, que no tempo era modinha para mulher, desde quando trabalhava em Santa Cruz na estamparia. Aqui em casa era estampa pequena de short e estampa de camisa, com outro tipo de tinta. Aí ele me ensinou, e como eu já tinha prática com outros tipos de estamparia, foi mais fácil aprender. Comecei a trabalhar com ele. Aí a gente trabalhou quase uns oito meses, eu acho. Depois ele colocou outra pessoa, aí depois colocou outro, e foi mais rápido pra colocar o terceiro. Quando ele colocou o quarto funcionário ele já tava procurando um pra cortar, porque ele mandava cortar fora. Ele comprava o tecido e colocava na casa de um menino ali pra ele cortar os panos. Aí ele tava procurando um cortador e não encontrava. Aí eu disse: *"Eu vou aprender a cortar pra eu sair da estamparia"* [...] No tempo ele (o patrão) tava procurando o cortador, já por conta de que seu José é bem exigente, e tava atrasando as peças no corte. Ele precisava de peça e Alex que gosta de tomar uma também, atrasava as peças. [...] Aí o patrão disse: *"Vai ser o jeito botar um corte"*. Aí colocou um corte, comprou uma mesa e colocou o corte com a máquina de Antônio, que pegou dele emprestado. Mesmo assim começou fazendo serão, só cortava a noite com Cleiton, o menino que cortava só cortava a noite porque trabalhava em outro lugar. Só que Cleiton farrapava também, tomava uma também. Aí eu dizia vamos cortar hoje de noite Cleiton? Ele dizia: *"Pronto sete hora eu chego lá"*. Aí e eu ia pra fazer serão com ele. No caso eu trabalhava o dia na estamparia e de noite ia fazer serão no corte ajudando ele. Mas Cleiton não ia, aí o outro dia também não ia.. Ele (patrão) até diz que todo cortador é irresponsável [...] Aí ficou nisso, ficou o pano lá sem ter quem cortasse. E eu pensei, eu vou aprender a cortar. Ele (patrão) disse: *"Eu vou arrumar um cortador pra ficar aqui no corte e pra trabalhar direto, cortando. Só cortando os panos"*. Eu fiquei pensando, eu vou ver se eu aprendo a cortar e saio da estamparia. Fui me ligando como era. Aprendendo a enfestar primeiro e depois chegou um tempo lá que eu disse: *"Arruma um menino pra enfestar mais eu, que eu enfesto depois o outro vem e só corta"*. Aí depois eu disse a ele: *"Chame Rivaldo que é cortador pra ele fazer serão comigo, pra ele me ensinar, pra ver se eu aprendo a cortar"*. Aí ele foi me ensinando e chegou tempo que Rivaldo não podia mais cortar

lá, e eu disse: “*Sabe de uma, eu vou cortar*”. E risquei tudo lá, e arrochei o nó. Daí Júlio (o filho do proprietário) disse: “*Você se garante de cortar?*” Eu já cortava na maquininha pequena e na mão com tesoura. Aí eu disse: “*Vou cortar*”. Quando ele chegou tava tudo cortado. E ele perguntou quem cortou? “*Fui eu*”. Mas ele ficou meio assim, e disse que iria trazer um menino pra ensinar mais. E disse: “*Você fica olhando pra você aprender*”. Eu disse para ele: “*Olhe arrume outro para a estamperia que eu fico no corte*”. Quando foi um dia eu nem sabia que ele ia arrumar, eu ainda tava na estamperia e cortando, só de noite que eu tava começando a cortar. Quando eu cheguei lá tava Dudu, aí ele chegou lá e disse: “*Josuel, Dudu agora vai para a estamperia e você vai ficar só no corte*”. Aí fiquei sozinho no corte, um menino pequeno que trabalhava lá é que me ajudava. Aí pronto depois que eu comecei foi preciso arrumar outro pra me ajudar e foi arrumado esse agora. (Josuel, 23 anos, 2009).

A aprendizagem, no caso do jovem Josuel, não foi adquirida mediante cursos profissionalizantes, mas a partir de sua vontade de aprender dentro da empresa, observando as dificuldades enfrentadas em relação a outros funcionários que não correspondiam às necessidades da produção. Sua ascensão profissional, aqui, se coloca como uma possibilidade real de sair da estamperia, considerada pelo jovem como um trabalho pesado, tanto pelo cheiro forte de tinta, como pelo calor excessivo, passando a trabalhar com o corte, que seria considerado um trabalho mais leve²⁵.

Para uma melhor visualização de como se dá o processo de produção das confecções, nesse emaranhado de redes de relações e prestação de serviço, tentarei descrever a sequência produtiva a partir da observação realizada ao longo de duas semanas.

²⁵ Tal questão será aprofundada no Capítulo IV, onde foi realizado um estudo de caso com Josuel, seu ambiente de trabalho e sua família.

3.4 Descrevendo as empresas de confecções

3.4.1 Microempresa familiar Júlio Confecções – Origem

Durante as várias conversas e visitas à empresa Júlio Confecções²⁶, foi possível perceber que a atividade com a fabricação de confecções é relativamente recente. A estratégia de sobrevivência da família, que tem suas origens no próprio distrito de Pão de Açúcar, começa no trabalho com a agricultura, seguida da migração para São Paulo, para aonde toda a família, inclusive outros parentes, migram para trabalhar em uma fábrica de chinelos, montada por eles. Por volta da década de 1980, período em que a “*Sulanca*” começa a expandir-se, a família decide retornar para Pernambuco, pois, as condições de trabalho e vida já não os favoreciam mais. Ao chegar, começam a negociar vendendo tecidos advindos do Brás-SP, cujo público alvo eram os “*Sulanqueiros*”²⁷ da região.

Vender tecidos, em uma época de expansão da “*Sulanca*”, foi uma atividade que lhes rendeu um bom patrimônio familiar. A casa de moradia da família está localizada em um amplo terreno, onde há muitas árvores frutíferas, criação de galinha, ganso, cachorro, e um espaço onde, antigamente, funcionava um curral. Em época de inverno, arrendam parte do terreno para a plantação de milho.

Atualmente, utilizam uma parte do espaço do terreno para a realização de atividades relacionadas à produção de confecções. No lugar onde foi o curral, houve uma modificação estrutural, adaptando-o para o funcionamento de uma empresa formal de bordado, que presta serviço para outras empresas da região, organizada e administrada pela filha do empresário.

Outra parte do espaço foi adaptada para o funcionamento de uma “*facção*” informal, administrada pela nora do empresário, que presta serviço para uma única empresa que pertence a uma de suas irmãs. Vale ressaltar que cada uma dessas microempresas funciona de forma independente, podendo esporadicamente prestar algum tipo de serviço uma para outra. Contudo, a característica principal, entre elas, é a forte presença dos laços familiares.

²⁶ Nome fictício escolhido para descrever a empresa.

²⁷ Maneira como se chamava comumente os confeccionistas da região.

A empresa Júlio Confeções é constituída por membros da família, incluindo alguns funcionários. Estão envolvidos diretamente no processo de produção da empresa: a família, que é constituída por pai, mãe e filho, além de sete funcionários.

A organização da produção é realizada pelos próprios proprietários, que compram os tecidos e os aviamentos utilizados na confecção das peças. O corte, a estamparia e a organização das peças, que vão e voltam das "faccões" e da empresa que coloca os botões nas camisas, são acompanhados pelos proprietários, mas é realizado, diretamente, por um dos funcionários da empresa. No que se refere à venda das peças, esta é feita por dois dos filhos.

A empresa produz camisas masculinas de mangas longas, geralmente utilizadas por agricultores. A produção é vendida nas "Feiras da Sulanca" para compradores que as revendem nas várias cidades do interior do Norte/Nordeste. O preço da mercadoria é estabelecido de acordo com o preço colocado por outros empresários que vendem o mesmo tipo de confecção.

O horário do expediente é das 7h às 11h30min, e das 13h às 17h, havendo um intervalo para o lanche às 15h. Em alguns dias da semana, há funcionários fazendo hora-extra. O registro das horas de trabalho é feito em um caderno, onde cada funcionário anota a hora em que chega e em que sai do estabelecimento. Vale salientar que o horário estabelecido de entrada, de saída e para o lanche, é determinado pelo patrão, que segue o padrão das outras empresas.

Segundo os funcionários, o intervalo para o almoço é muito pequeno se for levada em conta a distância entre a moradia e o local do trabalho. Com o sol escaldante, no trajeto, o tempo só é suficiente para tomar um banho, almoçar, e descansar alguns minutos.

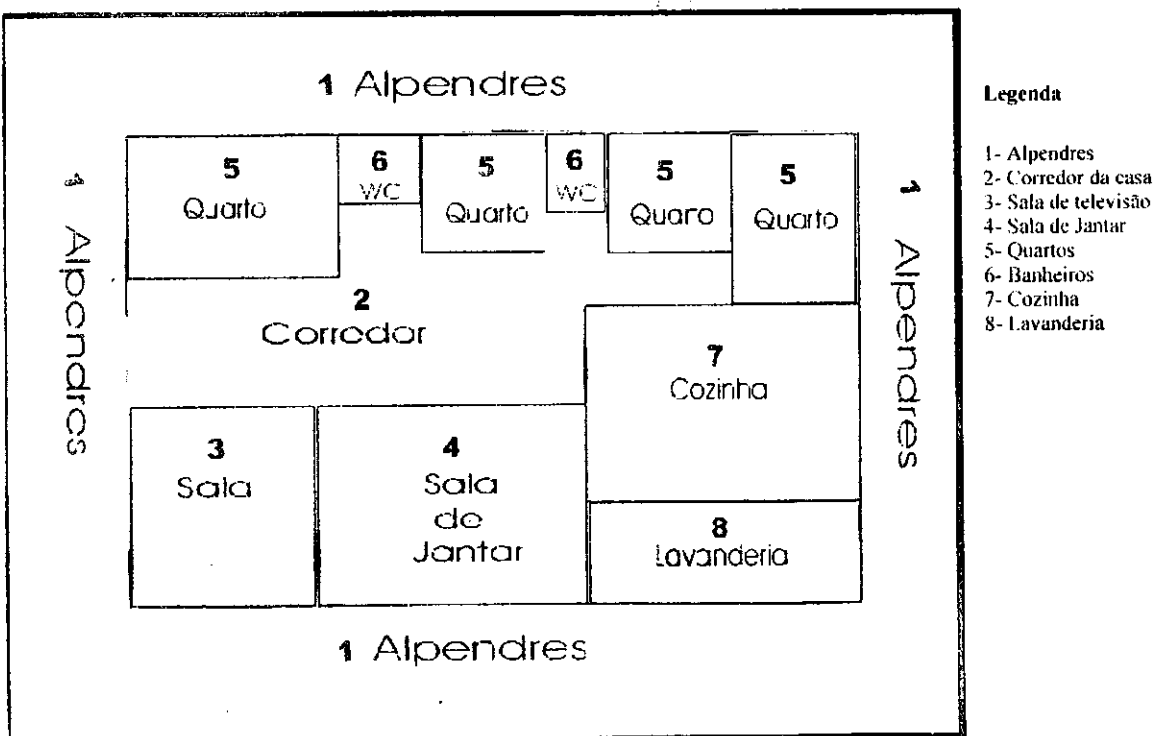
Ao retornar para o trabalho, não há tempo ou para descansar, ou esfriar o calor. Muitas vezes, os funcionários, por chegarem atrasados, seguem logo para suas atividades. No caso da estamparia, por ser um ambiente pouco ventilado e extremamente quente, devido o calor da mesa de estampar, a sensação térmica torna-se quase que insuportável. O setor onde funciona o corte também é um espaço com pouca ventilação e bastante quente, mas nada comparado à estamparia.

3.4.1.1 O espaço de trabalho

Há uma questão extremamente relevante quando falamos de micros e pequenas empresas: é a rápida dinâmica de mudanças e adaptações existentes em um curto espaço de tempo, no que se refere ao ambiente de trabalho. Vale destacar que, ao longo do ano em que acompanhei a empresa, aconteceram várias modificações estruturais.

O funcionamento do processo de produção se concentrava em lugares diferenciados, sendo subdividido em várias etapas. No caso da empresa aqui apresentada, a primeira e a última etapas eram realizadas na casa. Os tecidos eram armazenados nos alpendres da casa e separados antes de seguirem para o corte. Depois de cortadas e costuradas, as peças voltavam para a casa dos proprietários da empresa, seguindo para o acabamento, realizado também no alpendre. Em seguida, eram estocadas em uma adaptação feita na sala de jantar, de onde seguiam para a venda nas “Feiras da Sulanca”.

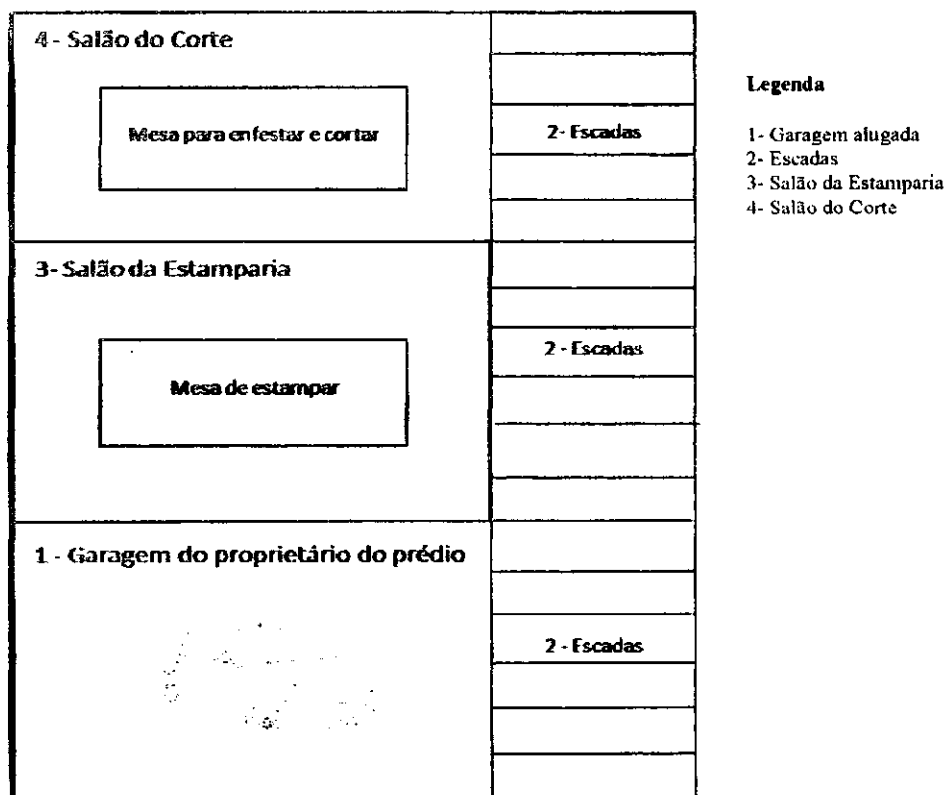
Figura 3 - Casa do proprietário da empresa – Júlio Confeções



Fonte: Pesquisa de Campo - julho de 2008.

Os processos de “*corte*” e “*estamparia*” funcionavam em um prédio alugado. Espaço que ficava bastante afastado da casa dos proprietários da empresa, dificultando a articulação entre os diversos processos de produção.

Figura 4 - Armazém onde funcionava parte da Confeção.



Fonte: Pesquisa de Campo - julho de 2008.

Diante das dificuldades encontradas durante o processo de produção, que funcionava de modo tão fragmentado, os proprietários da empresa sentiram a necessidade de trazer o “*corte*” e a “*estamparia*” para um espaço mais próximo da casa, pois, além da possibilidade de administrar mais de perto a produção, de modo particular a proprietária da empresa poderia conciliar as atividades do “*fabrico*”²⁸ com as atividades domésticas. Atualmente, o processo de produção é, praticamente, todo realizado em um “armazém”, como são conhecidas as garagens onde funciona a produção, situado no terreno da própria casa dos donos da empresa.

A casa da família também é utilizada para a produção das confecções, havendo, nesse caso, uma mistura do cotidiano familiar com o dia-a-dia de trabalho da empresa. O alpendre da casa é o lugar mais ventilado, funcionando ora como lugar de descanso para a

²⁸ “*Fabricos*” – Lugares onde se desenvolve a produção das pequenas empresas familiares.

família, ora lugar de trabalho aonde as peças seguem para o acabamento. Dentro da casa é concluído o processo de confecção. Em uma sala, onde funcionava como sala de jantar, atualmente funciona uma mesa com fórmica própria para dobrar as camisas, e um estoque de mercadorias prontas que seguirão, posteriormente, para a feira.

O armazém (novo espaço construído) está subdividido em três setores: o corte; a estamparia; e o almoxarifado, que serve para guardar os tecidos que serão utilizados na produção, as sobras de tecidos, e ainda os que não serão utilizados. Parte desse excedente é vendido para outras pessoas que produzem diversos tipos de mercadoria, como sacos para ensacar as peças compradas nas feiras, dentre outros tipos de confecções.

Há ainda, no espaço de trabalho atual, um banheiro com cerâmica até a metade da parede e sem porta, apenas com uma cortina. Segundo o dono da empresa, ainda não foi colocada a porta pelo fato de todos os funcionários, que tem acesso ao banheiro, serem homens.

No que se refere à questão da higiene, no espaço físico analisado, é relativamente boa. No entanto, há uma poeira intensa em todo o processo em consequência das atividades realizadas com os tecidos que ficam muito tempo estocados acumulando poeira. Vale salientar que nenhum dos funcionários utiliza máscara de proteção, ou contra a poeira, ou contra o forte cheiro da tinta que evapora com o calor da mesa de estamparia. A limpeza do ambiente é feita pelos próprios funcionários, no final do expediente, e pela dona da empresa, que assume a tarefa de limpar o filtro e lavar os copos que são utilizados coletivamente.

Como, ao lado, há uma empresa de bordado, o barulho, enquanto as máquinas estão funcionando, é ensurdecedor. Não havendo nenhuma proteção acústica, a mistura do barulho das máquinas de bordar com o som do rádio, que é ligado durante o dia todo, além das conversas entre os funcionários, produzem alta intensidade de ruído que, a princípio, incomoda, mas, aos poucos, é incorporado à rotina de trabalho. No tocante ao rádio, uma questão foi interessante observar: ele é o grande parceiro dos funcionários, deixando-os a par de todas as festas e os acontecimentos da região, além de anunciar a venda de produtos e ofertas de emprego.

No que se refere à ambiência térmica, a ventilação é bem precária, havendo apenas pequenas janelas na estamparia, no corte e no almoxarifado. Há ainda uma porta grande que serve para carregar e descarregar mercadoria. É através dela que entra maior ventilação. Como o proprietário da empresa sempre pede para manter a porta fechada, por conta da poeira, e as janelas do corte e da estamparia raramente são abertas. Devido o barulho

excessivo que vem da empresa de bordado, a circulação do ar, no recinto, de trabalho é praticamente inexistente. Um fator que contribui para amenizar o calor do ambiente é que o teto do espaço não é forrado com gesso, mas apenas com telha de barro. Segundo os funcionários, o espaço em que trabalhavam era mais quente do que o que estão atualmente.

O espaço é bem iluminado, mas o mobiliário é bastante rústico e improvisado. Desse modo, os funcionários precisam se adequar da maneira mais confortável possível para o desenvolvimento do trabalho durante o dia.

3.4.1.2 Processo de produção

O processo de produção é bastante artesanal, pois, o tipo de matéria-prima utilizada não é uma mercadoria de primeira qualidade, ou seja, tecidos comprados nas grandes tecelagens. Para garantir condições de vender suas peças no preço de mercado e com certa vantagem em relação aos concorrentes, é utilizada a seguinte estratégia de barateamento dos custos: o dono da empresa encontra, em São Paulo, um tecido de cacharrel²⁹, que é previamente utilizado na decoração de eventos e depois revendido. Esse tipo de tecido, quando chega à empresa, vem geralmente sujo e precisa passar por uma triagem para ver o que é possível ser aproveitado diretamente no corte das peças, o que precisa ir para a lavagem, e o que não terá condições nenhuma de utilização.



Foto 15- Triagem do tecido comprado (Arquivo de Pesquisa 2008).

Antes de seguir para o corte, os tecidos passam por uma separação de cores (cinza, gelo, branco). Caso não seja feita essa separação, pode ocorrer algum problema na etapa da

²⁹ Tipo do tecido utilizado na confecção desse tipo de peça.

estamparia. Feita a separação, o tecido é infestado³⁰ na mesa, seguindo a ordem das cores. Depois é feito o corte com uma máquina industrial, capaz de cortar uma grande quantidade de peças de só uma vez. A sobra do tecido é cortada ou com uma máquina pequena, ou manualmente com uma tesoura, para melhor reaproveitamento das peças.



Foto 16 - Preparação para o corte I (Arquivo de Pesquisa 2008).

³⁰ Processo de produção onde os tecidos que serão utilizados para a produção das camisas são colocados uns sobre os outros, para em seguida ser cortado com uma máquina, ou semi-industrial, ou industrial.



Foto 17 - Preparação para o corte II (Arquivo de Pesquisa 2008).

Todas as peças cortadas são estampadas em uma grande mesa, própria para estamparia industrial que, segundo sua origem de fabricação, deveria ser utilizada na eletricidade. No entanto, outra estratégia de redução de custos foi encontrada pelos empresários de Pão de Açúcar, onde é feita uma adaptação para a utilização da mesa de estamparia aquecida a gás Butano. É comum encontrar, em estamparias de pequeno porte, um recipiente de gás utilizado na cozinha, geralmente dentro do próprio espaço de trabalho. Nas estamparias de médio e de grande porte, como é o caso da estamparia da empresa Júlio Confecções, utiliza-se um recipiente industrial. Nesse caso, percebe-se uma maior segurança pelo fato do gás ficar do lado de fora do espaço de trabalho, havendo um encanamento que o liga à mesa de estamparia. Vale salientar, ainda, que a empresa que o abastece também faz uma manutenção periódica.

Quanto à segurança do local de trabalho, no que se refere aos riscos de incêndio, há apenas um extintor de incêndio, correspondente aos três ambientes que compõe todo o espaço de trabalho. Levando em conta os riscos de incêndio e a matéria-prima, que é altamente inflamável por ser composta de 100% Poliéster, pode-se considerar que há certo risco no trabalho, raramente levado em consideração. Outra questão que vale considerar, ainda, é que o calor no espaço, e ao redor da mesa de estamparia, é insuportável, e que os funcionários, para

suportar essas condições de trabalho, recorrem à alternativa de exercer a atividade sem camisa.

Ainda na estamparia, a mistura das tintas é, praticamente, uma aula de química, só que utilizada de forma muito artesanal. Vale salientar que tudo é feito sem um estudo prévio ou cursos de qualificação, mas através do conhecimento empírico que passa de pessoa para pessoa, sempre com a preocupação máxima de baratear o custo no processo de estampar as peças.

Essa etapa conta com três funcionários que se revezam na estampa das camisas. Levando em consideração a temperatura da mesa e o peso da tela, feita com uma grande placa de madeira cheia de tinta, chegando a pesar, aproximadamente, cinco quilos, é necessário o revezamento devido ao cansaço do trabalho repetitivo durante todo o dia.



Foto 18 – Estamparia I (Arquivos de Pesquisa 2008).



Foto 19 – Estamparia II (Arquivos de Pesquisa 2008).

A limpeza da mesa de estamparia é feita com querosene, água e cola. Com a mistura desses produtos em contato com o calor da mesa, é produzida uma fumaça com cheiro extremamente forte.

As peças já estampadas ficam todas penduradas em arames ao redor da mesa de estamparia, e, durante o revezamento na estampa, há uma troca entre estampar e estender as peças para terminar de secar a tinta.

Quando as peças já estão secas, retornam para o setor de corte, onde são arrumadas para seguir para a costura. Momento em que o trabalho é todo fracionado. Parte da costura é feita em Pão de Açúcar e sua conclusão é feita em vários sítios da zona rural do município de Taquaritinga do Norte, e ainda em alguns sítios do município de Alcântil - PB.

A atividade de costura, realizada nos sítios, funciona como “*facções*” e é organizada por um senhor que atua como um gerenciador, contratando as costureiras que, em sua maioria, são senhoras casadas. Ao contrário dos seus filhos, que saem para trabalhar na região com a conhecida “*Sulanca*”, ficam nos sítios e dividem o trabalho na agricultura com a costura. Há, aproximadamente, um grupo de 18 mulheres que costumam na zona rural, sendo que tal

atividade rende, para cada uma delas, aproximadamente R\$ 500,00 (quinhentos reais) por mês.

O transporte da mercadoria, que é levada para ser costurada na zona rural, é feito em uma moto com carroceria adaptada que percorre toda a zona rural, distribuindo as peças para serem costuradas. As costureiras marcam o dia em que, possivelmente, as peças estarão prontas e, se não houver nenhum contratempo, no dia marcado, o gerenciador passa e recolhê-las. Quando é feito o pagamento ao gerenciador pelas peças produzidas, este repassa o pagamento para as costureiras, tirando a sua parte do trabalho.

As peças que retornam da zona rural seguem para facções especializadas em colocar botões. Ao final do processo, as peças seguem para o acabamento, onde são aparadas, dobradas e amarradas para seguirem, posteriormente, para as feiras da região. Atividade realizada na casa do dono da empresa.

A dificuldade em trabalhar com as “*facções*” se dá pelo enorme vai e vem de peças, ocasionando, muitas vezes, extravio de mercadoria, o que, segundo o dono da empresa, gera grande prejuízo. Durante a pesquisa de campo, houve um caso em que ficou faltando um determinado número de peças, que vieram da prestadora de serviço que coloca botões. Esse acontecimento gerou um mal estar enorme entre os patrões e os funcionários que tentavam detectar quem havia sido o culpado pelo desaparecimento das peças. Ao final, detectou-se que houve um engano na contagem das peças que seguiram para colocar botões.

Apesar de cada funcionário ter um tipo de trabalho específico, há alguns tipos de atividades, de modo particular as de acabamento das peças, que praticamente todos sabem fazer. Desse modo, quando não há trabalho em algum setor, ou há o remanejamento para esse tipo de atividade, ou para separar as peças que precisam ser arrumadas antes de seguirem para a estamparia.

Durante as atividades desenvolvidas na rotina de trabalho, é comum chegarem compradores dos tecidos que não serão utilizados na produção das camisas. Em momentos assim, como ocorrido durante uma das tardes da pesquisa de campo, ao chegar uma compradora que confecciona mosquiteiros, todos os funcionários foram deslocados de suas funções para procurar os fardos de tecidos que foram vendidos. A entrega dos tecidos comprados é feita somente por funcionários que possuem a carteira de motorista.

3.4.1.3 Sociabilidade no trabalho

O espaço de trabalho configura-se em um forte ambiente de sociabilidade, principalmente quando há oportunidade de estarem todos juntos. Nesses momentos, os funcionários conversam sobre assuntos diversos que dizem respeito à vida pessoal e ao cotidiano. Os assuntos vão de programas de televisão a viagens feitas por eles. Conversam em grupos formados a partir dos laços de amizade constituídos no ambiente de trabalho. Comentam, ainda, sobre assuntos referentes aos problemas de Pão de Açúcar, como: a escuridão das ruas, o policiamento, a política, etc.

O momento de conversa entre os funcionários só é interrompido quando o patrão chega ao estabelecimento. Houve um momento, já no final do expediente, em que estavam trabalhando e conversando descontraidamente e, de repente, o clima de brincadeira é interrompido pelo patrão que chega ao recinto e, com voz forte, grita: "*Olha a feira!*", como uma forma de ordenar que parem as conversas e trabalhem. Nesse momento, todos os funcionários silenciaram, e até mudaram a expressão facial.

Outro momento de interação acontece na hora do lanche, que é ofertado pelo dono da empresa, onde todos param suas atividades, às três horas da tarde, por quinze minutos, e se encontram em um lugar bem ventilado, no alpendre da casa. Geralmente, o lanche é algum tipo de suco, pão com queijo ou mortadela, ou algum tipo de fruta, que é colhida nas fruteiras, localizadas no terreno onde se encontra a empresa e a casa. Nesse momento, os funcionários comentam que há duas grandes felicidades no dia-a-dia do trabalho: a primeira, na hora do lanche; e a segunda, na hora de ir embora.

Além da cooperação que permeia as relações, é nítido perceber também certo tipo de rivalidade entre alguns funcionários. Como o processo de produção é absolutamente fracionado, lembrando um complexo quebra-cabeça, e de natureza praticamente artesanal, é preciso muito cuidado para não dar erro na contagem das estampas. Quando isso acontece, inicia-se um processo de acusações mútuas, onde cada um quer se isentar da responsabilidade, culpando um ao outro até que se descubram os culpados.

A escolha da estação de rádio é outro motivo de conflito entre os funcionários, pois o aparelho de som fica no salão onde é feito o corte, e muitas vezes o pessoal da estamperia vem até o setor de corte e muda de programação, sem haver uma prévia combinação entre eles.

Segundo os funcionários, a parte da tarde é o melhor horário para trabalhar porque, além de ter um lanche, passa mais rápido do que o período da manhã. No período da manhã, reclamam que o tempo demora a passar e que a maioria ou não toma café em casa, ou come muito cedo. Desse modo, antes de terminar o turno da manhã, estão todos com fome e, por não haver lanche, ficam todos ansiosos para chegar a hora de ir para o almoço.

Alegam, ainda, certa dificuldade no relacionamento com o patrão, pois este sempre reclama do que é feito na empresa. No que se refere ao filho do patrão, responsável pela produção e venda na confecção, o relacionamento é melhor e os funcionários conseguem dialogar mais facilmente. Na relação entre patrão e funcionário, percebe-se uma forte relação de dominação e resistência, havendo forte embate entre a rigidez do patrão e as diversas estratégias de resistência dos funcionários.

3.4.2 Média empresa familiar Moda Vest ³¹ - Origem

Para compreender a constituição da empresa Moda Vest, foi necessário recorrer às lembranças da infância e juventude do dono da empresa, através de uma entrevista. Lembranças que se misturam à história de Pão de Açúcar e à origem da “*Sulanca*” no distrito.

Os jovens da região começam, desde muito cedo, a trabalhar com confecções. Com o dono da empresa não foi diferente. Começou a trabalhar com 12 anos de idade na fábrica de calçados do pai. Depois, por volta da década de 1980, começa a fabricar um tipo popular de calças jeans. Essa atividade surgiu bem antes de Toritama despontar como forte produtora de jeans no Estado de Pernambuco.

Assim, como todas as outras empresas da região, também esta teve sua origem na informalidade, com praticamente toda a produção fracionada e distribuída nas casas, nas garagens e nos sítios do município de Taquaritinga do Norte, dentre outros municípios circunvizinhos. O final do processo de produção era feito em Pão de Açúcar, através dos funcionários que trabalhavam nas diversas garagens em que a empresa funcionava.

Em 1992, a empresa deixa de fabricar jeans e passa a trabalhar com a confecção de camisaria masculina. Neste contexto, o processo continua fracionado, estando subdividido em várias garagens, além de continuar com parte da produção sendo realizada em várias “*facções*” de costura.

Com o crescimento da empresa, segundo o proprietário, houve a necessidade de formalizar, ampliar e melhorar a estrutura de trabalho. Atualmente, funciona em um espaço próprio e amplo, com o processo de produção subdividido de modo sequenciado, facilitando um maior controle da produção.

Atualmente, a empresa conta com 110 funcionários com carteira assinada. E, assim como as demais empresas de Pão de Açúcar, segue um horário de trabalho estabelecido. O expediente começa às 07h15min e vai até as 11h30min da manhã. Na parte da tarde, as atividades recomeçam às 13h, com um intervalo de quinze minutos para o lanche às 15 h, e encerram às 17h.

O processo de produção, em sua maior parte, é feito dentro da própria empresa. No entanto, para conseguir atingir a produção semanal de 25 mil peças, se faz necessário

³¹ Nome fictício da empresa.

continuar com a contratação de serviços de “*facções*” de costura, localizadas não só na região, mas também em outras cidades de Pernambuco e da Paraíba.

Segundo o proprietário, há intenção de aumentar a produção para 40.000 peças semanais, somando 160.000 peças por mês. Mas, para que haja o aumento da produção, pretende-se aumentar o número de funcionários para, no mínimo, 160 pessoas trabalhando dentro da fábrica, sem deixar de utilizar a mão-de-obra das “*facções*”.

Embora a empresa, aqui descrita, seja a maior do distrito de Pão de Açúcar, um fator que não pode deixar de ser considerado é a questão de a família estar presente no processo de produção, gerência e administração da empresa. Mantém, assim, uma característica comum a todas as empresas de confecção de Pão de Açúcar e da região, não apenas da presença da família, mas certa mistura do ambiente familiar ao ambiente de trabalho. No caso da empresa Moda Vest, foi construída uma casa ao lado da empresa com acesso direto aos setores de produção. Desse modo, os proprietários podem estar em casa, cuidando de alguns aspectos domésticos, e ao mesmo tempo estar, rapidamente, na empresa para resolver ou algum imprevisto, ou alguma urgência.

3.4.2.1 O espaço de trabalho

O novo espaço de trabalho é consideravelmente amplo e foi construído com ambientes delimitados de acordo com a sequência do processo de produção. Esses ambientes, segundo os funcionários responsáveis pelos diversos setores da empresa, são readaptados de acordo com a necessidade da produção e a introdução de novas máquinas.

As mudanças estruturais realizadas, no caso da empresa citada, não geram maiores problemas no que se refere ao espaço físico: em primeiro lugar, porque o espaço onde a empresa funciona, atualmente, já foi construído e pensado para funcionar por setores interligados; e, em segundo lugar, porque há um grande terreno disponível para a construção de futuras instalações. Vale ressaltar que todas as mudanças, construções e adaptações, são feitas por funcionários da empresa que são contratados especificamente para trabalhar com construção, marcenaria e serralheria.

Outro fato que se faz necessário mencionar é que, assim como as outras empresas da região que estão em constantes e rápidas mudanças, a empresa Moda Vest não foge à regra, pois, a cada dia um novo elemento é introduzido, cuja finalidade é manter um alto processo de produção e baratear a mercadoria.

No que se refere à estrutura do galpão, há, ao seu redor, janelas e portas que são mantidas abertas durante o horário de trabalho. Mas, como a região é muito quente, as janelas não dão conta de manter uma temperatura agradável no ambiente. Uma alternativa encontrada foi a instalação de ventiladores com jato d'água, dando uma sensação térmica mais amena. Mesmo com essas iniciativas, a problemática do calor no ambiente não foi totalmente solucionada. Conversando com a proprietária, fui informada que estão com um projeto de colocar uma manta térmica abaixo do telhado, cuja finalidade é amenizar a sensação térmica.

O espaço em que funciona a estamparia é o lugar onde a sensação térmica é mais elevada, devido à alta temperatura da mesa de estampar. Os funcionários deste espaço de trabalho precisam se adaptar tanto ao calor, como ao cheiro forte de tinta, dentre outros produtos utilizados durante o processo de pintura das camisas.

O barulho das máquinas funcionando é intenso, e parte dos funcionários utiliza protetor auricular. Mas, no que se refere à poeira que circula por todo espaço de produção, advinda dos tecidos estocados e também do corte e costura dos tecidos de algodão, apenas 10% dos funcionários utilizam máscaras, de modo a proteger o sistema respiratório.

Quanto às condições de trabalho na costura, foi observado, na penúltima visita à fábrica, que usavam cadeiras comuns cobertas por um material conhecido, popularmente, como macarrão de plástico, frequentemente encontrado nos armazéns de costura da região. Agora, foi observado que 90% dos funcionários já estão com cadeiras ergométricas próprias para a atividade de costura. Um fato interessante a ser destacado é que, segundo o encarregado do setor, a princípio, houve forte resistência por parte das costureiras quanto às novas cadeiras.

No que se refere à limpeza do espaço, é consideravelmente boa. Há pessoas específicas responsáveis pela limpeza de toda a empresa, o que não dispensa a atuação dos demais funcionários de cada setor, que precisam manter o ambiente minimamente limpo.

A estrutura do banheiro é relativamente adequada para atender as necessidades do trabalhador. Vale destacar que, no recinto, não há espelho, pois, segundo os funcionários encarregados, muitos utilizam o banheiro para "*fazer hora*" e, no caso específico das mulheres, sua presença acabaria ocasionando atraso na produção das peças confeccionadas.

Os espaços mais organizados e ventilados são os escritórios e a loja da fábrica³² em Pão de Açúcar. Organização que se estende para as outras lojas que funcionam nas feiras de Santa Cruz do Capibaribe e Toritama.

³² Loja interligada diretamente à empresa.

3.4.2.1 Processo de produção

O processo de produção da empresa funciona de modo interligado e sequenciado. Desse modo, a gestão de todo processo de produção começa na *Direção e na Gerência*, onde são realizadas as compras de máquinas, malhas, aviamentos, tintas, e é feito o controle financeiro geral da empresa. Os funcionários que estão diretamente ligados à direção, além dos proprietários, são os funcionários do *Escritório* e os encarregados pelos setores integrados de produção, que circulam por todos os setores, garantindo sequência e ritmo.

A matéria-prima comprada é destinada a setores, onde é conferida e estocada. Para o estoque, há certa sequência a ser obedecida, começando no *Estoque provisório de malhas*, seguindo para o *Estoque permanente de malhas*, depois para o *Almoxarifado*, que estoca os aviamentos, e o *Almoxarifado da Estamparia*, que armazena todos os itens utilizados no processo de estamparia. Cada item fica alocado em um lugar estabelecido, facilitando assim o andamento dos trabalhos.



Foto 20 - Estoque de malhas (Arquivos de Pesquisa 2008).

Em seguida, de acordo com a programação da produção, que segue um cronograma estabelecido a partir do estoque de mercadorias prontas, dos pedidos de compra, e ainda com uma nova coleção, o processo começa, efetivamente, com o *Corte*. Essa etapa é composta por três grandes mesas, onde o trabalho é realizado de duas maneiras diferenciadas: na primeira, várias peças de malha são estendidas, manualmente, sobre uma grande mesa; na segunda, é utilizada uma máquina a vapor, que faz o processo de estender o pano automaticamente, sendo necessário apenas o apoio dos funcionários responsáveis. Em seguida, é realizado o corte, através de uma máquina industrial, por apenas um funcionário especializado que trabalha na empresa desde sua origem.



Foto 21 - Processo de Corte (Arquivos de Pesquisa 2008).

O *Designer* realiza sua atividade utilizando um computador e uma máquina industrial a laser, que cria a arte a ser desenvolvida na estamparia, no bordado e no *transfer*. Neste setor, também são criados os adereços que serão aplicados no bordado. Após a criação da arte, as peças que saíram do corte seguem para a *Estamparia*, que está equipada com uma máquina chamada de *carrossel de estamparia*. Essa máquina funciona tanto a energia elétrica, como a gás industrial embutido, como é o caso da empresa Júlio Confecções, apresentada anteriormente.

Há, ainda, outra máquina que serve para colar e secar flocagem³³. Depois de pronta essa etapa do processo, as peças seguem para o *Bordado*, onde funciona uma máquina industrial de bordar com doze cabeças. O processo de arte da peça é finalizado no setor de *Transfer*.

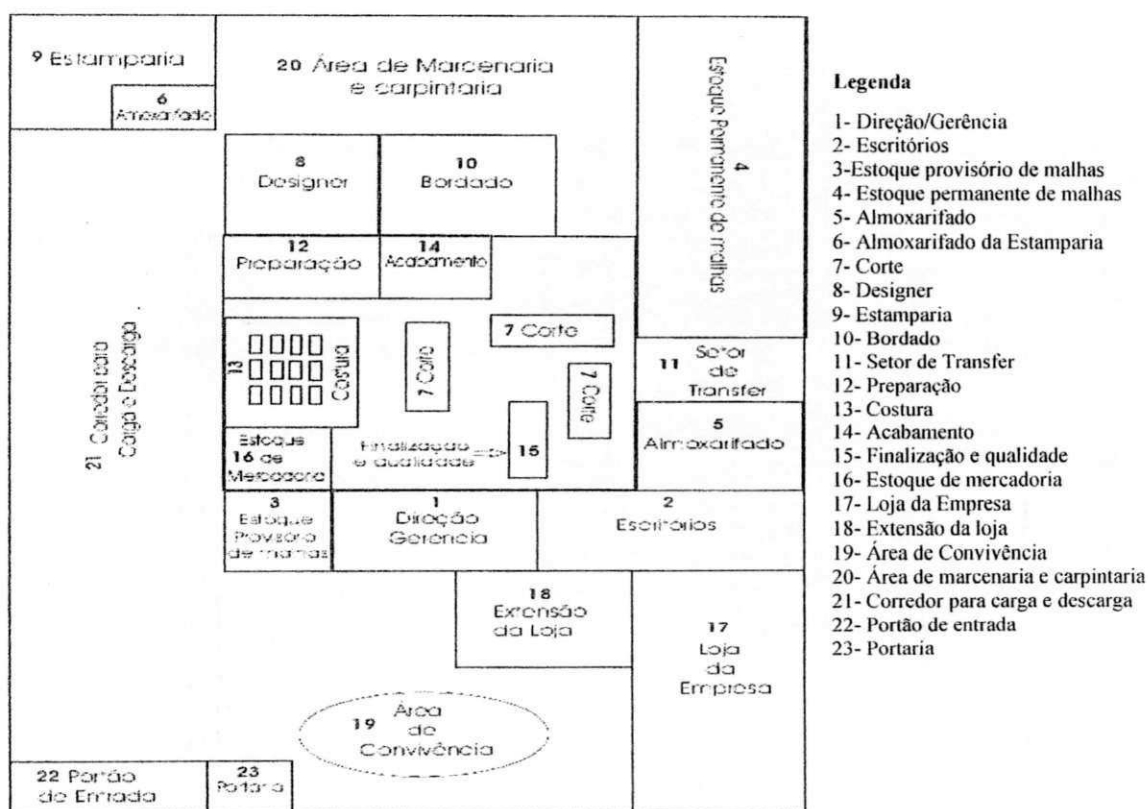


Foto 22 - Setor da Estamparia (Arquivos de Pesquisa 2008).

³³ Adereço em pó, utilizado na estampa, que é colado e secado em uma máquina apropriada. Depois de pronto, fica parecendo um papel camurça.

Área de Marcenaria e Carpintaria da própria empresa, que funciona como suporte para as modificações estruturais no que se refere à produção. Desse modo, não há necessidade de fazer contratação de profissionais externos, pois há funcionários que conciliam outras atividades no processo de produção da confecção, como a marcenaria e a carpintaria. Há, ainda, um corredor ao lado dos setores descritos que serve como carga e descarga de material e mercadoria, além de um portão de entrada/saída e uma portaria, onde os funcionários marcam o ponto com o horário de chegada e saída.

Figura 5 – Espaço de trabalho da empresa Moda Vest



Fonte: Pesquisa de Campo - julho de 2008.

3.4.2.1 Sociabilidade no trabalho

A minha inserção na empresa como pesquisadora se deu, primeiramente, na loja, localizada em Santa Cruz do Capibaribe. Nela, foi possível observar, durante os dois dias de feira, que a interação entre os funcionários acontece de forma intensa.

O trabalho na loja, com aproximadamente 15 funcionários, tem início perto das 05h30minh da manhã. Antes de começarem as atividades do dia, todos os funcionários, inclusive a sogra, a filha e o genro do dono da empresa, que administram a loja, participam de uma oração, que é dirigida por alguns funcionários evangélicos. De mãos dadas, aproveitam o momento para pedir proteção a Deus durante o dia de trabalho, principalmente no que se refere a assaltos, justificado pelo montante de dinheiro que entra durante os dias de feira, uma vez que, o movimento de vendas é intenso durante todo o dia.

Como nem sempre é possível se comunicar verbalmente, por conta do fluxo intenso de compradores, estando todos envolvidos com a venda das confecções, os códigos e sinais prevalecem, principalmente quando precisam de algum favor um do outro, como na compra de lanches, ida ao banheiro, que fica em um espaço fora da loja e atende todo o público que circula no "*Santa Cruz Moda Center*", e nos momentos em que precisam comprar alguma coisa fora da loja e ainda estão em horário de trabalho.

No momento em que diminui a quantidade de compradores na loja, acontece a maior interação, formando-se grupos que se constituem a partir de laços de afinidade. No que se refere às refeições, tanto o café da manhã, como o almoço, que são feitos no primeiro andar da loja, que serve como estoque das mercadorias que serão posteriormente vendidas, não representa um forte momento de sociabilidade, por ser feito de cinco a dez minutos, de modo intercalado. Quando um funcionário demora um pouco mais, os responsáveis chamam a atenção, pedindo que sejam mais rápidos. Segundo os funcionários, há épocas em que não é possível parar para fazer algum tipo de lanche, devido o grande número de clientes a ser atendidos na loja.

O trajeto de ida e vinda entre Pão de Açúcar e a loja, em Santa Cruz do Capibaribe, é feito em um carro da própria empresa. É um momento de muitas brincadeiras e conversas, que variam desde a vida pessoal até a vida comunitária, com ênfase na religiosidade, nas festas, na família, e ainda no que se refere ao cotidiano dentro da empresa.

Observa-se que o comportamento dos funcionários, na empresa, muda completamente, principalmente pelo fato de estarem sob maior pressão, tanto por parte do

patrão, que sempre circula pelos diversos espaços da empresa, como por parte dos encarregados, que são responsáveis pela quantidade e qualidade da produção, respondendo, diretamente, junto ao patrão diante de algum problema.

As estratégias são inúmeras para driblar a situação, como as idas ao banheiro, que geralmente demoram mais um pouco. Um exemplo interessante ocorreu durante a semana em que estive presente na empresa: entre algumas funcionárias, reunidas rapidamente dentro do banheiro, surgiu a conversa de que a minha presença se dava a partir de um contrato feito com o patrão, para observar e anotar quais dos funcionários estavam "*fazendo hora*" durante o horário de trabalho. Circulou, ainda, que todas as anotações realizadas seriam encaminhadas para o patrão que, conseqüentemente, chamaria a atenção, com possibilidade de demissão.

Ao se espalhar o boato, discretamente, os funcionários indagavam sobre o real motivo da minha presença, e aproveitavam para falar sobre a forte pressão, vivida por eles, para conseguir cumprir a meta de produção estabelecida. Apesar da pressão sofrida para dar conta da produção, expressavam também um nível de satisfação em relação à empresa, principalmente no que se refere aos direitos sociais garantidos mediante carteira assinada.

CAPÍTULO III - A inserção dos jovens no Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano

4.1 Construção social da categoria de juventude

A categoria de juventude saiu da invisibilidade na passagem do século XIX para o século XX, tornando-se, a partir de então, um objeto de estudo.

O primeiro estudo psicológico sobre a juventude foi publicado em 1904, por Stanley Hall³⁶ - "*Adolescence*", que pesquisou as condições da vida do jovem e o seu enquadramento no mundo adulto. Em 1907, foi examinada, pela primeira vez, a questão do jovem em grupos profissionais e sociais. Spranger (1924) desenvolve o seu trabalho embasado na vida psicossocial juvenil, ligado aos conceitos de moral imposto pela sociedade, condicionando, por sua vez, a mente e o físico.

Consiste essencialmente em compreender as manifestações da vida psíquica não do ponto de vista das reações, impulsos ou condições constitucionais, mas no relacionamento estreito com valores psíquicos, intrínsecos e configurações objetivas de valores, com conteúdos do mundo social e culturalmente modelado, portanto, que condicionam a vida psíquica, no mínimo, em idêntica extensão que os fatores físicos (SPRANGER, apud FLITNER, 1968, p.52).

Diante dos mais variados estudos, encontram-se ainda conceitos de juventude, como o de Rosenmayr (1968)³⁷, onde a juventude é considerada um período transitório, com início na puberdade. Echevarria (1968)³⁸ prefere conceber a juventude entre 14 e 25 anos, ressaltando a sua singular importância. Guigou (1968)³⁹ defende a subdivisão da idade de 16 a 24 anos, havendo situações diversas e delimitando cada período subdividido.

Juventude é definido por Durston (1998), como:

Uma etapa que começa na puberdade e termina com a assunção plena da responsabilidade e das autoridades do adulto, isto é, que corresponde aos chefes masculinos e femininos de um lugar economicamente independente. É uma etapa durante a qual aumenta progressivamente a presença do trabalho na formação cotidiana e diminui a presença do jogo. A aprendizagem chega ao seu auge nesta etapa e posteriormente decresce (p. 07).

³⁶ Citado por Flitner, p. 45. In: *Sociologia da Juventude I*, 1968, p. 45.

³⁷ In *Sociologia da Juventude I*, 1968, p. 133.

³⁸ *Ibidem*, p. 183-184

³⁹ In *Sociologia da Juventude II*, 1968, p. 74.

Ainda numa perspectiva de classificação da juventude a partir de um recorte etário, os órgãos de planejamento social, como a ONU (Organização das Nações Unidas), apesar de reconhecerem a complexidade da definição, estabelecem um padrão, fazendo um recorte entre 15 e 24 anos. No Brasil, para efeitos da atuação da política nacional para juventude, definiu-se como faixa etária o recorte entre 15 e 29 anos (OIT, 2007).

Segundo Bourdieu (1983), a idade biológica e social da juventude é indissociável, pois, a idade é um dado socialmente construído e manipulado, variando de acordo com cada sociedade, com momentos históricos distintos e mediante a distinção de idade, gênero e classe.

[...] a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente (1983, p.113)

Ao indagar sobre quem são os jovens, Novaes (2003) indica que uma das respostas possíveis seria exatamente esta: *“são os brasileiros nascidos há 14 ou 24 anos”*. No entanto, a autora destaca que tais *“limites de idades não são fixos”*, principalmente para aqueles que não têm direito à infância e adentram na juventude mais cedo. E ainda, olhando por outro lado, no que diz respeito às expectativas de vida e às mudanças no mercado de trabalho, tais fatores têm permitido o alargamento da juventude até os 29 anos de idade (p.121).

Nas políticas públicas e em estudos recentes sobre juventude, o recorte etário é recorrente. Apesar de considerar sua importância, não deve ser tomado como único critério de classificação para definirmos juventude. Faz-se necessário levar em consideração outros recortes, por exemplo: classe social, gênero, etnia, lugar de moradia, e grupos de pertença.

Abramo (2005) apreende a juventude sendo constituída de várias etapas consideradas como uma passagem do seio familiar, que orienta, para a que procria, da dependência para a independência, do aprendizado para a produção, e de casa para o mundo. Ressalta, portanto, que a juventude nem sempre apareceu, ao longo da história, como *“uma etapa singularmente demarcada”*, mas que tais atributos são culturais e históricos (p.41). Sendo assim, se faz necessário perceber a juventude como uma construção social, cultural e histórica, estando ligada à diversidade das transformações contemporâneas.

Camarano (2004) tem observado que o tempo de permanência do jovem na família tem aumentado significativamente diante da crescente dificuldade de inserção no mercado de

trabalho. Fator também identificado por Carneiro (1999), que ressalta que a definição de juventude vai muito além do recorte etário, pois, o que delimita a fase de transição para a vida adulta depende das origens e relações sócio-culturais em que o indivíduo está inserido.

[...] ser jovem corresponde também a uma auto-representação que tende a uma grande elasticidade em termos etários, proporcional às dificuldades crescentes de ingresso no mercado de trabalho e sua formalização excessiva no Brasil (p.2).

Desse modo, ao considerar outros critérios de classificação, não é possível falar em uma única juventude, é necessário, então, considerar a heterogeneidade desses atores, pois, como lembra Novaes, *“qualquer que seja a “faixa etária” estabelecida, jovens da mesma idade vão sempre viver juventudes diferentes”* (2003, p. 121-122).

4.2 A juventude brasileira e a significância do trabalho

Mesmo não considerando, ao longo da pesquisa, a faixa etária como sendo absolutamente preponderante, vale destacar alguns dados que dizem respeito à juventude brasileira, no que se refere ao estudo e ao trabalho. Fatores importantes nas construções identitárias das juventudes.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNAD/IBGE), em 2007, havia cerca de 50,2 milhões de jovens entre 15 e 29 anos, correspondendo a 26,4% da população brasileira. A pesquisa dividiu o seguimento em três grupos para a realização da análise: de 15 a 17 anos (jovem adolescente); de 18 a 24 anos (jovem-jovem); e de 25 a 29 anos (jovem adulto).

Foi observado que, no ano de 2007, 82,1% dos jovens adolescentes entre 15 e 17 anos frequentavam a escola, mas apenas 48,0% cursavam o Ensino Médio, havendo assim uma séria distorção idade-série, levando a um grande índice de evasão escolar. Vale ressaltar ainda que, mesmo que a realidade apresentada fosse diferente, uma maior escolarização não garantiria uma inserção automática no mercado de trabalho.

Quanto aos jovens de 18 a 24 anos (jovens-jovens), observou-se um aumento significativo na busca pela elevação da escolaridade, havendo assim uma combinação entre estudo e trabalho. É através de seus próprios trabalhos que podem custear a educação, além do que, para muitos, a sobrevivência familiar depende também de seu trabalho. Outro fator que vale ressaltar, é que, para este grupo, o trabalho se apresenta como uma possibilidade de alcançar a emancipação econômica, facilitando o acesso a variados tipos de consumo e lazer.

Dos jovens de 25 a 29 anos (jovens adultos), segundo dados apresentados, 65,8% só trabalham, contra 8,9% que estudam e trabalham. Tal situação, geralmente, está relacionada à constituição de uma família através do casamento, preocupando-se com o sustento da nova constituição familiar.

Dentre os assuntos abordados em consonância com as diversas pesquisas realizadas com jovens, foi observado que o trabalho está entre os assuntos que mais mobilizam o seu

interesse, não só no que se refere à questão de direito, como cidadãos, mas também diante de sua urgência mediante os problemas sociais enfrentados, como afirma Guimarães (2005):

[...] é sobretudo enquanto um fator de risco, desestabilizador das formas de inscrição social e do padrão de vida, que o trabalho se manifesta como demanda urgente, como necessidade, no centro da agenda para uma parcela significativa da juventude brasileira. Ou, de outra forma, é por sua ausência, por sua falta, pelo não trabalho, pelo desemprego, que o mesmo se destaca. (p.159)

A autora destaca a pesquisa "*Perfil da Juventude Brasileira*"⁴⁰, realizada em 2003, sobre a condição do jovem na contemporaneidade, onde já havia observado que o trabalho, na vida dos jovens, tem uma conotação importante, configurando-se em múltiplos significados que estão associados à necessidade, independência, crescimento, auto-realização e, ainda, exploração.

A força com que o trabalho aparece na vida dos jovens brasileiros, considerando as respostas múltiplas da pesquisa, é de 64% para os que apresentaram a atividade como necessidade; 55% como fonte de independência; 47% como crescimento; e 29% compreendem o trabalho como auto-realização (GUIMARÃES, 2005).

Além da questão da importância do trabalho juvenil como meio de ajudar na sobrevivência da família, Madeira (1986) destaca sua importância na constituição da identidade juvenil, além de trazer a possibilidade de o jovem utilizar o dinheiro para o seu próprio consumo, "*seja para a aquisição de vestimentas e calçados, seja para atividades culturais e de lazer, seja, inclusive para possibilitar seus estudos*". (apud CORROCHANO, 2008, p.45).

Desse modo, o trabalho apresenta-se como uma possibilidade para a construção da autonomia e o prestígio diante da família e dos amigos.

[...] quer com respeito aos seus aspectos objetivos (inserção ocupacional e renda), quer no tocante aos seus atributos subjetivos (considerados em sua dimensão formativa como um espaço privilegiado para o desenvolvimento de habilidades e autoconhecimento, construção da autonomia em relação à família, acesso a outras formas de sociabilidade, realização pessoal da própria condição juvenil) [...] (BRANCO, 2005, p. 141).

⁴⁰ Estudo intitulado "Juventude: cultura e cidadania". Patrocinado pelo Instituto de Cidadania e pela Fundação Perseu Abramo, executado pela Criterium Assessoria de Pesquisa, 2003.

Estando a relevância do trabalho centrada no sentido de independência financeira, de laços de sociabilidade e identidade pessoal, Guimarães (2005) destaca que, para além da tese do fim da centralidade do trabalho nas sociedades contemporâneas, para os jovens, “o trabalho não apenas ainda está na ordem do dia, como se destaca em relação a outros aspectos tidos como reveladores de interesses “tipicamente juvenis” (p. 150).

Vale ressaltar que o trabalho é percebido ora como uma possibilidade de crescimento e experiência profissional, ora como uma ameaça e insegurança por conta do desemprego. Problemática que envolve jovens com maior renda e escolaridade, mas, sobretudo, aqueles que não tiveram as mesmas possibilidades de ascensão, devido sua realidade socioeconômica.

. Quando o grupo familiar é atingido pelo desemprego, é gerada a necessidade de recriar estratégias de sobrevivência que os levam a inserir-se, precocemente, no mercado de trabalho, geralmente precário e informal, frustrando assim as expectativas juvenis de uma melhor colocação.

[...] empurrados pelas estratégias de sobrevivência pessoal e/ ou familiar, os jovens se sentiriam instados ou se veriam compelidos a “precocemente” exercitar a procura por ocupação, se deparando quase sempre com as barreiras e dificuldades erguidas por um ambiente hostil e pouco permeável às suas aflitivas necessidades de obter resposta positivas. (BRANCO, 2005, p. 131)

O desemprego que recai sobre as famílias e os jovens está dentro do contexto que, segundo Moreira (2007), se destaca com a abertura da economia brasileira, com regimes especiais de importação, simplificando a burocracia, além da perda de capacidade de investimento do setor público, havendo assim a desregulamentação dos mercados e um lento crescimento da economia, revelando-se, desse modo, como a principal responsável pela escassa geração de emprego. Tais elementos contribuíram, por sua vez, com o processo de precarização das relações e condições de trabalho, expondo determinados seguimentos a situações das mais diversas.

As transformações no mundo do trabalho impõem vários desafios, de modo particular à juventude, como a precarização do trabalho e o crescimento da informalidade, que propicia maior flexibilidade, agravando a qualidade de emprego disponível. Desse modo, as condições de trabalho encontradas pelos jovens, atualmente, são: “uma jornada de trabalho ampliada, a informalidade e contratos temporários, baixos salários, ausência de ou falta de proteção social” (TEIXEIRA & LARANJEIRA, 2007, p. 2).

Gomes (1990), ao tratar do desafio do trabalho para os jovens, também ressalta as dificuldades de acesso ao mercado de trabalho:

[...] os jovens e, particularmente, as crianças são com frequência explorados em atividades que exigem baixo nível de qualificação ou nenhuma qualificação, de caráter lícito ou não. Em alguns países, o grupo é alvo preferencial do desrespeito às leis trabalhistas (GOMES, 1990, p. 13).

Segundo pesquisa realizada pela UNESCO (2006) no ano de 2004, 56% dos jovens entre 15 e 29 anos estavam ocupados, 22,8% desocupados, e 21,1% inativos. No entanto, dentre os jovens que estavam trabalhando, 38,4% não recebiam benefícios, ou seja, estavam inseridos em um mercado de trabalho precário.

A dificuldade de inserção no mercado de trabalho *“torna mais distante as possibilidades de constituição de trajetórias ocupacionais e de vida vinculadas à ascensão social”* (POCHMANN, 2007, p. 2).

4.3 A problemática do desemprego e do mercado precário e informal para a juventude

Para uma compreensão mais apropriada da realidade atual do mercado de trabalho, no qual a juventude está inserida, creio ser importante apreender parte da conjuntura histórica, onde se deram as mudanças que se referem ao contexto das relações de trabalho.

Posteriormente ao período de acumulação de capitais, ocorrido durante o fordismo, a partir dos anos 70, o capitalismo entra em uma crise, que é explicada pela

[...] queda na taxa de lucro, esgotamento do padrão de acumulação taylorista/fordista de produção, autonomização da esfera financeira frente aos capitais produtivos, crise do Estado de Bem-Estar Social, incremento acentuado de privatizações e flexibilização do processo produtivo, entre outros (ANTUNES, 1999, p. 29-30).

Como resposta à crise, inicia-se uma nova organização produtiva, denominada por Harvey (1989) de "*acumulação flexível*", que é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo, apoiada na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados, dos produtos e dos padrões de consumo.

Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no chamado setor de serviços, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas – tais como a terceira Itália, Flandres, os vários vales e gargantas do Silício, para não falar da vasta profusão de atividades dos países recém-industrializados (HARVEY, 1989, p. 14).

Essa nova organização do trabalho traz como resultado crescentes índices de desemprego, desmontando os direitos sociais dos trabalhadores, além de destruir e precarizar a força humana de trabalho e degradar o meio ambiente, com fins de beneficiar e valorizar a produção de mercadoria e o capital, não os seres humanos (ANTUNES, 1999).

Com a implementação de novas tecnologias, a reestruturação produtiva, a acumulação flexível e as políticas neoliberais, o desemprego intensificou-se, agravando os problemas sociais de grande parcela da população e, nesse caso, de forma particular a juventude. Segundo Menelau Neto (1996), as transformações do mundo do trabalho trazem fortes consequências, dentre elas:

[...] desemprego crescente, com desregulação do mercado de trabalho e aumento da incerteza; o aumento das mulheres no PEA, aumento dos trabalhadores em tempo parcial, com contratos de trabalho não padronizados e/ou precários; queda da taxa de sindicalização e/ou não-reconhecimento dos sindicatos; expansão do individualismo e declínio da ética da ação coletiva e desemprego juvenil crescente, informalidade e economia subterrânea marginal [...] (1996, p. 88-89 apud CORTELETTI, 2009, p.9).

Desse modo, a flexibilização leva à precarização da força de trabalho, que passa a ser estabelecida de várias formas, que vão desde o vínculo de trabalho tradicional até as formas mais precárias e atípicas, como o trabalho terceirizado, temporário, por tempo parcial, a utilização da mão-de-obra familiar, dentre outras. São utilizados também contratos de trabalho precários e subcontratações, acompanhados de redução de salário e de empregos, como afirmam Gomez & Thedim Costa:

Uma precarização que atinge não apenas as populações consideradas vulneráveis, mas o conjunto da sociedade, embora de modo diferenciado, muitas vezes sob o eufemismo de *novas formas de trabalho*. Essa figura semântica – que aparentemente revela um avanço nos parâmetros tradicionais de exercício profissional – esconde, no entanto, a diminuição dos postos de trabalho e a fragilidade de novos arranjos laborais como a oferta de empregos de tempo parcial ou duração eventual; as limitações na absorção da força de trabalho jovem, inclusive qualificada; a instabilidade e irregularidade ocupacionais; o subemprego recorrente, duradouro e sem perspectivas de inclusão no mercado de trabalho formal; as dificuldades de inserção da mão-de-obra não qualificada e os rendimentos decrescentes de boa parte da população já empobrecida (1999, p. 413).

Diante da profunda mudança ocorrida no mundo do trabalho e o avanço do capitalismo, o mercado de trabalho local não conseguiu estabelecer uma situação formal de

emprego para o conjunto da população, mas criou um mercado de trabalho altamente flexível, precário e informal.

No Brasil, sempre houve restrição ao acesso de empregos regulares e protegidos por lei. Mesmo no período de 1940 a 1980, diante do projeto de industrialização nacional, onde foi possível observar o crescimento das relações formais de trabalho, consolidando-se com a institucionalização das relações de trabalho através da Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), em 1943, a renda continuava concentrada nas mãos de poucos, fazendo com que os problemas de informalidade, subemprego, baixos salários e desigualdade aumentassem (POCHMANN, 1998 apud SEGNINI, 2000, p.4).

Com a implantação do programa neoliberal, na década de 1990, acompanhada de uma *“abertura comercial indiscriminada, ausência de políticas setoriais defensivas, sobrevalorização da moeda e elevados juros”* (SEGNINI, 2000, p. 6), acentua-se ainda mais as características do mercado interno, trazendo conseqüências, como o crescimento do desemprego e o aumento do trabalho informal precário, levando os postos de trabalho a se constituírem como assalariados sem registro e por conta própria.

Madeira (1986, apud CORROCHANO, 2008, p. 45) ressalta que, durante o período citado e diante do resultado do modelo econômico adotado pelo Brasil, a necessidade de sobrevivência das famílias fez com que acontecesse um aumento significativo no número de jovens trabalhadores, encontrando formas atípicas de emprego que

[...] toma forma de atividades informais muito irregulares e mal remuneradas ou de atividades que são mais consistentes ainda que não sejam codificadas por um contrato de trabalho, ou ainda novamente por períodos de emprego temporário em uma empresa formal (DEMAZIERE et al, 2006 apud CORROCHANO, 2008, p.52).

Quanto ao desemprego no Brasil, observa-se que as piores taxas de desocupação encontram-se na população jovem. Pochmann (2000) destaca que o desemprego juvenil, na década de 1990, teve um aumento considerável em relação ao número de desemprego total. Outro fator importante é a geração de emprego precário com colocação de vagas instáveis e maior demanda por experiência e qualificação profissional, além do aumento da competitividade devido o número insuficiente de vagas no mercado de trabalho.

Pochmann (2000) vem confirmar os dados apresentados por Madeira (1996) e Corrochano (2008):

[...] diante das transformações atuais na economia brasileira, as alternativas ocupacionais dos jovens estão distantes, cada vez mais, dos setores modernos da economia e associadas geralmente aos segmentos de baixa produtividade e à alta precariedade do posto de trabalho. Em virtude disso, são necessárias cada vez mais atenções especiais direcionadas à situação da juventude no Brasil. Hoje, os padrões ocupacionais dos jovens apontam para o agravamento do quadro de marginalização e desagregação social, produzidos pelas políticas macroeconômicas e reproduzido pelo funcionamento desfavorável do mercado de trabalho. (POCHMANN, 2000, p. 55)

Outro fator que serviu para agravar a qualidade de trabalho foram as inovações tecnológicas, resultando *“em índices crescente de desemprego, desvalorização do trabalho assalariado, estratégias coercitivas de gestão do empregador, precarização do trabalho e superexploração”*, gerando assim o crescimento do trabalho autônomo, caracterizado em grande parte pela precariedade, ausência do vínculo empregatício e insegurança (GUIMARÃES, M., et al, 2002, p. 12).

No que se refere à qualificação, como pressuposto para a inserção no mercado de trabalho, o ideal nem sempre corresponde com a realidade, pois, segundo os dados do PNAD (2003), houve um aumento na escolarização dos jovens, entre 15 e 17 anos, de 61,9% para 82,4%, mas as oportunidades de emprego para o segmento não aumentaram.

Recentemente, a Pesquisa Mensal de Emprego realizada pelo IBGE (2007) destacou que a taxa de desocupação geral, no Brasil, era 9,9%. E entre os jovens de 18 a 24 anos, esse percentual atingia 37%. Sendo assim, a juventude se vê impelida a buscar alternativas de trabalho no emprego precário e informal, como meio de ajudar suas famílias, garantir sua autonomia e, muitas vezes, pagar por seus estudos.

Diante do contexto sócio-econômico em que se encontra a juventude brasileira, se faz necessário, mais uma vez, ressaltar que não é possível falar de *“juventude”*, mas, de *“juventudes”*, levando em consideração as diferenças e desigualdades em que se encontram, focando em questões que vão para além da *“possibilidade e impossibilidade de viver a juventude, e mais sobre os diferentes modos como tal condição é ou pode ser vivida”* (ABRAMO, 2005, p. 44).

Sendo assim, considerando a heterogeneidade da juventude, é de suma importância compreender que o sentido do trabalho no universo juvenil diferencia-se ao longo do tempo e do espaço, principalmente se levado em consideração o momento histórico-social e as perspectivas dos diferentes grupos, ou seja, para determinado grupo, a juventude se apresenta como um momento de *“preparação para o ingresso no mundo do trabalho”*, e para outro, *“o trabalho já faz parte de sua realidade desde muito cedo”* (CORROCHANO, 2008, p. 39).

4.4 O perfil dos jovens inseridos nas Empresas de Confeções em Pão de Açúcar

A concepção adotada para analisar a juventude de Pão de Açúcar está pautada no debate recorrente, compreendendo a juventude como uma construção social e cultural, vinculada a realidades específicas, épocas determinadas, relações sociais e experiências culturais diversas.

No caso da juventude local, foi necessário um longo trajeto, fazendo o levantamento de dados históricos para compreender o surgimento da confecção na região, sua importância histórica, cultural, econômica e política, além de identificar de que forma os jovens estão ligados a esse setor econômico.

Os jovens de Pão de Açúcar estão inseridos em um mercado de trabalho que está subdividido, como visto anteriormente, em empresas formais e informais, onde as condições de trabalho são bastante precárias. Empresas que envolvem toda a família, dentre outros funcionários que, em sua maioria, são jovens, formando uma grande rede de relações e trabalho.

Considerando a relevância da presença da juventude na produção das confeções, se fez necessário um prévio levantamento sobre o perfil da juventude de Pão de açúcar, uma vez que, não há dados específicos sobre os jovens no distrito. Vale salientar, portanto, que os resultados, a seguir, são dados primários obtidos mediante uma sequência de visitas às indústrias de confeções, onde foi realizado um levantamento prévio através de conversas informais, e em seguida com a aplicação de oitenta questionários, com questões baseadas em dados pessoais, grau de escolaridade, constituição familiar, relações de trabalho, utilização da renda e grau de satisfação com o trabalho.

O universo da pesquisa compreendeu jovens de uma faixa etária de 17 a 25 anos, uma vez que, a maioria dos jovens, que estão inseridos nas indústrias de confeções visitadas, corresponde a tal faixa etária. Durante as visitas de campo, foi observada a presença de crianças e adolescentes com menos de 14 anos, de modo particular nos fabricos de menor porte. No entanto, devido às políticas públicas instituídas pelo Governo Federal, como a "*Bolsa Família*", que condiciona a presença na escola como regra para receber o recurso destinado às famílias, houve uma considerável diminuição da presença de crianças e adolescentes nas empresas de confeções.

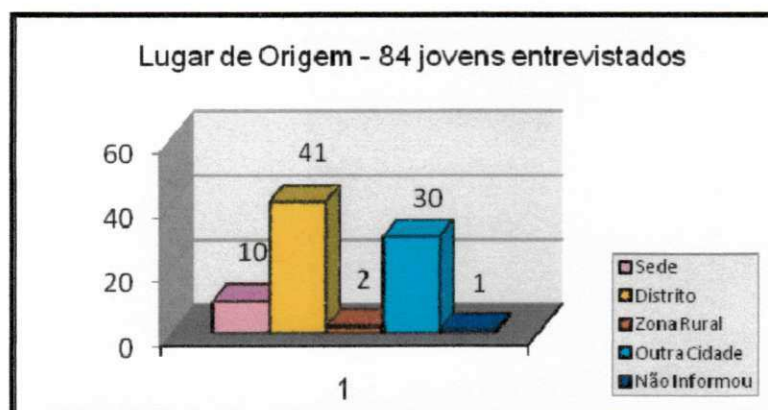
Como resultado da aplicação do questionário, foi possível ter uma visão aproximada do perfil e da realidade dos jovens que estão inseridos nas empresas de confecções. Dos jovens entrevistados, 61% são do sexo masculino e 39% do sexo feminino.

A divisão sexual do trabalho se dá de acordo com as atividades desenvolvidas. Geralmente, os jovens do sexo masculino são encontrados ou em atividades mais pesadas e que requerem maior força física, ou ainda em ambientes que são tipicamente masculino, como as estamparias, os setores de corte, de bordado e também nos setores de acabamento. No que se refere às jovens do sexo feminino, geralmente, encontram-se ou no setor da costura, ou realizando atividades com necessidade de maior habilidade industrial e artesanal, como é o caso do acabamento envolvendo bordado à mão.

Outro fator importante de ressaltar é que, dos jovens que estão inseridos na produção de confecções, 61% são solteiros e apenas 39% são casados. Desse modo, a base familiar é composta por mãe, pai, irmãos, parentes, cônjuge e filhos.

Quanto ao lugar de origem dos jovens, dos 84 entrevistados, 41 deles são do próprio distrito. No entanto, ao somar o número de jovens que são originários de outras cidades, da sede e da zona rural do município, se obtém um resultado equivalente aos que têm origem local. Vale ressaltar que, tanto os de origem local, como os advindos de outras cidades, estabeleceram moradia no distrito de Pão de Açúcar. Já os que são da sede e da zona rural do município de Taquaritinga do Norte, retornam às suas casas no final da tarde.

Gráfico - 1



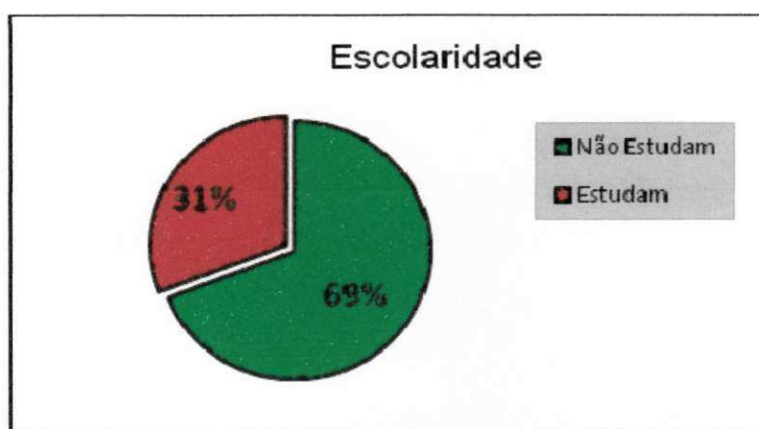
Fonte: Pesquisa de Campo – 2008.

Deste modo, é possível observar, através do gráfico acima, que a questão da migração de outras cidades e Estados para o distrito deve ser considerada, porque representa,

assim como as outras cidades do Pólo, uma região que atrai os jovens e suas respectivas famílias para trabalhar na produção da confecção e em sua comercialização.

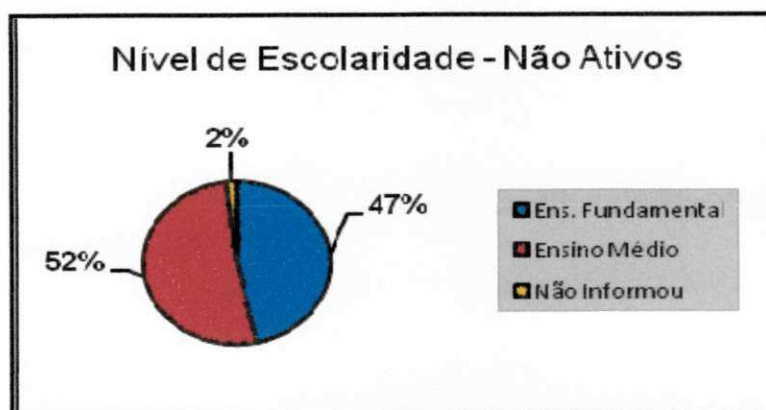
A ausência de qualificação e o baixo índice de escolaridade é uma forte característica da juventude local. De acordo com os gráficos abaixo, 69% dos jovens não estudam, contra apenas 31% que continuam seus estudos. Dos jovens que não estudam, 52% cursaram até o Ensino Fundamental e 47% têm o Ensino Médio incompleto. Dentre a minoria que conseguiu levar adiante seus estudos, 65% estão no Ensino Médio, 15% em Cursos Profissionalizantes, 8% no Ensino Superior – Graduação, e 4% na Educação para Jovens e Adultos.

Gráfico – 2



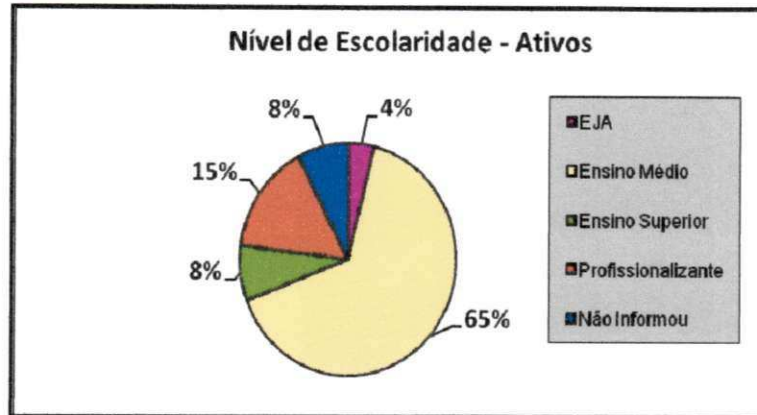
Fonte: Pesquisa de Campo – 2008

Gráfico - 3



Fonte: Pesquisa de Campo – 2008

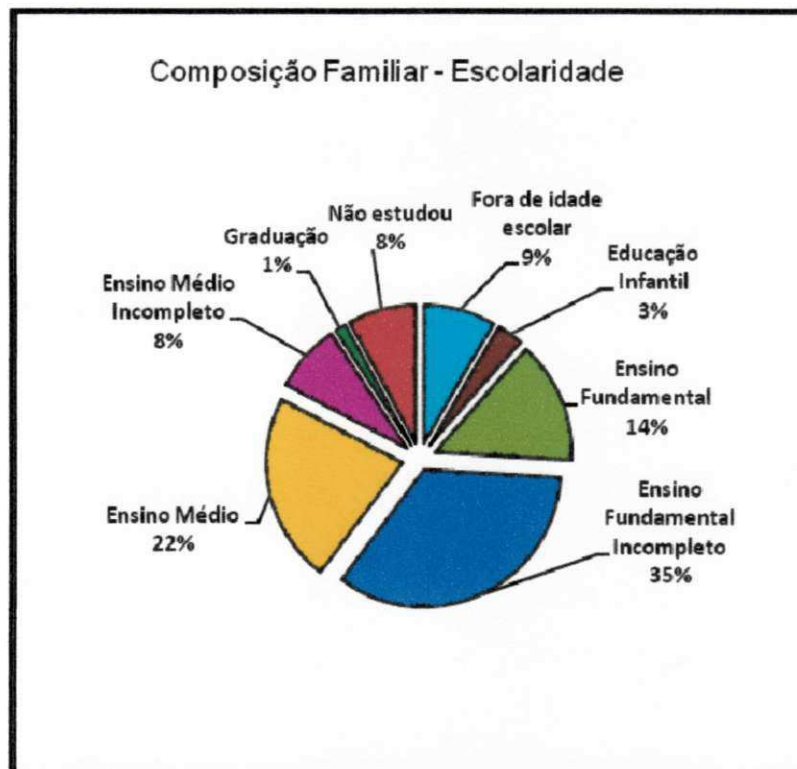
Gráfico - 4



Fonte: Pesquisa de Campo – 2008

O nível de escolaridade familiar está baseado em uma média de: 35% com o Ensino Fundamental incompleto; 14% com o Ensino Fundamental completo; 22% com o Ensino Médio completo; 8% com o Ensino Médio incompleto; e apenas 1% possuindo graduação.

Gráfico - 5

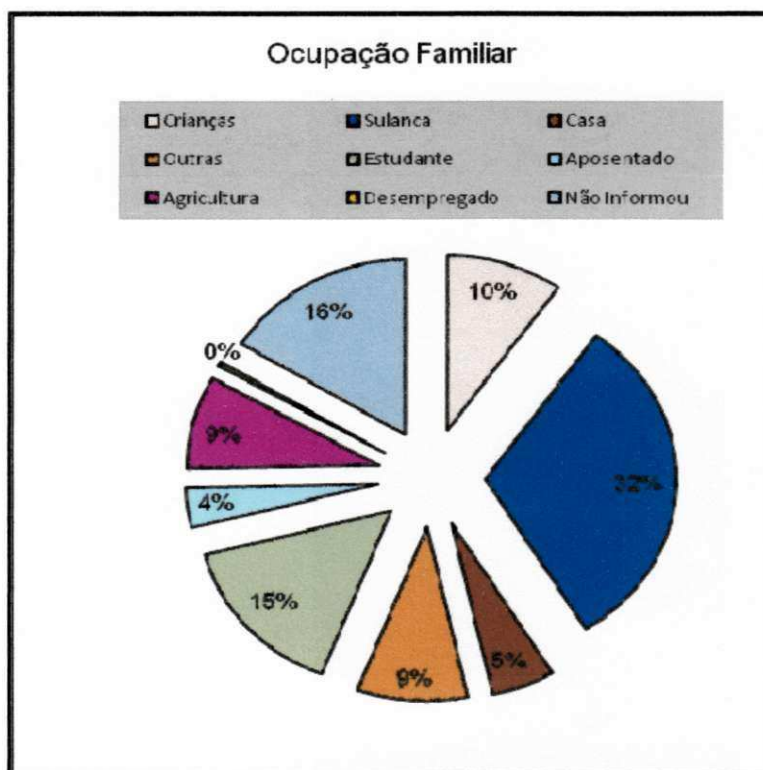


Fonte: Pesquisa de Campo – 2008

Os números, acima, indicam que a situação do baixo índice de escolaridade e da falta de qualificação profissional, em que a “*Sulanca*” se constituiu, perdura até os dias atuais. Contudo, ao fazer um parâmetro entre o nível educacional dos pais e dos jovens, é possível observar que, apesar de ainda ser muito baixa, a escolaridade teve um aumento significativo. Sendo assim, é possível notar que a característica precária e informal, em que a produção de confecções se constituiu, historicamente, não teve como referência básica a escolaridade e a qualificação profissional. Fez-se a partir de um aprendizado que é perpassado de pai para filho, ao longo das gerações, e sem conhecimento prévio advindo de instituições privadas e governamentais, que visam a capacitação do trabalhador para uma futura inclusão no mercado de trabalho, como é o caso de instituições ligadas ao Sistema S, por exemplo: o SENAI, SENAC, SEBRAE, dentre outras. Instituições, como as citadas anteriormente, estão chegando agora na região devido suas a expressividade econômica e comercial.

Quanto à ocupação familiar, observa-se a predominância da atividade de trabalho com a “*Sulanca*” em relação às outras ocupações, com uma percentagem de 32%, contra 9% que trabalham na agricultura, 9% que trabalham com diversas atividades ligadas ao comércio, 5% trabalham em casas de família, e 4% que são aposentados.

Gráfico - 6

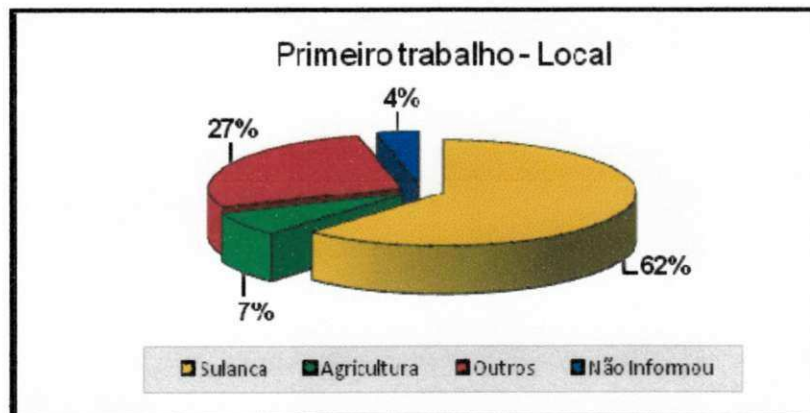


Fonte: Pesquisa de Campo – 2008

É nítido observar que a “*Sulanca*” se constitui, tanto para as famílias, como para os jovens, uma opção real no mercado de trabalho do Estado de Pernambuco, levando muitos, como vimos anteriormente, a se deslocarem de suas cidades de origem pela possibilidade de conseguir um trabalho. Deste modo, as redes sociais constituem-se num meio que tornar possível o ingresso no mercado de trabalho, assim como defende Tilly (1990, apud SALES, 1999, p.36; MENEZES, 2002). Além disso, segundo Lira (2005, p.70), as relações nas redes sociais são baseadas no “*parentesco, amizade, conterraneidade*”, aumentando, por sua vez, a importância das “*redes de migração, além das ligações interpessoais*”.

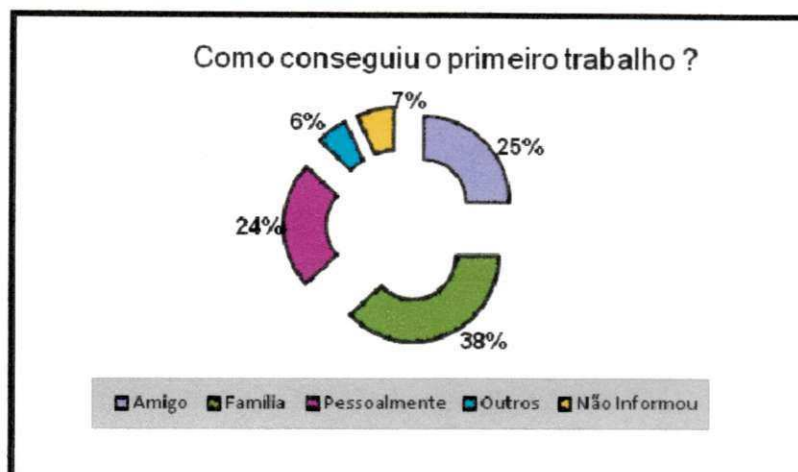
É bastante significativa a presença da família na atividade local, reforçando as redes sociais de parentesco. Dos entrevistados, 62% responderam que o primeiro trabalho foi na “*Sulanca*”. Quando questionados sobre como conseguiram o seu primeiro trabalho, 38% responderam que tinha sido através da família, 25% por meio dos amigos, e 24% pessoalmente.

Gráfico – 7



Fonte: Pesquisa de Campo – 2008

Gráfico – 8



Fonte: Pesquisa de Campo – 2008

A presença das famílias, neste caso, lembra o trabalho nas famílias camponesas, onde a iniciação no trabalho é uma prática social, representando a cooperação, mas também a aprendizagem associada à *“transmissão do trabalho como valor que constitui homens e mulheres honradas”*. Deste modo, a centralidade do trabalho, para as famílias, se coloca como *“eixo organizativo da vida social de crianças, jovens, adultos e idosos”* (MENEZES, 2002, p. 11 e 12).

A questão da idade do primeiro trabalho é bastante relevante e, de certa forma, mascarada, principalmente depois que foi instituído o Estatuto da Criança e do Adolescente, que veta o trabalho para os menores de quatorze anos, *“salvo na condição de aprendiz”* (Estatuto da Criança e do Adolescente Art. 60). Outra questão que vem reforçar a fiscalização são as Políticas Públicas voltadas para a permanência da criança e adolescente na escola. Sendo assim, o trabalho de crianças e adolescentes não foi instinto, mas, de certo modo, ajustado de acordo com o horário de estudo dos funcionários, acontecendo, de forma particular, nas empresas de menor porte.

Diante de tal realidade, foi observado que os jovens começaram a trabalhar em uma época em que não havia tanta fiscalização, como acontece atualmente. Dos oitenta e quatro jovens, 25% começaram a trabalhar entre sete e onze anos, 52% entre doze e dezesseis anos, e apenas 19% entre dezessete e vinte e cinco anos.

Tal fato nos permite afirmar que há uma atuação de trabalho da juventude de Pão de Açúcar nas indústrias de confecções desde a infância. O trabalho de crianças e jovens foi identificado por Marx (1988), no século XIX, quando destaca o trabalho de toda a família nas fábricas, onde a comercialização da força de trabalho não deixou de fora a comercialização da

infância e da adolescência, tomando o lugar dos *“folgedos infantis e do trabalho livre realizado, em casa, para a própria família dentro dos limites estabelecidos pelos costumes”* (p. 450).

Do mesmo modo, Menezes enfatiza que, na família camponesa, a iniciação no trabalho se dá a partir da mais tenra idade, e se associa *“à falta de brincadeiras ou de tempo para brincar nessa fase da vida”* (2002, p. 6). Destaca, ainda, que há dois tipos de trabalho infantil: o *“remunerado”*, que é efetivado mediante condições penosas de trabalho, impedindo o crescimento físico, social, moral e profissional das crianças e dos adolescentes; e o baseado na *“transmissão de saberes e construção de profissões”*, como é encontrado entre os artesãos e a agricultura familiar (NEVES, 1999, apud MENEZES, 2002, p. 20).

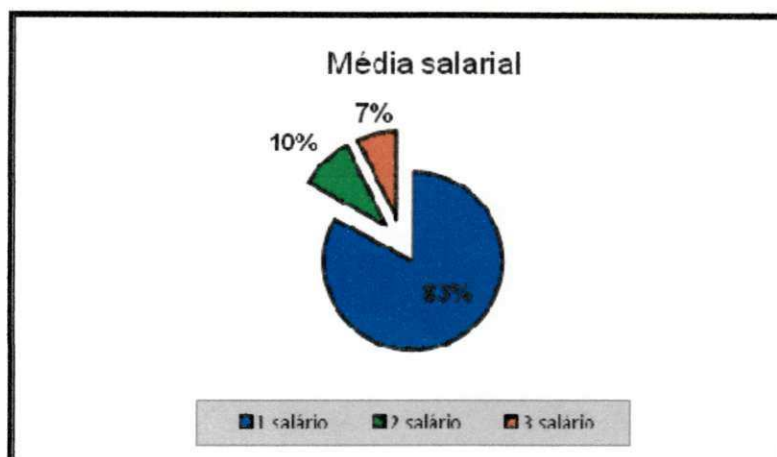
Na *“Sulanca”*, o trabalho é considerado uma transmissão de saberes, onde o ofício das confecções é passado ou de geração para geração, ou ainda como um meio de adquirir valor e responsabilidade diante da sociedade. Mas, vale ressaltar também que a presença do trabalho remunerado, segundo Marx (1988) e Menezes (2002), restringe as atividades lúdicas e educativas na vida das crianças e adolescentes.

No que diz respeito ao trabalho formal e regularizado, com direitos sociais garantidos, 52% dos jovens trabalham na informalidade, sem carteira assinada, e 47% já estão com a carteira de trabalho assinada. No entanto, a conquista dos direitos garantidos para o trabalhador não partiu de um mérito da organização da classe, mas da pressão governamental para a organização e formalização das empresas na região. Sendo assim, mesmo contra a vontade de muitos funcionários, que não queriam passar a trabalhar com um salário fixo, devido o valor do pagamento tender a ser inferior ao do sistema por produção, muitas empresas legalizaram a situação dos trabalhadores.

Foi observado, ainda a partir dos questionários aplicados, que a média salarial mensal está na base de um salário mínimo, sendo que 75% dos jovens recebem o pagamento fixo e 24% por produção. Vale ressaltar, portanto, que o salário fixo, geralmente, é acrescido por um valor advindo da produção realizada em hora-extra, que pode ser feita ou na mesma empresa em que se trabalha, ou ainda em outra como forma de prestação de serviço. Há ainda muitos jovens que combinam o trabalho em outras empresas e a produção de suas próprias confecções. Quanto à periodicidade salarial, 69% recebem quinzenalmente e 30% semanalmente. A jornada de trabalho está organizada numa faixa de nove horas por dia, sem contar as horas-extras que têm uma variação de acordo com a necessidade de aumento de

produção em épocas de pico nas vendas, ocorridas geralmente próximas aos meses de junho e dezembro.

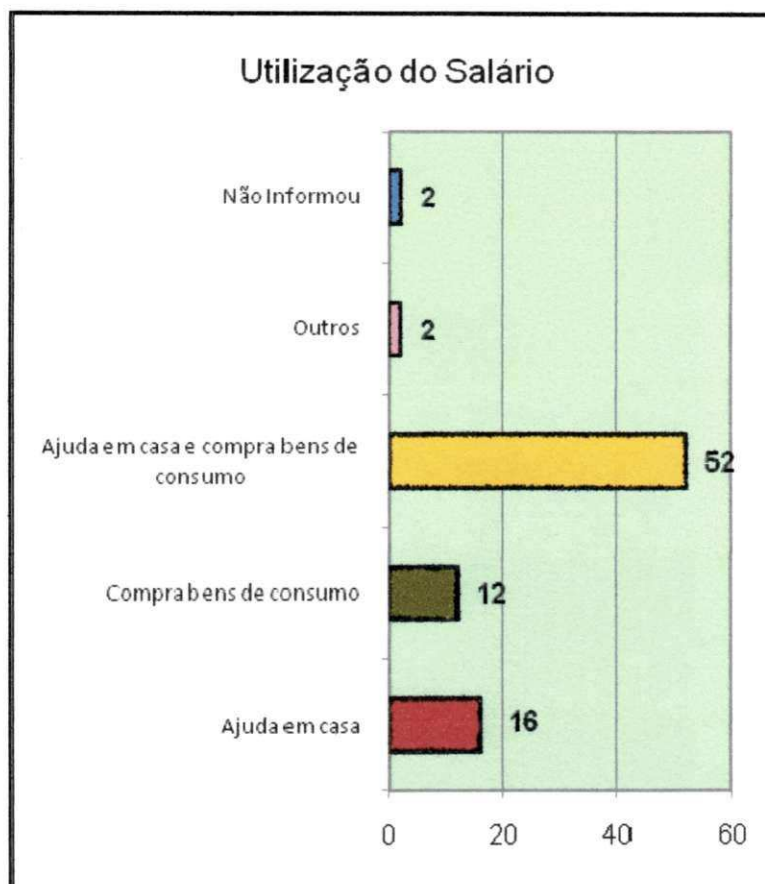
Gráfico – 9



Fonte: Pesquisa de Campo – 2008

No que se refere à utilização do salário, destaca-se a ajuda em casa e a compra dos bens de consumo. Através do gráfico abaixo, é possível ter uma idéia de como o trabalho, para os jovens, serve como uma possibilidade de autonomia, mas também uma forma de contribuir com o orçamento familiar.

Gráfico – 10



Fonte: Pesquisa de Campo – 2008

Quanto ao grau de satisfação dos jovens, no que se refere ao trabalho com as confecções, 69% responderam que gostam da atividade realizada, embora 51% tenham respondido que têm vontade de mudar de trabalho. Aqui vale uma observação: o desejo de mudar de atividade não está voltado para uma mudança de profissão, mas está ligado, fortemente, ao desejo de autonomia. Dentre as atividades mencionadas, destaca-se em primeiro lugar o desejo de ser empresário. Em seguida, aparecem outras atividades, como ser motorista, gerente, administrador, vendedora. E, em último lugar, outras atividades que não estão diretamente ligadas à “Sulanca”.

Diante dos dados apresentados, é possível observar a questão da centralidade do trabalho na vida dos jovens de Pão de Açúcar, principalmente no que se refere à independência financeira, aos laços de sociabilidade, e à identidade pessoal, assim como ressalta Guimarães (2005).

CAPÍTULO IV – Estudo de caso⁴¹: A inserção dos jovens e suas famílias na produção de confecções

Para conhecer melhor o cotidiano dos jovens inseridos no mundo de trabalho das confecções, priorizei a participação no cotidiano de trabalho de dois jovens e de suas respectivas famílias. O primeiro um jovem de 23 anos, que será chamado, ao longo da pesquisa, de Josuel. A segunda uma jovem de 18 anos, que será chamada de Juliana.

Durante uma semana, foi possível observar, mais de perto, o percurso dos jovens entre a casa e o trabalho, as relações sociais estabelecidas no espaço familiar e no espaço de trabalho, diante do contexto da produção das confecções. Também foram realizadas entrevistas com os jovens e suas famílias, com base nas questões que serviram de apoio para levantar os dados sobre o perfil dos jovens de Pão de Açúcar, apresentado anteriormente. No entanto, as questões propostas, durante a inserção em campo, objetivaram especificar um pouco mais tais questões, de modo a compreender a origem da família, sua inserção no trabalho com a “*Sulanca*”, e a significação de tal atividade como estratégia de sobrevivência.

Considerando todas as dificuldades que se colocava durante o processo de pesquisa, o conhecimento local facilitou a inserção. O contato com os jovens e suas famílias foi facilitado, pois, eles abriram as portas não apenas de suas casas, mas principalmente de suas vidas, durante uma semana.

O processo de inserção no campo, com os jovens, se deu em um período de duas semanas, sendo a primeira realizada no período de 11 a 16 de janeiro de 2009, e a segunda, no período de 01 a 06 de fevereiro de 2009.

Um detalhe importante, que vale salientar, é a grande dificuldade de inserção no espaço de trabalho: primeiro, pelo fato de não haver muitos pesquisadores estudando a região por um viés social, mas geralmente econômico e administrativo; segundo, o que pode implicar o desenvolvimento da pesquisa é o fato do grande índice de informalidade, e o receio de uma fiscalização por parte dos empresários; uma terceira questão que se coloca, é o ritmo intenso de trabalho para produção em larga escala, durante a semana e também nos finais de semana, cuja finalidade é aumentar a margem de lucro, uma vez que, o preço estabelecido para a venda é, consideravelmente, abaixo do mercado.

⁴¹ Para manter a autonomia das famílias e dos jovens pesquisados, os nomes apresentados no estudo de caso são todos figurativos.

Mediante tal estratégia, o objetivo foi estar o máximo presente no dia-a-dia dos jovens e suas famílias. Como não fiquei hospedada na casa dos jovens escolhidos, pelo fato de ter parentes morando na mesma localidade, procurei estar presente todos os dias, a partir das 06h50min, em suas respectivas casas, enquanto ainda tomavam o café da manhã e preparavam-se para iniciar as atividades do dia.

Permaneci junto aos jovens no espaço de trabalho, acompanhando todo o processo de desenvolvimento das confecções nas empresas. O intervalo do almoço, enquanto os jovens retornavam para suas casas, era o momento propício para conversar abertamente sobre seu cotidiano de trabalho. Ao deixá-los em casa, optei por almoçar na casa dos meus familiares, por não querer invadir, além do necessário, a intimidade das famílias, até mesmo porque este momento, segundo Josuel, era oportuno para *“tirar uma soneca”*.

O retorno ao trabalho acontecia por volta das 12h45min, sendo que o horário geral de retorno do almoço de todas as empresas em Pão de Açúcar é às 13h. O momento em que voltávamos do almoço era mais um momento de conversa descontraída, geralmente sobre a família e o tempo, considerado insuficiente para o intervalo do almoço.

No período da tarde, permaneci grande parte do tempo na empresa, acompanhando o ritmo de trabalho dos funcionários, além de participar das entregas de mercadoria nas diversas facções que atuam na produção de uma parte da peça confeccionada. Nessas facções, encontrei a maior incidência de trabalho infantil e adolescente, cujo acordo de trabalho, como visto anteriormente, é de não prejudicar a escola. No entanto, após as aulas, os funcionários devem voltar para completar o turno que é de oito a dez horas de trabalho ou mais horas, de acordo com a quantidade das peças que precisam ser arrumadas para a entrega.

A pesquisa com a jovem Juliana segue, praticamente, o mesmo ritmo de atividades, com exceção da segunda e terça-feira, quando ela trabalha na feira de Santa Cruz do Capibaribe, saindo às 05h30min. Sendo assim, decidi optar por começar acompanhando-a na *“Feira da Sulanca”*, e nos outros dias da semana na empresa em que está inserida.

No final do expediente de trabalho, encontro tanto com a família de Josuel, quanto com a de Juliana. Era combinado de acordo com a disponibilidade deles para a realização da entrevista. Em um primeiro momento, encontrei certa dificuldade de disponibilidade pela intensa rotina de trabalho, no entanto, através do bom relacionamento e conhecimento existente entre o pesquisador e as famílias, depois de uma breve explicação sobre os objetivos da pesquisa, foi possível, de forma bastante flexível, adequar-se aos horários das famílias.

5.1 Família Gomes

A pesquisa com Josuel e sua família começou dia 11 de janeiro, em um domingo à tarde. O objetivo desse primeiro contato foi explicar a todos sobre os objetivos da pesquisa e a estratégia a ser desenvolvida ao longo da semana.

A família é composta: pelo pai, Seu Edson, um senhor de 48 anos, nascido na cidade de Brejo da Madre de Deus, mas que passou toda a sua vida morando na cidade de Santa Cruz do Capibaribe; pela mãe, Dona Jandilma, de 43 anos, nascida em cidade Santa Cruz do Capibaribe; por Josuel, com 23 anos; Joelson, com 21 anos; e Jardiel, com 19 anos, todos nascidos na cidade de Santa Cruz do Capibaribe. Toda a família está a, pelo menos, 12 anos morando em Pão de Açúcar.

Ao chegar à casa de Josuel, em um domingo à tarde, encontro o jovem, seu pai e sua mãe, arrumando shortinhos infantis feitos com retalhos de tecidos de baixa qualidade, comprados em lojas da cidade de Santa Cruz do Capibaribe e dos empresários de Pão de Açúcar, que compram grande quantidade de tecidos em retalho, no Brás em São Paulo, e revendem os tecidos que não serão aproveitados durante sua produção.

A família explica que a rotina semanal de trabalho começa com o ciclo de vendas aos domingos, na "*Feira da Sulanca*" da cidade de Santa Cruz do Capibaribe. Estende-se na segunda-feira na cidade de Toritama, e na terça-feira retorna para a cidade de Santa Cruz do Capibaribe. Atualmente, a família não está indo para a feira de Caruaru, mas Seu Edson ressalta que todos os seus filhos já passaram um período fazendo a feira de Caruaru.

Durante a conversa com a família, muitas foram as indagações sobre os objetivos da pesquisa proposta. Argumentei que estava pautada no desejo de escrever sobre a história de vida e trabalho das pessoas de Pão de Açúcar, de modo específico da juventude.

Ao explicar, detalhadamente, sobre a pesquisa, e principalmente se havia concordância em fazer um acompanhamento mais sistemático da rotina de trabalho da família e de seu filho mais velho, Josuel, houve aceitação por parte de todos os membros.

Como combinado, na segunda-feira, às 06h50min, estava na casa da família Gomes para acompanhar o dia de trabalho de Josuel e sua família. A mãe permaneceu em casa, onde trabalha sozinha costurando as peças fabricadas pela família, enquanto que o pai foi, ainda de madrugada, para a feira de Toritama, e dois dos filhos se organizavam para sair para o trabalho. O terceiro filho, que é músico, estava de férias em casa, e sua tarefa, durante o dia, é estudar Trompa, seu instrumento musical.

Nas várias idas e vindas, acompanhando Josuel de casa para o trabalho e vice-versa, tive a possibilidade de conversar com Seu Edson e Dona Jandilma sobre os trabalhos domésticos e a produção da confecção. Dentre esses momentos de conversa espontânea, Seu Edson fala sobre sua satisfação em ver os filhos trabalhando para garantir a sobrevivência, e Dona Jandilma reclama da quantidade de atividades, por ser a única mulher da família, tem que dar conta da casa e das costuras.

Aproveito para saber se ela é a única pessoa que costura as peças produzidas pela família, e descubro que, também na casa da família Gomes, a rede de prestação de serviço acontece de forma muito intensa, pois eles precisam de outras pessoas que ajudem na costura, além das que prestam serviço com a estamperia, dentre outras atividades.

Vale ressaltar que, apesar da mãe ser a única mulher da casa e ter que dar conta das atividades domésticas e das confecções, ela ensinou aos meninos fazer algumas atividades para poder ajudá-la. Em um dos dias da pesquisa, cheguei na casa da família Gomes e, como os pais não estavam, quem estava fazendo o almoço era Joelson (irmão músico).

A residência da família Gomes é consideravelmente grande, comportando as cinco pessoas que nela residem. O cômodo da frente é o maior espaço da casa e foi transformado em uma garagem para o carro do pai e as motos de dois dos filhos (Josuel e Jardiel). É ainda utilizada para a confecção produzida pela família, contendo uma mesa grande, onde as peças são cortadas, e duas máquinas de costura industrial. Encontra-se também o material de trabalho do pai que, depois de um curso feito no SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), começou a trabalhar como mecânico, consertando máquinas nos diversos “fabricos” de Pão de Açúcar. Posteriormente, passou a trabalhar em casa, onde as pessoas traziam suas máquinas para o conserto e, finalmente, permaneceu arrumando somente as máquinas da família e ajudando no processo de confecção dos shorts e blusinhas infantis.

Em seguida, há dois quartos (um do casal e outro dos três irmãos), sala e cozinha, divididas com um sofá e a mesa de jantar, e ainda um banheiro, uma área e um quartinho, onde a família guarda os materiais que não estão sendo utilizados até o momento.

De acordo com o combinado, retornei na segunda-feira à noite para fazer a entrevista com Joelson, o irmão músico, e encontrei toda a família em casa. A mãe e o pai estavam arrumando a mercadoria que voltou da feira para o dia seguinte; e os jovens Josuel e Jardiel estavam descansando de um dia difícil de trabalho. Depois de breve conversa, com todos, sobre o dia de trabalho e as vendas na feira, começamos a entrevista.

A importância dada aos estudos, na família Gomes, fez com que praticamente todos os filhos concluíssem o Ensino Médio, com exceção de Josuel, o filho mais velho. Há,

portanto, uma diferença nítida de opção, por parte dos três irmãos, no que se refere à decisão entre continuar estudando e o trabalho, principalmente diante da possibilidade de adquirir autonomia financeira, fato absolutamente perceptível nos discursos e trajetórias dos três irmãos.

Outro fator de destaque, na vida dos três jovens, é a presença da música. Todos sabem tocar algum tipo de instrumento musical, no entanto, para o irmão mais novo e para o mais velho, tal atividade aparece como secundária, ou seja, é vista como uma atividade de lazer e descontração. Realidade que se diferencia no caso de Joelson (21 anos), que desde muito cedo decidiu levar a música como uma atividade profissional. Seu primeiro contato com a música se deu a partir do incentivo do avô, que o inscreveu em uma banda musical da cidade de Santa Cruz do Capibaribe, onde começou aprendendo a tocar Trompete e, em seguida, passou para Trompa, que é seu instrumento atualmente.

Fazer a escolha pela música, como atividade profissional, e pelo estudo, a trabalhar diretamente com a “*Sulanca*”, não foi fácil, mas foi uma decisão determinada, como o jovem mostra em uma das falas de seu depoimento: “*todo mundo já tem uma moto, um carrinho, meus amigos tudinho [...] mas mesmo estando na pindaíba, eu continuo estudando*” (Joelson, 21 anos). Fazer tal escolha, diante da realidade dos jovens locais, seria praticamente como nadar contra a maré. Enquanto todos os outros jovens de sua idade estão trabalhando exaustivamente, mas, conseguindo adquirir seus bens de consumo, Joelson escolheu concluir o Ensino Médio e se aperfeiçoar na música.

Diante da escolha de seguir seus estudos, contava com a ajuda financeira dos pais e dos irmãos que trabalham diretamente com a produção de confecções. Para conseguir manter seus estudos, tocava em festas de padroeiro, nas cidades circunvizinhas e ainda, por diversas vezes, trabalhou temporariamente vendendo nas “*Feiras da Sulanca*”.

Eu tocava a procissão da festa do padroeiro de Santa Cruz e a banda é remunerada, e em Taquaritinga também, e como eu estava nas duas bandas, de vez em quando caía um dinheirinho. Mas o dinheiro que eu ia pra São Caetano (*estudar música com a Banda Sinfônica do Agreste*) era o dinheiro que eu ia pra Feira de Caruaru com dona Maria, aí eu juntava. E vendia pra pai também ganhando comissão, e eu ia comprando as minhas coisas. (Joelson, 21 anos)

Atualmente, mora em João Pessoa e faz bacharelado em Música, pela Universidade Federal da Paraíba. Para se manter na capital paraibana, seus pais e seus irmãos continuam ajudando-o financeiramente. Além da ajuda familiar, toca trompa na Orquestra Sinfônica

Jovem da Paraíba e recebe uma bolsa de R\$150,00 (*cento e cinquenta reais*) do Governo do Estado da Paraíba, que utiliza para pagar aluguel, passagem e alimentação.

Ao ser questionado sobre suas perspectivas de futuro, ressalta que quer mesmo é ter como profissão a música, se especializando cada vez mais, além de fazer outro curso de graduação para garantir sua renda.

Esse ano eu quero arranjar um emprego, pra eu terminar o bacharelado. Fazer um curso de Inglês pra já começar a desenhar uma tese e pensar num mestrado fora do Brasil. Depois arrumar um emprego em uma orquestra e ficar. O negócio é viver de música. Não importa o salário [...] Quero ser instrumentista só tocar e quero ser professor também porque eu falo muito né, eu gosto dessa atividade também. (Joelson, 21 anos)

No final da entrevista, Seu Edson e Dona Jandilma já haviam terminado de arrumar as peças e sentaram-se no sofá para assistir televisão. Diante do depoimento do Joelson que, fazendo a opção pelos estudos para sobreviver, precisa da constante ajuda por parte dos pais e dos irmãos, aproveitamos para conversar sobre a diferença salarial que há entre outras cidades e Pão de Açúcar. Durante a conversa, foi dado o exemplo dos muitos jovens que, em outras cidades, ganham, por mês, R\$ 65,00 (*sessenta de cinco reais*), principalmente na zona rural, e quando chegam a Pão de Açúcar passam a ganhar, por mês, R\$360,00 (*trezentos e sessenta reais*). Apesar de não ser muito dinheiro, ficam admirados pelo montante, pois nunca haviam conseguido tal valor anteriormente.

No dia marcado para realizar a entrevista com Jardiel (o irmão mais novo - 19 anos), encontro Dona Jandilma costurando umas peças que Josuel está fazendo, com um tecido que comprou do patrão. Mas, reclamava que, além de trabalhar sozinha, as máquinas não ajudavam, por não serem tão novas estavam quebrando constantemente, dificultando o término das peças do filho. E ainda levanta uma questão interessante, ressaltando que se tivesse outra renda, com certeza, não trabalharia mais como costureira, porque sente muitas dores nas costas e nas pernas.

Seu Edson continua com a sua pequena produção, depois de uma jornada de venda nas feiras. Continua cortando porque precisa que a costureira faça essas peças para levá-las para a lavanderia.

A entrevista com Jardiel foi muito proveitosa e esteve pautada em assuntos sobre música, sua trajetória de trabalho e suas perspectivas de vida, além de explicar

detalhadamente sobre o funcionamento da sua área de trabalho, uma vez que, trabalha na empresa “*Moda Vest*”, que faz parte da pesquisa.

A música também está bem presente na vida de Jardiel, mas, diferentemente de seu irmão Joelson, não a escolheu como atividade profissional. Desde os treze anos de idade, começou a trabalhar com a “*Sulanca*”. Sempre acompanhando seu irmão mais velho, ajudava a dar o acabamento nas camisas, aparar pontas de linha, dobrar e embolsar as peças prontas. Por ser ainda muito novo, não era considerado um funcionário, mas um “*ajudante*”, que recebia apenas uma pequena quantia em dinheiro.

Trabalhou também na “*Feira da Sulanca*”, de Santa Cruz do Capibaribe, vendendo mercadoria de sua família e de outras pessoas. Vender na feira, segundo Jardiel, significava um misto de sofrimento pelas condições de trabalho oferecidas, mas também uma oportunidade de conseguir levantar um bom dinheiro nos dias em que as feiras eram boas, ou seja, nos períodos próximos das festividades de São João, Natal e Fim de Ano, e até mesmo, como dizem muitos “*Sulanqueiros*”⁴², quando dão sorte de vender toda a mercadoria: “*A feira foi boa!*”.

A feira era aquela coisa, se você pudesse não ir, você não iria. Porque assim você tem que trabalhar, você não tem condições. Aí você tem que ir. Mas não é ruim não. Na feira você tem amizades. Eu passei quase um ano vendendo em Santa Cruz na feira e ia toda terça-feira. Eu botava um saco maior do que eu nas costas, ia pra pista e pegava um Toyota (*transporte alternativo utilizado para transportar pessoas e mercadoria na região*), às quatro horas da manhã, sozinho e ia embora. Josuel já trabalhava lá vendendo, aí quando ele começou a ir para Caruaru eu fiquei com o ponto dele em Santa Cruz. Era muito chata essa ida, porque a gente pega o Toyota de manhazinha você morrendo de sono, com aquela fumaça, aquele aperto, uma demora, com saco nas costas, e quando chegava lá ia armar o banco. Não é ruim, ruim, ruim não sabe. Se você tivesse condições de não ir, se tivesse outra coisa para fazer. Mas aí vem a compensar quando dá uma feira boa, dá um dinheiro bom, aí dá pra você não desanimar e continuar indo pra feira (Jardiel, 19 anos).

Durante a conversa com Jardiel, é possível perceber que, assim como os demais jovens de Pão de Açúcar, a aprendizagem do trabalho com a “*Sulanca*” começa dentro de casa com a família, e se estende para fora através dos vizinhos e amigos que trabalham nas diversas atividades que compõem a produção das confecções.

Perto de sua casa tem uma estamparia, e como ficava por lá conversando com o proprietário e os funcionários, aprendeu noções básicas sobre o funcionamento de uma estamparia. Sendo assim, quando resolve deixar de trabalhar na “*Feira da Sulanca*”, começa

⁴²⁻⁴³ Como são chamadas as pessoas que produzem as confecções e vendem nas “Feiras da Sulanca”.

a acompanhar seu irmão que estava trabalhando em uma estamperia na cidade de Santa Cruz do Capibaribe. Ressalta que não trabalhava todos os dias, mas somente em épocas de “*Feiras boas*”, quando a produção aumentava, conseguindo, desta forma, levantar algum dinheiro e também aprender, na prática, a atividade de estampar.

Atualmente, trabalha com carteira assinada na empresa “*Moda Vest*”, citada no Capítulo II. É interessante ressaltar que um dos fatores que contribuíram para facilitar o ingresso na empresa é o conhecimento que sua família tem com os moradores locais, inclusive com o dono da empresa, mas também por suas experiências anteriores, principalmente no que se refere à estamperia.

Geralmente, as empresas de Pão de Açúcar e da região admitem seus funcionários através do conhecimento, não sendo necessário nenhum tipo de currículo que comprove experiências anteriores. O simples fato de falar sobre suas experiências anteriores, diante da necessidade da absorção da mão de obra, é suficiente para ingressar no trabalho. Foi exatamente assim que aconteceu com Jardiel, a empresa estava precisando aumentar seu número de funcionários, e mediante o conhecimento familiar e a experiência narrada, foi o suficiente para o jovem ser admitido na empresa.

Sua primeira atividade foi trabalhar na estamperia, lavando as telas que eram utilizadas. Em seguida, começou a ascender, dentro da área de atuação, a partir de sua criatividade, pois, como visto anteriormente, o jovem não fez nenhum curso de especialização para atuar na área.

Aí comecei lá na estamperia, com um mês, eu só fazia lavar a tela e pendurar, como eu não tinha aprendido a trabalhar com carrossel (*tipo de mesa que funciona na eletricidade ou a gás, onde a produção é cronometrada por um computador*) que é muito rápido, eu ficava só lavando as telas, colocando cola e dando para os caras trabalhar. Teve um dia que tinha uma pistola em cima da mesa de aerógrafo, tipo spray, que o pessoal faz desenho, tava conectada no compressor, aí fiz um negócio na camisa, ele (*o patrão*) viu e gostou. Aí mandou fazer, mandou uma bancada para fazer 1000 camisas. Colocaram uma bancada e colocaram um menino para fazer, só que ele não estava acertando. Aí me botaram para ajudar ele, só que eu só fazia vestir e tirar a camisa e ele fazia o desenho. Na hora que o gerente estava lá pedi para fazer uma vez, e eu fiz um jeito bem caprichado. Ele gostou e disse que quem ia fazer era eu. Daí eu já comecei a criar idéias, fazer tipos e coloquei o nome de pistolado [...] Depois chegou à máquina de flocar. A flocação joga o magnésio, tem a peneira que tem o pó, esse pó é um tipo de camurça, aí passa uma tela com a cola e coloca a flocação. Fica tipo uma camurça, aí bota para secar e desenho fica na camisa com uma textura de camurça. (Jardiel, 19 anos)

É interessante observar que aprender novas técnicas e aplicá-las ao trabalho está absolutamente interligado à vida cotidiana e às redes sociais de amizade, parentesco e

vizinhança, que é onde se dá toda aprendizagem, pois os cursos de aperfeiçoamento são uma realidade relativamente nova, ainda não muito adotada pelos jovens e pelas empresas locais. Jardiel, ao explicar como se dá o processo de produção da estamperia, mostra como tem aprendido novas técnicas cotidianamente, inclusive nos momentos de lazer, incorporando-as ao seu trabalho, e levando a mudar de atividade.

[...] Quando eu estava trabalhando lá eu gostava de ficar no cyber fazendo umas coisinhas aí eu conversava muito com o dono do cyber e ele me ensina umas coisinhas. Eu nunca fiz curso de computação, ele sempre me ensinava. Eu sempre pensei em um dia criar estampas essas coisas. [...] Como no computador gastava tempo, eu abria o Orkut, o MSN, e também o Corel Draw, e ficava fazendo desenhos. Eu achava legal fazer os desenhos e eu sempre imprimia, salvava e imprimia. Aí quando eu conseguia criar um desenho eu imprimia e guardava. Aí teve um dia que eu levei para lá, para a estamperia [...] Quando o patrão viu disse que estava chegando uma máquina a laser que é para cortar os adereços que coloca na camisa em cima da estampa, e tem computador nela. Eu vou precisar de um cara assim, para trabalhar nela, fique na agulha, que era ficar na esteira. Aí fiquei na esteira pensando, como será. Aí teve uma feira de tecnologia em Caruaru e ele levou a gente para lá. Todo mundo da estamperia, levou uns 15 funcionários, levou todo mundo. Toda vez que tem feira ele leva, é um lugar (*a empresa*) que você tem condição de trabalho. Na feira e vi a máquina lá, isso era o cara explicando ao povo e eu só ao redor olhando para ela -- eu sabia que era ela porque já estava vendida a máquina -- aí fiquei prestando atenção e ela funcionando lá na feira de tecnologia, e eu só olhando para ela e o cara explicando ao povo. Eu perguntei qual o programa que criava os desenhos, e ele falou que era o Corel Draw, o mesmo programa que eu estava aprendendo, chega eu fiquei alegre, porque se fosse outro programa aí já era mais complicado. Eu fiquei trabalhando na máquina a laser, ela corta um monte de coisa, ela é uma máquina de corte, uma máquina chinesa. Já vai completar dois anos que eu trabalho na fábrica e faz uns sete meses que eu trabalho na máquina. Na máquina tem um computador e eu começava a praticar mesmo sem ninguém me ensinar, aí eu peguei, vi um book com desenhos em cima da mesa lá, que era da firma, eu tirei xérox e fiz uma coleção de 5 estampas. Com um mês lá eu comecei a fazer desenhos. Fui fazendo desenhos e cortando na máquina, criando coisas e nunca deixei de criar. Na estamperia era melhor ainda porque eu fazia o desenho, quando eu mandava para a estamperia que revelava, eles me chamavam, porque, os desenhos que criei eu já tinha uma idéia do que ia fazer nele, aí encaixava tudinho. (Jardiel, 19 anos)

É possível perceber o grau de satisfação do jovem em trabalhar na empresa atual, não apenas pelo fato de ter carteira assinada, mas por entender que há a oportunidade de fazer o que gosta e, segundo ele, o patrão está sempre oferecendo condições de trabalho, a partir de sua demonstração de habilidade diante de um dos processos de produção da empresa. Outro destaque é a questão salarial, que foi melhorando de acordo com o cargo que foi assumindo.

Eu comecei com o mínimo no tempo era R\$380,00 (*trezentos e oitenta reais*) aí depois na estamperia mesmo ficou para R\$420,00 (*quatrocentos e vinte reais*). Depois fui revelar tela e ficou R\$500,00 (*quinhentos reais*). Quando eu fui para o laser o meu salário com um mês e 15 dias ficou em R\$ 600,00 (*seiscentos reais*). Aí fui trabalhando e fazendo os desenhos e lá na estamperia revelava e não parava.

Depois eu pedi para ele comprar uma impressora a Ploter, que custava R\$5.000,00 (*cinco mil reais*) – o povo fala que é caro, mas, não é caro. Agente imprimia um metro de transparência, nós fazíamos o desenho e imprimia por R\$90,00 (*noventa reais*), um metro de transparência limpa custava dez reais o metro. E lá na fábrica quando eu fiz a conta, com o tempo que eu passava para desenhar e imprimir, e o meu salário, com a transparência e com a tinta, que imprime, quando eu fiz as contas saiu por R\$15,00 (*quinze reais*) o metro [...] Levei a conta para ele ver, aí ele me deu outro aumento, o salário ficou em R\$650,00 (*seiscentos e cinquenta reais*) aí comecei a fazer um curso em Santa Cruz. Do PRONECAP – Programa Nacional de Capacitação. Só que o curso que veio era um negócio enrolado sabe. Não era bem um curso, era uma enrolação [...] Ele deu R\$40,00 (*quarenta reais*) por mês, que dava para pagar as passagens e o lanche porque era só no sábado, aí fui para o curso umas três vezes. Daí eu vi que não tinha futuro, era uma enrolação tinha dia que o professor ia, outro não ia, então eu parei porque além de pagar, eu pagava o material que nem todo eu recebi. Eu falei com para o patrão e meu salário ficou em R\$690,00 (*seiscentos e noventa reais*). [...] E com um tempo eu conheci um cara que ajeitava máquina lá, quando a máquina quebrava – a máquina a laser – ele vinha de São Paulo, aí ele me deu o programa completo – o programa era R\$500,00 (*quinhentos reais*) e eu o instalei. E fui aprendendo o programa de bordado, eu agora estou fazendo os desenhos dos bordados [...] Aqui só tem uma máquina que é mais nova, a Tajima, que é de lantejola, ela já tem entrada de USB, a outra máquina não tinha, aí eu chamei Walter – o técnico lá da fábrica e boleei com ele um jeito para colocar USB na outra máquina, agente cortou os cabos do disquete e colocou no cabo USB nele, no computador, na máquina de bordar, aí não usava mais disquete, porque era uma caixa grande de disquete. Agora a gente só usa o Pen drive e usa para as duas máquinas. Outra coisa que eu inventei também foi as pedrinhas, antes a empresa mandava fazer a logomarca, ficava cada camisa por R\$,030 (*trinta centavos*), aí eu peguei inventei na máquina a laser uma forma para fazer. Eu criei umas 15 formas para poder chegar nela [...] só foi dar certo com papelão, aí no papelão eu fiz uma forma, passei aquela fita crepe, cortei e deu certo. Agora tem 18 pessoas empregadas fazendo isso [...] O salário atual agora está R\$750,00 (*setecentos e cinquenta reais*). (Jardiel, 19 anos)

Com o trabalho atual, Jardiel tem a possibilidade de ajudar em casa, mas também comprar bens de consumo, como sua moto. Após uma negociação com o patrão, conseguiu “*dar um lance*” na moto.

Eu falei com ele para comprar uma moto, aí eu tinha um computador em casa – embora o computador não valesse, se muito o computador valesse, ele valia uns R\$900,00 (*novecentos reais*) – aí ele perguntou por quanto eu vendia e eu disse que por R\$1.000,00 (*mil reais*) porque queria dar um lance na moto. Ele queria me emprestar o dinheiro para eu comprar a moto, aí eu fiquei meio assim, porque é uma responsabilidade grande não é. Aí ele perguntou se estava precisando de um computador para a fábrica e mandou trazer o computador. Comprou o computador por R\$1.200,00 (*mil e duzentos reais*), só para me ajudar [...] Aí eu comprei a moto e pago R\$300,00 (*trezentos reais*) todo mês. Ele disse que ia me ajudar e todo fim do mês dá R\$100,00 (*cem reais*) fora meu salário. (Jardiel, 19 anos)

Mesmo tendo que conciliar o trabalho com o estudo ao longo de sua trajetória, conseguiu concluir o Ensino Médio no ano de 2008. Ao falarmos sobre perspectiva de futuro,

destaca que pretende fazer vestibular para Designer, mas, por ser um alto investimento, no momento, prefere priorizar o término do pagamento de sua moto.

Na quinta-feira, Seu Edson e Dona Jandilma trabalhavam intensivamente para aprontar a mercadoria para lavar à feira. Ao conversarmos sobre a possibilidade de uma entrevista sobre suas trajetórias de vida, os dois se prontificaram sem nenhuma objeção. Pediram apenas que fosse ao início da tarde.

Ao chegar para a entrevista, Seu Edson estava arrumando a máquina que Dona Jandilma fazia as peças de Josuel. Justificam que a máquina já não é tão nova e precisa, constantemente, ser ajustada para cada tipo de peça que vai ser costurada. Como não havia possibilidade de comprar uma máquina nova, a estratégia encontrada, não só pela família Gomes, mas, de modo geral, por todos os confeccionistas, foi fazer constantes adaptações nas máquinas, muitas vezes criando novas peças que facilitam o processo de confecções.

Começamos a entrevista com Dona Jandilma, que dá início falando sobre sua infância, que foi bastante difícil. Trabalhava junto a sua avó e sua mãe, carregando água e lavando roupa “*de ganho*”, ou seja, colocava água e lavava roupas para as pessoas que, por sua vez, pagavam pelo serviço. Essa realidade só mudou com a chegada de uma vizinha que a ensinou a costurar aos oito anos de idade. Com a costura, as condições de sobrevivência da família melhoraram bastante. Então, a atividade anterior foi substituída pela costura.

[...] Minha avó carregava água de ganho [...] e nós ia pegar água com ela, ia lavar roupa com ela. Aí nesse meio tempo chegou uma mulher de Santa Cruz mesmo para morar na rua de nós, aí foi ela que nos ensinou a costurar. Desde os oito anos já começamos a costurar em maquininhas bem pequenas, no pé rodando como se fosse uma bicicleta, aí foi começou a aparecer o motorzinho e depois uma overlock. [...] nós fazia vestido, anágua – que a mulher usava antigamente – umas calçinhas bem fracas, camisola, essas coisas assim, vestidinho, só uma sulanquinha mesmo. (Dona Jandilma, 43 anos)

Ao contrário do esposo, Dona Jandilma não conseguiu estudar, apesar de ter escolas na época. Relata que só conseguiu estudar em escolinhas que eram abertas em garagens próximas de sua casa. Durante a conversa, fica perceptível que o fator de impedimento à vida escolar eram as condições precárias em que a família se encontrava. Com a morte do pai, aos três anos de idade, sua mãe e sua avó tinham que trabalhar para sustentar a família, e como lavar roupa e colocar água “*de ganho*” não era uma atividade suficiente para sobreviver, as crianças precisavam ajudar no trabalho.

Estudei bem pouquinho, pouquinho mesmo. Num fiz série, só estudava em garaginha, coisinha pouca [...] Na época lá quase não tinha colégio [...] Aí fizeram muitas escolas, mas nós nunca tinha chances de entrar. Nós só estuda assim, a professora botava garagem abriu uma escola ali e nós lá, só que nós nunca aprendia, só trabalhava. (Dona Jandilma, 43 anos)

Dona Jandilma sempre costurou para sobreviver. Quando casou, continuou costurando e confeccionando para sobrevivência da família. Os filhos do casal nasceram todos na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, e desde pequenos estiveram envolvidos com a “*Sulanca*” dentro de casa. Atividade sempre combinada com a produção autônoma e a prestação de serviço para outras microempresas, ou através da costura, ou ainda através do conserto de máquinas. Atividade em que Seu Edson, depois de concluir o Ensino Médio, se especializou através de um curso de mecânico de máquinas, feito pelo SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial).

Todos os filhos, desde pequenos, sempre fizeram algum tipo de atividade para ajudar na renda familiar, sempre priorizando os estudos e o tempo das brincadeiras. Valor que Dona Jandilma destaca como fundamental para o futuro dos filhos, principalmente pelo fato de não ter conseguido estudar.

Os meninos eram muito pequenininhos. Eles não faziam nada, o que fazia era ajudar nós. Começamos ensinar... um vendia picolé. Eu vendia sorvete em casa já para ajudar na sulanquinha e nas horas vagas eles tiravam ponta de linha, brincava. Tinha que ter a vaga deles brincar, estudar e até trabalhar. O outro (filho mais novo) era muito novinho e não fazia nada – quando ele completou mais ano, ele se destinou por ele mesmo a procurar trabalhar [...] E os outros estudam, estudam, mas sempre ajudando em casa. Eles faltavam só se tivesse doente ou se a professora não viesse, porque sempre dentro de casa tinha a hora de fazer as tarefas, tinha a hora de brincar, para tudo tinha hora, ainda hoje tem, é tudo na hora certa. Porque eu não deixava chegar do colégio e ir brincar na rua, sem fazer a tarefa. Deixava não. Porque eu já sabia que, eu sofro ainda hoje porque não tenho o estudo e deixar eles ficarem sem estudo, tendo o estudo, fica não. Se inventava que tava doente aí tinha que descobrir o porquê, se inventasse uma conversa na escola aí eu ia descobrir o por que. Eu já sofri sem estudo aqui, porque quem não estuda sofre, sofre muito, aí eu não deixava nenhum ficar sem aula só nas últimas mesmo era que ficava e nas horas vagas que não tinha, sempre o pai deles ficavam em cima, de uma tarefa, para não atrasar para quando chegar o outro ano da série está tudo tranquilo. (Dona Jandilma, 43 anos)

Seu Edson se disponibiliza a fazer a entrevista naquele mesmo momento. Conversamos um pouco sobre sua trajetória de vida e de trabalho, e foi possível observar como a atividade com as confecções sempre esteve presente em sua vida

Durante a infância, enquanto o pai trabalhava como pedreiro em Recife, trabalhava ajudando sua família com a agricultura e a pecuária. Trabalhou também na construção civil, em lojas de tecidos, com mecânica, e há pelo menos vinte anos trabalha com a “Sulanca”.

Ah, em Santa Cruz eu trabalhei de servente de pedreiro, trabalhei numa fábrica de fubá trabalhei lá um período bom. Depois trabalhei em uma loja de tecidos e de confecção também [...] trabalhava infestando, lá era loja e fábrica fazia todo tipo de serviço que aparecia. Depois trabalhei em outra época, cortando nas casas do pessoal. Cortando na mão, na tesoura. Aí quando eu tava cortando lá eu já dentro de Santa Cruz, eu já vi o movimento da feira e dali mesmo eu comecei a fazer umas coisinhas para mim. Eu era solteiro ainda e já comecei comprando um paninho, umas linhas, guardando em casa. Aí na época que eu saí de lá eu já comecei fabricando. Desde 1983 que eu estou na “Sulanca”, até hoje. Ainda trabalhava para outras pessoas, e nas horas vagas estudava também, fazia as três coisas. (Seu Edson, 48 anos)

No que se refere ao nível de escolaridade, Seu Edson relata que não foi fácil concluir o Ensino Médio, pois, depois de um longo dia de trabalho, muitas vezes, chegava a dormir em sala de aula. Ao retornar para casa, voltava a trabalhar, desta vez, produzindo para si próprio.

[...] Eu ainda passei dois anos estudando. Eu já estava no segundo ano, quando eu comecei a fabricar, aí passei dois anos fabricando e estudando, depois terminei o segundo grau e fiquei só fabricando mesmo. Pra mim era pouquinho só nas horas que tinha um tempinho eu ia lá e cortava, botava uma pessoa para fazer, pra costurar, ainda ia para a feira, quando chegava no colégio, eu cochilava nas aulas que eu não estava interessado. Tem umas aulas que a gente tem mais gosto agente fica mais ativo, mas têm outras que a gente não consegue assistir bem não. Mesmo assim eu cheguei lá, consegui terminar o segundo grau [...] Às vezes eu chegava do colégio de dez horas e ia cortar ainda, trabalhava até doze. (Seu Edson, 48 anos)

Tendo concluído o Ensino Médio, resolve fazer um curso, pelo SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), de mecânico de máquina de costura, e passou mais de dez anos de sua vida trabalhando na área para complementar a renda da família, não deixando de conciliar a atividade de mecânico e a produção de confecções. Atualmente, deixou de trabalhar como mecânico porque, segundo ele, não tinha hora para começar, nem parar de trabalhar, além de levar muitos “calotes” de seus clientes. Deste modo, decidiu trabalhar, junto a sua família, somente com a produção de confecções.

5.1.2 O jovem Josuel

Para Josuel, 23 anos, assim como para os demais membros de sua família, a “*Sulanca*” esteve presente desde muito cedo. Com nove anos de idade, o jovem já ajudava seu pai a vender, as peças fabricadas, na feira de Santa Cruz do Capibaribe. Quando mudou para Pão de Açúcar, ele e seus irmãos faziam de tudo para ajudar na renda familiar. Vendiam picolé, ou em casa, ou em um carrinho na rua. Além disso, Josuel também ficava olhando os carros na frente de uma churrascaria, que havia na época, colocando papelão no vidro dos carros para não esquentar.

Ao falar sobre os estudos, o jovem coloca que nunca foi muito “fã” de estudar, mas, através da insistência da mãe, conseguiu estudar até o primeiro ano do Ensino Médio. Depois, desistiu de estudar e decidiu ficar só trabalhando e estudando música. Arte esta que se fez presente também na vida do jovem, mas não levada a diante como atividade profissional.

Eu estudei até o primeiro ano (*Ensino Médio*). Eu já não era muito fã de estudar, e era bem assim, minha mãe dizia vá pra escola e eu tinha que ir. Ai eu ia, consegui ir até o primeiro ano. Daí eu comecei trabalhando demais, e estudando música também. Que tem a parte da música na minha vida também. Comecei estudando música e deixei a escola [...] Nesse tempo eu estudei trombone. Eu comecei mais na prática e depois eu peguei uma teoria. [...] Mas antes eu tinha prendido a tocar pandeiro e bateria na Igreja [...] Violão, e depois comecei a aprender a tocar contra-baixo. Eu tenho muita vontade de aprender. Mas não fui pra frente [...] Eu acho que por conta do trabalho e a falta de tempo pra se dedicar (Josuel, 23 anos).

Justifica que não deu continuidade aos estudos do trompete porque estava difícil conciliar o trabalho com a música, e também pelo fato de que a renda financeira como músico não dava para se manter, pois, muitas vezes, gastava mais do que ganhava. Outro fator que contribuiu para desistir da música foi uma banda musical que começou em Pão de Açúcar, e acabou sem explicações. Para estudar ou em Taquaritinga do Norte (sede do município), ou em Santa Cruz do Capibaribe, ficava mais caro, porque tinha que pagar passagem e ainda gastar com alimentação. Achava ainda que estudar partitura era muito chato, e o que queria de verdade era ganhar dinheiro nas bandas de forró, conciliando tal atividade com a confecção.

Durante um momento de conversa espontânea sobre música, falou sobre o quanto é amigo de algumas bandas de forró e pagode, e disse que pretende tentar, junto ao Governo Municipal, encaixar algumas bandas na festa do padroeiro de Pão de Açúcar. Deste modo, consegue ainda ganhar algum dinheiro, pois atua como uma espécie de empresário dessas

bandas. Mas, relata que esse tipo de atividade, que é mais um lazer do que um trabalho, só acontece em épocas ou de festa de padroeiro, ou em festa de São João.

Relatou ainda as experiências de dois anos em que tocava em época de Carnaval. Disse que gostava muito e que era muito boa a experiência de conhecer pessoas diferentes, durante treze dias em que ficava tocando. Na primeira vez, acompanhou um grupo de sessenta músicos, e na segunda vez um grupo de cento e vinte. No entanto, reafirmou, mais uma vez, que era mais um lazer do que um trabalho, porque na maioria das vezes o trabalho era precário e não eram remunerados como deveriam ser, e muitas dessas "tocadas", como chamam os momentos em que vão tocar com os músicos, dividiam o valor que recebiam, pela amizade, entre os amigos.

Seu primeiro trabalho fora de casa foi em um pequeno fabrico de uma vizinha, que trabalhava com blusas femininas. Começou aparando as pontas de linha das peças e arrumando-as depois de prontas. Atividade que, praticamente, inicia a maioria dos adolescentes nos trabalhos com as confecções.

Durante o período que passou trabalhando com essa vizinha, fazia de tudo um pouco. Nos dias de feira ia para a feira de Caruaru e recebia um valor estabelecido por cada feira, fazendo parte do salário no final da semana. Nos outros dias, trabalhava cortando, dando acabamento, levando e trazendo as peças de um lugar e outro (facções, bordado, caseador, etc.).

Ao sair do fabrico da vizinha, começa a trabalhar somente fazendo as feiras da região, como um vendedor autônomo. Pegava peças com a antiga patroa, com o pai e com outras pessoas, ganhando uma percentagem na venda, ou seja, as peças eram entregues por um preço menor para que ele colocasse sua margem de lucro e conseguisse ter um bom número de vendas nas feiras. Vale ressaltar que a distribuição de mercadoria para os vendedores que fazem as "*Feiras da Sulanca*" é uma prática muito comum entre os empresários da região.

A opinião a cerca da feira é praticamente unânime, se constitui uma atividade necessária, até mesmo porque é o espaço de escoamento da produção. No entanto, as condições de trabalho na feira são exaustivas. Segundo a família Gomes, caso tivesse outra atividade que pudesse substituí-la, o faria. Mas ressaltam que o que compensa são as "*feiras boas*", ou seja, quando conseguem vender uma boa quantidade de mercadoria. Tal fato é colocado em evidencia no discurso de Josuel, quando peço para ele falar um pouco mais sobre o que significa ir para "*Feira da Sulanca*".

Josuel: Não sei como falar da feira Sandra. É bom e é ruim. Porque a pessoa se cansa muito, tem muita preocupação. Em Caruaru que é uma feira que tem muita gente. Muitas pessoas e você têm que ter cuidado para ninguém roubar, porque tem muito ladrão. Tem que se preocupar com isso. O cansaço a pessoa viajar de noite, porque muitas vezes a gente saía de madrugada. **Sandra:** De que horas.

Josuel: Aí variava, saía às vezes logo cedo da noite. De oito da noite só pra entrar (*entrar no espaço da feira*) três horas da madrugada, para arrumar. Pra quatro horas começar a vender. A parte boa, é que a pessoa vai um dia pra uma feira boa e dá pra ganhar um trocado.

Sandra: Jair só um pouquinho ainda na feira. Você disse que vocês saíam de oito horas da noite pra abrir a feira às três da manhã. E onde é que vocês ficavam durante esse tempo todo. Durante esse período de espera.

Josuel: A gente ficava deitado em cima do saco. Ficavam aquelas cinco ou seis pessoas. Colocava fechando com as carroças arrodando em com as lonas. Quando chovia era um caos. Na feira de Caruaru, chovendo com a carroça. É mesmo que não ter feira. A pessoa chovendo com uma carroça, se der uma chuva pronto. Perdeu a feira! [...] Quando abria quatro horas da manhã. Três horas a gente se levantava e ficava por ali. Ficava esperando, descia. Quando abria era aquela multidão de gente empurrando, com carroças, carro. Todo mundo entrando na feira, aí arrumava. Abria de três horas, de três e meia. Quatro horas arrumava a mercadoria e já ficava por ali esperando passar algum comprador [...] Quando já passava muito tempo a pessoa vendendo ali, já conhecia alguns fregueses. Às vezes ele nem via a pessoa, aí chamava e o freguês vinha e comprava.

Sandra: E o lanche como é que funcionava.

Josuel: Passava sempre pessoas que vendiam lanche. Passava e a gente comia ali mesmo, fazia refeições lá, tucaindo a carroça. Se não, se a pessoa piscasse o olho levavam a carroça.

Sandra: Quem levava?

Josuel: Os ladrões, que tem muito também.

Sandra: E banheiro como é que fazia?

Josuel: Banheiro tinha um lá, era perto do artesanato, numa feira que tinha. E tinha outro canto lá que era um beco na beira do rio, aí a gente ia fazer as necessidades lá. E pedia pra algum conhecido olhar a carroça.

Sandra: Você passou o tempo inteiro vendendo na carroça?

Josuel: Não. Nesta história que eu tava com a carroça, eu consegui um banco lá. Teve uma invasão lá numa rua e eu consegui um banco.

Aí como eu tava na carroça, eu sai da carroça e fui pro banco, mas foi muito fraco, porque a primeira semana em um banco e a segunda também é muito fraco. Depois pai colocou meu irmão Joelson para ir pro banco e eu voltar pra carroça. E aí já era dois apurados, né. O que eu já apurava na carroça e outro banco. (Josuel, 23 anos)

Segundo Josuel, depois de passar praticamente à noite e a madrugada na feira, o retorno, para casa, se dava entre 13 e 14 horas, dependendo do transporte que pegavam para retornar. Muitas vezes, era um carro já acertado anteriormente, outras vezes, eram os carros que fazem a linha Caruaru/Santa Cruz do Capibaribe.

Permaneceu fazendo a feira de Caruaru por volta de três anos, mas, devido às vendas que ficaram fracas, deixou de ir. Continuou trabalhando em casa, com os pais, na produção familiar de confecções. Dentre os membros de sua família, o único que continua, até os dias atuais, fazendo a "*Feira da Sulanca*", de Santa Cruz do Capibaribe, é seu pai, que vende a mercadoria feita pela família.

Ao mesmo tempo em que trabalhava com os pais, começou a trabalhar em uma estamperia, em Santa Cruz do Capibaribe, mas não era um trabalho permanente e só tinha serviço quando era época de “*feira boa*”. Josuel procurou trabalho na empresa em que seu irmão mais novo trabalha com carteira assinada, mas, como não obteve nenhuma resposta, aceitou o convite para trabalhar na empresa Júlio Confeccões, uma pequena empresa informal, apresentada no capítulo III.

Iniciou suas atividades, na empresa, trabalhando na estamperia, pois já tinha experiência nesse tipo de trabalho.

Lá eu comecei na estamperia. Era eu e outro que trabalhava sozinho no tempo. Eu já sabia trabalhar de estamperia, só não tinha prática naquele tipo de serigrafia, naquelas estampas, eu tinha mais prática em camisa, que no tempo em que trabalhava na estamperia em Sta. Cruz era com modinha para mulher. E aqui em casa que era estampa pequena de short e estampa de camisa, com outro tipo de tinta. Aí ele me ensinou e como eu já tinha prática com outros tipos de estamperia, foi mais fácil pegar prática [...] Eu trabalhei quase uns oito meses. Depois ele colocou outro, e mais outro pra trabalhar na estamperia. (Josuel, 23 anos)

Por considerar o trabalho na estamperia uma atividade dura e pesada, queria mudar de atividade.

Josuel: Ele (*o patrão*) estava procurando um cortador e não encontrava. Aí eu disse: “Eu vou aprender a cortar pra eu sair da estamperia, que vai ficar mais maneiro”.

Sandra: Porque você diz mais maneiro? Porque é tão pesado na estamperia?

Josuel: Eu acho que é a quentura. A tela né, aquela tela pega de dois a três quilos de tinta, ou mais, pega uns quatro quilos às vezes. A pessoa coloca, pega uns quatro quilos de tinta e ela já pesa mais.

Sandra: Por conta que é madeira?

Josuel: É por conta que é de madeira a tela, e por conta que é bem grande. A tinta fica lá em cima e pesa né, grandona na ponta. Tanto ela é pesada como a quentura; e a pessoa o dia todinho rodando levando aquela tela. Se chegar um que não tem costume com ela, se pegar acha maneiro, mas se a pessoa passar o dia todinho com ela, andando ao redor daquelas tábuas quentes, esquenta as pernas assim. Porque o fogo esquenta muito. Se a pessoa encostar, porque a gente trabalha sem camisa queimava. Aí era bem ralação [...] Tem uns meninos lá que bebem leite

Sandra: E o leite serve pra que?

Josuel: Não sei. Tem essa crença aqui, desde que eu me entendo por gente, que eu vejo falar que nas estamparias se toma leite pra cortar o efeito da tinta. Nesse período que a pessoa passa respirando essa tinta, dizem que ameniza, mas eu não sei. Uns tomam cachaça. Ou cachaça ou leite. Tem uns caras lá de outra fábrica que eles não tomam o leite. Eles saem cedo toma uma e vai para o trabalho. Depois saem pra almoçar, aí passam em casa e muitas vezes nem comem. Sai de casa e vai pra barraca e começam a tomar uma com uns tira gosto e já vai trabalhar de novo. Aí pronto quando sai ao invés de ir pra casa, já vai tomar uma e depois é que vai pra casa. O rojão é assim, aí diz que é pra cortar o efeito da tinta (Josuel, 23 anos).

Diante das condições de trabalho, acreditava que se aprendesse a cortar, seu trabalho ficaria bem mais leve. Começou, então, a fazer as bancadas de corte. Inicialmente, ajudava outro funcionário que, durante o dia, trabalhava em outra empresa e, à noite, fazia as bancadas para o corte. Depois que aprendeu, ficou sozinho trabalhando com tal atividade, conseguindo finalmente sair da estamparia.

Josuel: No tempo ele (*o patrão*) tava procurando um cortador, porque ele é bem exigente, e estavam atrasando as peças no corte. Ele precisava de peça, aí Alex (*o cortador*), que gosta de tomar uma também, atrasava as peças.

Sandra: Ele não cortava lá na fábrica?

Josuel: Não ele mandava cortar na casa do cortador [...] Tinha prédio que era só a estamparia e não tinha o corte. A gente vinha separava o pano lá na casa dele e depois descia para o corte que era lá em Alex, aí ele pagava por peça cortada. Não sei a como a peça, mas ele pagava por peça. Aí cada bancada que ele cortava tinha um total de peça que ele (*patrão*) pagava por peça e o cara também não ligava, gostava de tomar uma e atrasava as peças. Na segunda-feira não tinha peça cortada, e muitas vezes a gente parava o serviço lá por causa dele. Aí seu João como é muito... ele disse, vai ser o jeito botar um corte. Aí colocou um corte, comprou uma mesa e colocou o corte com uma máquina emprestada. Começou fazendo serão, só cortava a noite com Cleiton (*jovem que prestava serviço à noite*). Só que o menino farrapava também, tomava uma também. Eu dizia: “Vamos cortar hoje de noite Cleiton”. Ele dizia: “Pronto sete hora eu chego lá”. Aí e eu ia pra fazer serão com ele. No caso eu trabalhava o dia na estamparia e de noite ia fazer serão no corte ajudando ele. Mas muitas vezes ele não ia [...] Ele (*patrão*) tem até um dizer, fala que todo cortador é irresponsável. Diz que se não for vai ficar, e ele diz na minha frente. Todo cortador é irresponsável, aí olha pra eu e diz se não for mais vai ficar [...] Aí ficou nisso, ficou o pano lá sem ter quem cortasse [...] Ele disse: “Eu vou arrumar um cortador pra ficar aqui no corte e pra trabalhar direto, cortando. Só cortando os panos”. Eu fiquei pensando, vou ver se eu aprendo a cortar e saio da estamparia. Aí eu fui me ligando como era. Aprendendo a enfiar primeiro. Depois chegou um tempo lá que eu disse: “Arruma um menino pra enfiar mais eu, que eu enfiar”. Depois o outro vem e só corta. Depois eu disse a ele: “Arrume Rivaldo que é cortador pra ele fazer serão comigo, pra ele me ensinar, pra ver se eu aprendo a cortar. Aí ele foi me ensinando e chegou tempo que Rivaldo não pode cortar lá, e eu disse: “Sabe de uma, eu vou cortar.” E risquei tudo lá, e arrochei o nó. Daí Júlio (*o filho do proprietário*) disse: “Você se garante de cortar?” Eu já cortava na maquininha pequena e na mão com tesoura. Aí eu disse: “Vou cortar”. Quando ele chegou tava tudo cortado. [...] Eu disse: “Olhe arrume outro para a estamparia que eu fico no corte”. Aí quando foi um dia eu nem sabia que ele ia arrumar eu ainda tava na estamparia e cortando, só de noite que eu tava começando a cortar. Quando eu cheguei lá tava Dudu, aí ele chegou lá e disse: “Dudu agora vai para a estamparia e você vai ficar só no corte”. Aí fiquei sozinho no corte, um menino pequeno é que me ajudava [...]

Sandra: Em relação a estamparia e o corte, qual é comparação que você faz? Um é mais leve do que o outro?

Josuel: Eu creio que sim, o corte é mais leve. O corte não tem muita quentura. O corte é ali mais parado. Só é correria mais na hora que infesta. Que infesta o pano, aí vai pra um lado e pra outro. Para o que ajuda é mais maneiro, porque ele fica só lá. Só ajustando o lado de lá, e a pessoa que corta é quem tem que tá correndo (Josuel, 23 anos)

A função específica de Josuel, atualmente, no trabalho é o corte. No entanto, é visível a sua versatilidade, aliás, dentro da empresa, essa é uma realidade de praticamente

todos os funcionários, sendo que, no caso de Josuel, tal fato é mais acentuado. O jovem se desdobra em arrumar as peças para ir para a estamperia, sai várias vezes, durante o dia, com a moto da empresa, para pegar peças nas diversas facções que prestam serviço, além ir comprar o lanche, que é servido às 15h para todos os funcionários. Ele funciona como uma peça coringa dentro da empresa, pois sabe fazer de tudo um pouco, e sabe exatamente onde está cada tipo de mercadoria (*peças de tecido compradas*) a ser utilizada ou vendida.

Durante a semana em que acompanhei o jovem em seu espaço de trabalho, observei que, durante o dia, ele saía por diversas vezes. Em uma dessas saídas para resolver problemas da empresa, decidi acompanhá-lo. Em um calor insuportável, seguimos de moto pelas ruas de Pão de Açúcar. A primeira parada foi na casa de um rapaz que corta camisa à mão, reaproveitando todo o tecido que não pode ser cortado à máquina, dentro da empresa.

Nessa casa, encontramos a mãe, que é viúva, e o filho, de aproximadamente 19 anos. Ambos trabalham, especificamente, cortando tecido para outras pessoas. É interessante observar como é comum o entrelaçamento entre a rotina cotidiana familiar e a produção de confecções. Ao entrar em sua casa, não havia lugar para mais nada. Todos os móveis da sala estavam cobertos por tecidos de várias pessoas diferentes, para as quais trabalham, além de estarem cheios de pó do próprio tecido. A dona da casa comenta que não sabe nem mesmo onde está seu gato que, por ser muito pequeno, acabou se perdendo em meio a tanto tecido. A mesa da cozinha, onde são feitas as refeições, foi transformada em um espaço de trabalho, onde junto com seu filho corta as peças que lhes são encomendas.

O segundo lugar que fomos é uma facção que trabalha pregando botão para a empresa pesquisada e também para outras. Os donos da facção vieram do Sertão e seus funcionários são da própria família, dentre algumas crianças e adolescentes, que não têm nenhum grau de parentesco. Vale salientar que nesses tipos de facções é possível encontrar uma grande incidência de crianças e adolescentes trabalhando, justificando-se por trabalhar em um horário oposto ao da escola, mas muitas vezes, quando saem da escola, voltam para concluir o horário de trabalho e as peças que precisam ser entregues para os clientes.

Por último, fomos à padaria para comprar o lanche dos funcionários. O percurso feito pelo jovem, diariamente, é relativamente longo, e diz-se que, antes da empresa adquirir a moto, esse mesmo trajeto era feito a pé ou de bicicleta.

Diante da diversidade de atividades que Josuel tem a fazer durante seu dia de trabalho, diversas vezes ultrapassa o horário. No entanto, justifica dizendo que, por várias vezes, chega atrasado ao trabalho, assim uma coisa acaba compensando a outra. Mas, quando é necessário trabalhar à noite, ou em dias de sábado, recebe como hora-extra.

A empresa em que trabalha segue o padrão das demais na região, pagando os funcionários de quinze em quinze dias, sendo o momento mais esperado por todos os funcionários. Quanto ao salário, o jovem bem sabe de sua importância dentro da empresa e reclama do valor do seu salário, que é de R\$ 130,00 (cento e trinta reais) por semana, chegando ao final do mês a R\$ 520,00 (quinhentos e vinte reais). Disse que vai pedir aumento no salário porque é muito trabalho, e principalmente por não ficar apenas em lugar parado, fazendo um único tipo de atividade, mas tem que se desdobrar para várias outras atividades diferentes.

De modo geral, os jovens gastam seu salário ajudando em casa, comprando artigos pessoais, mas também em festas, bares, etc. No caso de Josuel, sempre que é necessário ajuda seu irmão, que estuda música em João Pessoa, ajuda também em casa, e está pagando sua moto. Como está namorando já há algum tempo, pretende também começar a fazer algumas economias para comprar um terreno e construir uma casa.

No que se refere ao lazer, os únicos espaços de lazer, para os jovens de Pão de Açúcar, são ou os bares que ficam ao redor do centro do distrito, ou ainda as festas que acontecem na região. Como, geralmente, ou os jovens, ou seus pais, têm carro, juntam-se em grupo e vão para as festas de vaquejada e de padroeiro da região. Tais momentos já não mais fazem parte ativa dos momentos de lazer de Josuel, por estar sempre na casa da namorada.

Sua perspectiva de futuro, assim como a maioria dos jovens de Pão de Açúcar, está baseada no desejo de ser dono de sua própria confecção. Atividade que já começou a desenvolver paralelamente ao trabalho atual. Para complementar a renda, confecciona shorts infantis, com tecidos comprados na própria empresa em que trabalha, ou seja, os tecidos que não servem para a fabricação das camisas são vendidos para outras pessoas. Afirma ainda que, apesar de ter tentado entrar na empresa em que o seu irmão mais novo está trabalhando, seu grande desejo não é trabalhar em uma empresa com carteira assinada, mas montar uma confecção para si e sobreviver dela. No entanto, esse desejo esbarra, segundo ele, na sorte de fazer uma mercadoria que venda bem nas feiras.

Sandra: Quais são os seus sonhos e seus projetos para o futuro.

Josuel: No momento eu tava pensando em fabricar pra mim.

Sandra: E sair da empresa que você está trabalhando?

Josuel: Sim eu tava pensando. E eu já não sei porque eu devo um pano lá que eu comprei. Eu to pensando em pagar ele pra começar a fabricar pra mim.

Sandra: Mas entre ter carteira assinada e fabricar, você prefere fabricar?

Josuel: Eu acho que sim.

Sandra: Você acha que ganharia mais?

Josuel: Eu acho que ganharia mais. Eu acho que se a pessoa conseguisse uma mercadoria boa e que venda bem, a pessoa dá pra ganhar bem [...] Só que essa mercadoria que eu to fabricando agora, eu não to tendo o lucro dela ainda, porque eu comprei o pano fiado to fazendo ela toda, vendendo e pagando bordado. Um pouco que eu vendi deu pra pagar o bordado da que foram feitas [...] Quando eu conseguir pagar o pano. E o resto que sobrar vai ser o lucro desse pano.

Sandra: Aí você pretende só fabricar pra você?

Josuel: É eu pretendo fabricar. E se eu conseguisse fabricar e me estabelecer, eu to pensando em comprar uma casa e um terreno pra mim. É o próximo investimento que eu vou fazer pra mim [...] Mas tem um problema tem semana que vende e tem semana que não vende. Feira você tem que ter sorte. Tem que ter sorte, porque ninguém sabe as feiras, tem feira que você espera ser bem boa não é. E tem umas que a pessoa vai por ir mesmo aí vai e é boa. A pessoa nunca sabe (Josuel, 23 anos).

5.2 Família Diniz

A estratégia utilizada, durante a pesquisa com a família Diniz, se deu praticamente da mesma forma da empregada com a família Gomes. Alguns dias antes, foi realizada uma visita na casa da família, explicando sobre a pesquisa e quais seus objetivos. Em uma conversa prévia com a mãe de Juliana⁴³, foi possível perceber a preocupação em não prejudicar o dia-a-dia de trabalho da filha na empresa, principalmente pelo fato de ser o primeiro trabalho da jovem com uma melhor remuneração e com carteira assinada. Ao relatar que o patrão já estava sabendo da pesquisa e que a empresa já havia sido visitada outras vezes, a família concordou inclusive em realizar, ao longo da semana, algumas entrevistas.

Ao contrário da família Gomes, que tem em sua família uma forte ligação com a “*Sulanca*”, a família Diniz representa muitas das famílias de agricultores que migraram para Pão de Açúcar em busca de trabalho. Advindos do sítio Serra da Cachoeira, município de Vertentes – PE, a família é composta por oito pessoas: o pai, Seu Francisco, 54 anos; a mãe, Dona Janete, 48 anos; cinco irmãos; e um neto. Vale destacar que uma das irmãs é casada e não mora com a família.

Enquanto moravam no sítio Serra da Cachoeira, a estratégia de sobrevivência encontrada pela família, além da agricultura de subsistência, eram as viagens feitas por Seu Francisco para o Rio de Janeiro. Vale ressaltar que, desde 1979, a migração para o Rio de Janeiro esteve presente na vida de Seu Francisco. Entre várias idas e vindas, sempre conseguia encontrar algum tipo de trabalho.

[...] eu fui (*para o Rio de Janeiro*) em 1979, trabalhei até 1982. Depois voltei em 1985, foi na época que teve uma crise muita brava, aí passei 74 dias só e vim embora. Depois em 1987 voltei, passei uma temporadazinha lá [...] Voltei em 1989, e a última vez que eu fui foi em 1997, aí não voltei mais porque, não deu eu fiquei velho e o emprego já ficava mais difícil entendeu. Aquelas firmas só pegava rapaz novo, com certo conhecimento. Mas não é como uma pessoa jovem que sai daqui, que todo aquele talento, aí fica mais difícil a pessoa ficando velha, começa a ser escanteada das coisas [...] Em 1999 voltei para o Rio de Janeiro, e fiquei com eu irmão, passei lá uns quatro meses com ele, até tinha freguesia nos morros, mas eu chegava lá fazia amizade e os caras compravam coco naqueles botecos, queriam 50 coco, queria 60 e eu subia o morro. [...] Passei uns quatro meses, mas eu vim embora porque meu lugar era aqui, e não voltei mais porque eu fui ficando velho e queria estar com minha família [...] Aí foi minha parada em casa [...] mas eu gostava demais do Rio de Janeiro, se a minha família fosse pequena eu morava no Rio de Janeiro, com certeza (Seu Francisco, 54 anos).

⁴³ Jovem escolhida na empresa formal para ser acompanhada durante uma semana.

A vinda da família para Pão de Açúcar aconteceu através da filha casada, que veio primeiro, trazendo em seguida um irmão, e por fim toda a família. Segundo Seu Francisco, foi uma decisão repentina, porque os filhos, que vieram antes da família, estavam conseguindo ganhar “*um dinheirinho*”. Desse modo, viu que, em comparação com o sítio, essa seria uma oportunidade de trabalho e estudo para os outros filhos.

[...] Sai de Serra da Cachoeira, município de Vertentes, aí eu vim de uma vez, porque eu conhecia aqui através de uma filha minha que se casou com um cara aqui de Pão de Açúcar – era muito nova na época - aí passou uns tempos aqui e eu vim conhecer. Acho que já fazia um ano ou dois anos que ela morava aqui – e minha família foi crescendo – e eu tinha saído de lá, que era um lugar fraco, para quem tem condições em todo canto é bom não é? Mas para quem não tem fica mais difícil as coisas. Aí tive que vir embora, porque a família estava grande. Eu sempre tive no pensamento de dar os estudos deles até determinado tempo, aquilo que eu podia terminar o segundo grau. Meu pensamento sempre foi esse, eu sempre falo com eles. Meu filho terminou e fez um curso de informática em Surubim aí veio para cá. Aqui se juntou com Aldenor, que ensinou a ele uns 30 dias. Quando ele voltou para casa, trouxe um dinheirinho para agente se alegrar, deu 50 conto a mim e deu 50 conto a mãe, aí eu falei agora as coisas estão boas. Mas chegou um ponto das pessoas irem crescendo, aí veio a menina – a mais velha que as outras – e botou na cabeça de vir embora: “*Vamos embora para lá*”. A mulher falou comigo, eu fiquei pensando, e as coisas aconteceram de repente. Quando eu vim para cá não foi planejadamente, viemos de repente. Eu vim aqui na segunda-feira, falar o negócio do colégio pra saber se tinha vaga, aí vim aqui olhei a casa. E trouxe as duas meninas comigo [...] Essa casa (*a casa que a família mora é alugada*) – essas meninas eram duas molecas na época – amanhã agente vem embora, era segunda-feira de carnaval e na terça-feira de carnaval nós mudamos para cá. E quando eu cheguei aqui foi que eu vim ver o arrependimento que eu tinha tido na época, que eu vim embora de repente, sem pensar e nessa noite eu nem dormi. Todos ficaram assustados, eu fiquei na calçada aqui depois, fiquei pensando em deixar a minha casa lá que era da agente, o cantinho da gente e vir para cá (Seu Francisco, 54 anos).

No depoimento de Seu Francisco, é possível perceber a dificuldade na decisão de sair com toda a família, em busca de novas oportunidades para os filhos que estavam crescendo. Uma das questões levantadas é a necessidade de deixar a casa própria para começar a pagar aluguel, além da necessidade de adaptação a um novo ambiente e novas pessoas. Situação que se diferenciava do seu lugar de origem, onde conhecia e era conhecido por todos. A questão associada à falta de conhecimento, na cidade, foi um fator que dificultou a inserção no mercado de trabalho local. Atualmente, está trabalhando como motorista em uma madeireira, na cidade de Santa Cruz do Capibaribe.

[...] Eu passei 66 dias parado aqui, eu não tinha conhecimento nenhum ia à igreja – porque eu gosto de ir à igreja. Mas não estava bem acostumado, porque deixamos o rancho da gente lá. [...] Bem, meu primeiro trabalho aqui foi para um cara que não me pagou, não vou dizer o nome dele não. Aí depois eu fui trabalhar naquele cara que tem ali, perto da igreja sua seu Edson. Passei umas três semanas, aí peguei um

trabalho em Toritama. Lá (*Seu Edson*) trabalhava com um menino que é pedreiro e disse para eu ir atrás de um motorista, e eu cheguei lá (*Toritama*) e ele estava precisando. Passei quase um ano, mas eu estava estressado, não estava gostando não. Eu gosto de estar bem no trabalho, tinha umas diferenças das pessoas lá comigo que eu não achava que era certo. Ai eu fui embora disse que estava com vontade de ir para o Rio de Janeiro, porque eu não estava me sentindo bem no trabalho, eram umas coisas que não davam certo e que não combinavam comigo. Ai dali eu passei quase um mês e fui para Santa Cruz, trabalhar com um rapaz lá e estou até hoje. Mas saí, por um tempo e passei quatro meses sem ir, estava carregando água com Pedro aqui, quando chegou o inverno eu voltei para lá novamente, ele (*o patrão*) mandou me chamar e estou lá até hoje [...] Mas não estou bem acostumado. O lugar natural da gente, eu acho que ninguém esquece [...] Eu vim do meu lugar eu não tenho um intrigado lá, até eu me criei lá, meu lugar, aquelas velhas me abraçam parece um vereador quando eu chego lá, era uma alegria (*Seu Francisco, 54 anos*).

Diante do forte sentimento de pertencimento à sua comunidade de origem, ao ser indagado sobre um possível retorno ao município de Vertentes, Seu Francisco não hesita em dizer que, se preciso fosse, voltaria sem dúvida alguma, até mesmo porque sua família está toda por lá, sua casa continua fechada, e se necessário fosse retomaria suas atividades na agricultura. Mas, a questão que se coloca é que seus filhos se acostumaram, rapidamente, em Pão de Açúcar, e não querem mais retornar ao Sítio Serra da Cachoeira.

Olhe, o certo é que a família já gosta muito daqui, e não querem mais sair daqui, entendeu. Eu se fosse preciso ir, eu ia, ia tranquilamente. No caminho da volta ninguém se perde não, se não der a gente volta para casa, que está lá fechadinha. Mas eu acho que voltaria para o meu lugar tranquilo, tranquilamente, sem receio nenhum, tem minha casa lá, tem meus pais que estão vivos – são doentes – mas ainda são vivos, tem terra para agente trabalhar [...] Eu voltaria a trabalhar na agricultura sem problema algum. É o pior que eu gosto. Eu já cortei lenha, já trabalhei de muitas coisas e ninguém nem sabia que eu era motorista no meu lugar, ninguém nem sabia (*Seu Francisco, 54 anos*).

Ao contrário de muitas mulheres de Pão de Açúcar, que concilia os afazeres domésticos com a produção de confecções, Dona Janete (48 anos) não trabalha, apenas cuida das coisas de casa, do neto ainda pequeno, e de uma filha deficiente. Nascida e criada no município de Santa Maria do Camucá- PE, depois de casada, mudou-se para Serra da Cachoeira, município de Vertentes-PE, onde viveu mais de vinte anos. Sempre trabalhou na agricultura. Enquanto seu esposo viajava, cuidava dos filhos e plantava algumas culturas, que serviam para complementar a alimentação da família. Com uma máquina simples, também costurava as roupas de seus filhos, não sendo uma atividade de produção como funciona com a “*Sulanca*”.

Segundo Dona Janete, vir para Pão de Açúcar foi bom, por ser um lugar que tem emprego para todos da família, e principalmente para suas filhas que ajudavam a plantar,

quando pequenas, mas, como estavam crescendo, não queriam continuar trabalhando com agricultura.

Eu achei bom é porque lá, elas nunca trabalharam, até certa idade. Nunca ajudaram, porque era tudo pequeno, uns ajudavam assim, plantar alguma coisa, mas tudo estudava tudo criancinha pequena, e lá só era agricultura mesmo [...] Eu achei bom, porque para mulher trabalho que tinha só se fosse costurar roupa particular. Outro emprego não tinha só se fosse para trabalhar na enxada, mas elas achavam difícil, não era como eu e o pai delas. Daí a gente veio para cá. Esse negócio de fabrico na época não tinha lá não (Dona Janete, 48 anos).

Destaca, ainda, que a grande dificuldade ao chegar a Pão de Açúcar, assim como colocado por Seu Francisco, foi a falta de conhecimento com as pessoas do distrito, pois, como visto nos capítulos anteriores, o trabalho é conseguido através de uma grande rede de parentesco e vizinhança, onde a transmissão de saberes é perpassada ou de geração em geração, dentro de uma mesma família, ou ainda em uma relação de proximidade e conhecimento. Para os migrantes que ainda não fazem parte desse ciclo de amizade e aprendizagem, se torna muito difícil aprender o ofício das confecções.

Quando a gente chegou aqui foi muito difícil. Eu vim para cá por causa de minha filha que veio primeiro, depois meu filho veio ficou com ela, e aí foi quando veio toda a família. Foi bom porque ficou a família toda junta, mas os primeiros meses aqui foi difícil, sabe como é, chegar num lugar, tudo difícil, depois, foi melhorando [...] Quando a gente chegou, porque ninguém conhecia ninguém, não conseguia trabalho, quando falava para um trabalhar diziam: “*Não tem que ser através de um amigo, porque aqui ninguém ensina ninguém, agora vai por conhecimento*”. E foi difícil isso né. Até que pra Jaqueline começar a trabalhar mesmo, ela ia para Toritama aprender a costurar, porque aqui ninguém ensinava não – porque não tinha conhecimento, não tinha colega. Ela passou mais de quatro meses aprendendo, eu pagava 15 reais por semana para aprender costurar (Dona Janete, 48 anos).

Uma questão interessante, levantada por Dona Janete, em seu depoimento, é o fato de existirem, principalmente na cidade de Toritama, lugares que funcionam como “*escolas*” não legalizadas, que atuam ensinando jovens migrantes que não sabem costurar, com a finalidade de inserí-los no mercado de trabalho local e regional. A estratégia de ensino, utilizada por essas “*escolas*”, é permitir que, durante 1 hora diária, os jovens possam aprender o manejo da máquina reta⁴⁴.

Eu pagava para ela aprender, R\$15,00(*quinze reais*) por semana [...] Em Toritama tinha casa que ensinava a costurar. Própria para ensinar a costurar. Era somente uma

⁴⁴ A máquina reta é a mais utilizada na cidade de Toritama, na fabricação do Jeans.

casa, não era curso não. Ela pagava só para aprender a costurar. Tinha várias máquinas e era muita gente de Recife, tinha muita gente. Nesse tempo que ela estava mesmo, tinha três rapazes que vinha de Recife aprender a costurar. [...] Aqui (*Pão de Açúcar*) eu andei em vários fabricos procurando, e o povo dizia: “*Olha aqui ninguém ensina não, só através de conhecimento*”. Só se ela conhecesse alguém e fosse para a casa dessa pessoa pra aprender a costurar. Ai eu perguntava se não tinha ninguém aqui pra pagar, pra ela aprender, porque era melhor do ir para Toritama. Mas não, só se tivesse conhecimento, e fosse pra um fabrico, se um amigo levasse ela [...] Eu sei que ela aprendeu lá. Passou uns três meses. Eu pagava por semana R\$15,00(*quinze reais*), e no fim de semana era R\$25,00(*vinte e cinco reais*), R\$10,00(*dez reais*) da passagem e R\$15,00(*quinze reais*) por semana lá [...] Era só meia hora, só trinta minutos, ela ia de oito horas e de oito e meia saía. Todo dia meia hora por semana (Dona Janete, 48 anos).

Vale destacar que, apesar da existência do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), dentre outras instituições que estão tentando formar e capacitar os jovens inseridos no Pólo de Confeções do Agreste, para atuarem como profissionais, a estratégia de informalidade perpassa também pela questão da aprendizagem, de modo particular, no que se refere às atividades de maior necessidade nas confeções, como a costura.

Apesar de todas as dificuldades encontradas pela família ao chegar a Pão de Açúcar, é perceptível ver a satisfação de Dona Janete ao ver seus filhos trabalhando. Ao contrário de Seu Francisco, conseguiu se acostumar em Pão de Açúcar e não tem vontade de voltar para o sítio Serra da Cachoeira. Seu grande sonho é comprar um terreno e construir sua casa, para sair do aluguel.

[...] Eu já me acostumei aqui. [...] Só falta uma casinha, a gente tem uma casinha lá, mas lá a casa não vale nada, se vender a casa lá, não dá para comprar um chão aqui. [...] Acho que vale no máximo uns R\$4.000,00(*quatro mil reais*), porque lá casa não têm valor. Uma casa grande como essas daqui, o povo compra por R\$ 7.000,00(*sete mil*), R\$8.000,00(*oito mil*). Lá não tem quem compre, aí não adianta você vender uma casa, porque Deus me livre, se eu sair daqui eu tenho a minha casa lá não é?! E se eu vender lá, não tem como comprar um chão aqui. Deus me livre, não tenho condições de pagar aluguel aqui, e ainda ficar sem casa, sem nada. Por enquanto a gente está pagando aluguel, mas vamos ver o que a gente faz (Dona Janete, 48 anos).

Com a família Diniz não foi possível ter acesso a todos os membros da família. Como visto anteriormente, uma das filhas é casada e não mora na residência visitada. Durante todos os momentos em que estive na casa, não coincidiu de encontrar com o filho. Uma das filhas não quis dar entrevista, e outra tem um tipo de deficiência que não permite a fala, no entanto, acompanhou e compreendeu todos os momentos. Sendo assim, foi possível apenas conversar com Jaqueline, a caçula da família, que tem certa experiência de trabalho com a “*Sulanca*”, além de Juliana, a jovem que acompanhei durante a semana.

A experiência de trabalho de Jaqueline não é muito longa. Quando morava junto a sua família, no sítio Serra da Cachoeira, não trabalhava, apenas ajudava sua mãe nas atividades de casa e do sítio, além de estudar. Segundo a jovem, a vinda para Pão de Açúcar trouxe benefícios, não apenas no que se refere às possibilidades de inserção no mercado de trabalho, mas também pela possibilidade de continuidade dos estudos.

[...] Aqui já era um lugar apropriado né, uma família enorme, ninguém trabalhava adequadamente, então tinha que ter realmente um lugar onde pudesse ter uma condição melhor de vida [...] Eu achei bom ter vindo pra cá, assim por uma parte, e por outra não. Porque lá estava a família da gente e a gente veio por causa do meu irmão. Mas, também, teve a questão dos estudos, aqui está tudo mais perto, pensando em Faculdade, essas coisas assim, tudo fica mais perto, principalmente para a gente. Lá era muito longe, quando começam a estudar já no 1º ano, tinha que se deslocar para ir para Vertentes, todos os dias, e voltar de 11 horas da noite. E quando chegasse o tempo da gente ir fazer Faculdade como é que ia ser? Em Vertentes não têm, até onde eu sei, aí como é que ia ser. Até lá, as pessoas que fizeram faculdade, são pessoas mais de condições que moravam e se deslocavam para outro canto. E como é que uma família que não é de classe média, porque eu não me considero de classe média, ia conseguir ter um nível de estudo melhor. Então eu acho que foi bom por essa parte, do estudo da gente, e pra gente crescer profissionalmente (Jaqueline, 17 anos).

Como a “*Sulanca*” era uma atividade nova para a família, e todos na região trabalham com a produção de confecções, Jaqueline, para inserir-se no mercado de trabalho, precisava aprender a executar alguma função dentro do processo de produção. Sendo assim, como dito anteriormente por sua mãe, sua única alternativa foi fazer um curso, na cidade de Toritama, para poder aprender a manusear uma máquina de costura, através de uma senhora que decidiu passar sua experiência de costura, ensinando jovens migrantes.

Jaqueline: [...] Aqui todo mundo só trabalhava na confecção, nenhuma de nós sabia manusear uma máquina, aí veio a questão, eu tinha que ir aprender em Toritama com uma mulher. Aí eu fui para lá, passei uns dois ou três meses, aprendi na reta. Quando eu cheguei aqui a mulher que mora aqui em frente, ela me chamou já para eu aprender em outras máquinas, aí já ficou mais fácil, para aprender em uma, na outra, já era mais fácil.

Sandra: Como era esse espaço de aprender a costurar, era uma casa normal, era um curso, como o SENAI, por exemplo?

Jaqueline: Não era um curso, era uma mulher que se dedicava só a ensinar, uma mulher que passava sua experiência. Passou anos e anos costurando, aí ela decidiu ensinar ao invés de ficar sempre [...] ela já era de uma idade mais avançada, então ela se dedicou só a ensinar.

Sandra: E quantas máquinas havia na casa, era um galpão, uma casa como essa?

Jaqueline: Era uma casa normal, até menor do que essa.

Sandra: E essa pessoa morava nessa casa?

Jaqueline: Morava, acho que ela só fazia isso só para se sustentar mesmo. Ela tinha três ou eram quatro máquinas. Todas as máquinas retas. Aí tinha os horários – como uma escola normal os horários – as pessoas vinham tal hora, por exemplo, cinco pessoas vinham de 8 horas às 10 horas, as outras cinco pessoas já vinham de 11

horas às 13 horas, era assim, como uma escola normal, só que era ela que se dedicava a ensinar.

Sandra: E de onde as pessoas vinham?

Jaqueline: Vinha gente de Santa Cruz, pessoas de Toritama mesmo, tinha até de Recife.

Sandra: E durante quanto tempo ficavam costurando na máquina, aprendendo? Era uma aula de quantos minutos?

Jaqueline: Era 1 hora. A gente ficava 1 hora aprendendo (Jaqueline, 17 anos).

O depoimento de Jaqueline mostra mais uma das estratégias encontradas pelo povo do Pólo de Confecções do Agreste. De certo modo, tais estratégias tentam suprir as necessidades de sobrevivência, como no caso da senhora que decide ensinar para os jovens o ofício da costura. Mas também mostra a necessidade local de ensinar as diversas etapas do processo de produção para o grande número de migrantes que vem em busca de trabalho.

No caso de Jaqueline, o curso serviu como base para poder aprender a trabalhar com outras máquinas. E a oportunidade de trabalho veio com uma vizinha que a convidou para trabalhar em seu "fabríco" e aprender a costurar em outras máquinas. A partir de então, foi pegando "prática" nas máquinas de costura. No caso da produção de confecções, o requisito básico para trabalhar é ter "prática". Fator que dificulta consideravelmente a inserção dos migrantes que chegam ao pólo, geralmente, sem conhecimento prévio do processo de produção.

Sandra: Então você passou dois meses aprendendo a costurar durante 1 hora na máquina reta, e te deu uma base de como funciona?

Jaqueline: É deu uma base, porque quem não sabe costurar não tem como manusear o pé. Aí eu tinha muito medo, por questões de que a máquina era mais veloz do que a prática.

Sandra: E depois que você aprendeu a controlar a máquina reta, você foi trabalhar com outra pessoa aqui em Pão de Açúcar, e aprendeu a costurar em outras máquinas?

Jaqueline: Isso.

Sandra: Quais as outras máquinas que você aprendeu?

Jaqueline: Overlock, interlock, galoneira...

Sandra: E que tipo de peças você fazia aqui em Pão de Açúcar?

Jaqueline: Aqui eu trabalhava com moleton, camisa masculina.

Sandra: E você dava produção, você pegou prática mesmo?

Jaqueline: Acho que sim, mas eu já estava querendo mudar. Eu não quero passar a minha vida toda na confecção. Então eu acho que até certo ponto eu cheguei a dar produção (Jaqueline, 17 anos).

Ainda enquanto estava trabalhando com sua vizinha, soube na escola onde estuda, através de uma visita de um professor do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem

Industrial)⁴⁵, que estava sendo oferecido um Curso Técnico em Administração de Empresas, cujo pré-requisito básico era estar cursando o Ensino Médio. Jaqueline e um grupo de 10 jovens de Pão de Açúcar, vendo uma oportunidade de qualificação, resolveram fazer o curso, que teve duração de um ano e meio, totalmente gratuito.

Durante o tempo em que estiveram no curso, aprenderam uma base teórica sobre administração de empresas, e ainda a preencher cheques, folhas de recibo, dentre outras atividades, incluindo o estágio que precisaram fazer como conclusão do curso. No entanto, reclama da dificuldade de encontrar uma empresa que abra uma oportunidade de estágio, até mesmo porque, na região, são poucas as empresas que estão organizadas e preparadas para receber estagiários.

É possível perceber, através de iniciativas relativamente recentes, como é o caso do SENAI, instituído na cidade de Santa Cruz do Capibaribe há sete anos, o contraste existente entre a tradição do informal, onde o Pólo de Confecções do Agreste foi constituído, e a presença de instituições que, em parceria com o Governo do Estado, tentam regular a forma de trabalho local, seja na intenção de qualificação da mão-de-obra, seja na questão da legalização e formalização das empresas locais.

Atualmente, Jaqueline não trabalha mais costurando, mas em uma loja, conhecida pelos moradores locais como “*butique*”, ou seja, são lojas especializadas em vender roupas de marcas advindas de outros lugares do país. Para a jovem, apesar de não estar cercada por pessoas conhecidas no espaço de trabalho, principalmente pelo fato de estar sozinha, diz que trabalhar na loja é melhor do que costurar. Ressalta ainda que “*precisa*” passar por tais atividades, antes de conseguir chegar a uma Faculdade de Administração e atuar em um trabalho melhor, de acordo com seu grau de estudo.

⁴⁵ O SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) abriu A Escola Técnica na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, fundada em 19 de julho de 2002.

5.2.1 A jovem Juliana

A lembrança da infância está muito presente no depoimento da jovem Juliana, principalmente no que se refere à liberdade e às brincadeiras no sítio Serra da Cachoeira. Quanto às estratégias de sobrevivência da família, ressalta, mais uma vez, o que foi dito anteriormente, que a família trabalhava com a agricultura familiar de subsistência, além do pai que sempre migrava para o Rio de Janeiro.

Ao chegar em Pão de Açúcar, sua trajetória de trabalho começa muito cedo. Aos 13 anos de idade, consegue seu primeiro emprego como balconista em uma padaria, através de uma amiga. O ritmo de trabalho era intenso e cansativo, tendo que combinar o trabalho com as aulas no período da tarde.

Juliana: [...] A gente veio pra cá eu tinha 13 anos, aí eu ia estudar a sétima série mais ou menos. Uma amiga minha que trabalhou na padaria, ela disse assim: “Juliana tu quer que eu arrume um trabalho lá pra tu”? Aí eu disse: “Arruma”. Aí eu fui para lá. A gente ia cinco e meia (*manhã*), seis horas a padaria abria.

Sandra: Todo dia cinco e meia da manhã?

Juliana: Todo dia. Aí saía de onze e meia. Como eu estudava a tarde saía na hora do almoço já ficava para a escola. Quando saía da escola ia direto pra lá, e ficava até oito horas. E assim era diariamente de domingo a domingo. No domingo era só até meio dia.

Sandra: E não tinha folga?

Juliana: Não tinha folga, não tinha nada. O dinheiro era muito pouco, assim uma mixaria, mas como era uma experiência, já era bom pra mim né. Eu ganhava R\$ 35,00 (trinta e cinco reais) por semana, e trabalhava de domingo a domingo.

Sandra: O que você fazia lá na padaria? Qual era o tipo de trabalho?

Juliana: Atendia, balconista como o povo fala né. Atendia o povo. Aí graças a Deus com onze meses eu saí de lá (Juliana, 18 anos).

Com o passar do tempo, a família foi estabelecendo laços de amizade com a vizinhança. Desse modo, foi possível que Juliana mudasse de trabalho e aprendesse a costurar, na casa de uma de suas vizinhas. Segundo a jovem, o trabalho com a costura, embora não tivesse “prática”, era bem melhor do que a atividade anterior. Além de que, trabalhando por produção, no final da semana, conseguia um salário bem melhor do que anteriormente.

Quando eu saí da padaria fiquei aqui em casa por uma duas semanas. Aí Zuleica (vizinha) chamou pra me ensinar a costurar. Como eu não perco nenhuma oportunidade eu fui e aprendi, demorei, mas como eu não tinha muita produção. Eu costurava, mas não tinha muita produção, ganhava pouco, por semana também. Ganhava R\$ 60,00 (sessenta reais), no máximo R\$ 80,00 (oitenta reais) por semana. Nunca passei disso. Não era uma costureira profissional! (Juliana, 18 anos).

Por não gostar de costurar, preferia trabalhar em outras atividades. Enquanto estava na casa de sua vizinha, soube, também através de uma amiga, da oportunidade de trabalhar na loja da empresa “*Moda Vest*”, apresentada no Capítulo II. O trabalho na loja seria nos dias da “*Feira da Sulanca*”, durante dois dias na semana, mas só conseguiu ser contratada, ainda informalmente, pela empresa, para trabalhar também em um dos setores da fábrica.

[...] Prática eu nunca peguei não. Eu acho que passei lá, um ano. Foi um ano, um ano e pouco. Eu estava trabalhando lá ainda, e umas amigas minhas começaram a trabalhar lá em Roberto (*dono da Empresa Moda Vest*), e passavam o dia inteiro na loja. Falavam pra mim que estava precisando de uma pessoa. Como só trabalhava na segunda e na terça, as meninas disseram: “*Juliana mas lá ganha trinta reais juntando com o almoço tu vai ganhar quase quarenta*”. Ai eu disse: “*Eu vou sim*”. [...] Eu ganho pouco aqui a semana toda. Então eu vou pra lá mesmo [...] Eu falei com Zuleica: “*Olha apareceu outro trabalho, eu não gosto de costurar como você sabe, eu gosto mais de atender as pessoas*”. Ela fez: “*Não tudo bem vá*”. Isso eu tinha falado na quinta, passei ainda a sexta trabalhando com ela e na segunda eu já fui pra loja. As meninas só trabalhavam segunda e terça e o resto da semana ficavam em casa. Eu trabalhei segunda e terça e a patroa já mandou eu aprender a trabalhar lá no setor das pedrinhas. E já vai fazer quase um ano que estou lá, graças a Deus (Juliana, 18 anos).

Quando começou a trabalhar na empresa, tinha apenas quinze anos de idade e não podia ser registrada. Ao completar 16 anos, pediram seus documentos para legalizar sua situação trabalhista na empresa.

Seu dia na empresa, nas segundas e terças-feiras, começa às cinco horas da manhã. Segue para a casa do patrão, de onde sai o carro que conduz os funcionários, que trabalham na loja, até Santa Cruz do Capibaribe. Na loja, trabalha como vendedora, onde permanece até o final da tarde. Em época de aula, consegue sair mais cedo da loja, pois uma das regras da empresa é que os funcionários que estudam não sejam prejudicados.

Quando chega tarde a sua casa, a única coisa que consegue fazer é tomar um banho e sair correndo para aula, sem jantar, e ainda correndo o risco de perder a primeira aula. Ressalta que, devido o grande cansaço, torna-se difícil a concentração, mas precisa ir para escola. No período de férias, fica na loja até acabar o expediente, que geralmente só é encerrado quando já não há mais comprador, chegando muitas vezes a ficar até depois das 19 horas. Vale destacar ainda que, com as horas ultrapassadas no trabalho, todos os funcionários recebem como hora-extra.

Juliana: A gente trabalha na segunda e terça, que é o dia da feira. Vamos de cinco da manhã pra Santa Cruz e fica até terminar. Eu saio de cinco e meia da tarde por

causa da escola, mas o outro pessoal sai de sete, sete e meia, oito. Dependendo do movimento. Só na segunda e terça.

Sandra: Você disse que os dias da feira são cansativos, quando chega em casa está muito cansada. Como é que você faz para estudar?

Juliana: Tem que dar um jeito. Porque o estudo a gente não pode deixar de lado. Principalmente agora que graças a Deus estou terminando o Ensino Médio. Quando a gente chega cinco e meia é tranqüilo, porque é o dia normal. Dá tempo jantar normal, tomar um banho e ir descansada para a escola. Mas quando o motorista já vai buscar a gente já meio tarde, a gente chega seis horas, e eu tenho que chegar seis e meia na escola. Então não dá tempo nem você jantar, você toma banho e chega lá, aí você entra, e é bem cansativo sim (Juliana, 18 anos).

Nos outros dias da semana, Juliana, como os demais funcionários, entra na fábrica às 07h15min. O setor das “pedrarias” em que trabalha é especificamente feminino, e todas as funcionárias, na segunda e terça-feira, trabalham nas diversas lojas da empresa. A atividade desenvolvida é repetitiva e praticamente artesanal. Trabalham com a aplicação de miçangas em uma estrutura de madeira, onde é adaptado um papel grosso, perfurado a laser, com o slogan ou desenho criado na própria empresa para colocar nas camisas. Em seguida, com um plástico adesivo, retiram o slogan ou desenho repleto de miçangas, que segue para outro setor, onde as peças já estão cortadas e estampadas. Depois de aplicada na peça é necessário passar por um processo de prensa, para que a cola, existente em cada miçanga, possa aderir e não sair.

Todo esse processo artesanal foi criado para baratear o custo na produção das peças, pois, antes, esse adesivo era comprado de um fornecedor, limitando inclusive a criação de uma nova arte e a utilização do slogan da empresa.

[...] O setor das pedrinhas, que eu falo, é uns estrass⁴⁶ que a gente coloca nas camisas. Mandam pra lá uma forma que o menino faz no lazer, ele faz a forma e manda pra lá. A gente coloca numa forma maior que é para as pedrinhas não saírem, e depois que coloca as pedrinhas vai colando. Bota num papel adesivo que é reaproveitado ainda umas seis vezes. Cola no papel e manda lá pra baixo para outro setor, onde eles colam nas camisas, seguindo para prensa. Retiram o papel mandam lá pra cima de novo, para começar todo o processo novamente (Juliana, 18 anos).

O ritmo de produção é intenso, devendo ser produzidos individualmente 1.000 adesivos, que precisam ser concluídos em um só dia. Quando não dá tempo de concluí-los, o trabalho fica acumulado e é necessário ser terminado o quanto antes, para não prejudicar a produção do dia seguinte. Ao som do celular, que toca uma música ambiente, continuam a produção, que é marcada em um caderno pelas próprias funcionárias. Depois, é recontada por outras duas funcionárias, encaminhando a produção para outro setor.

⁴⁶ Tipo de bijuteria colocado como adereços nas camisas.

Dentre os lugares em que já trabalhou, para Juliana, esse é o melhor. Primeiro, está a questão da carteira assinada e a garantia dos direitos, e segundo, pelo salário que, em relação aos outros, é bem melhor, além de levar em consideração o tipo do trabalho que faz agora e a sua adaptação ao mesmo.

[...] Esse trabalho é bem melhor. Porque além de você trabalhar com uma coisa certa, você está com um emprego garantido, a menos que você faça alguma coisa de errado para eles te tirar. E caso você saia você tem os seus direitos, porque você está fichado. Ganha bem, porque em todos os trabalhos que eu trabalhei não ganhava o que eu to ganhando lá. [...] Pronto a gente ganha, como a gente trabalha na loja o salário é de R\$ 415,00⁴⁷ (*quatrocentos e quinze reais*), mas a gente ganha R\$ 440,00 (*quatrocentos e quarenta reais*). Tem as horas extras, que é quando a gente sai mais tarde. E tem a hora do almoço. Aí você tem R\$ 50,00 (*cinquenta reais*) de hora extra, às vezes R\$ 60,00 (*sessenta reais*). No fim de ano mesmo que a gente chega tarde e ainda trabalha no sábado, a hora extra chega até a R\$ 100,00 (*cem reais*) [...] E na padaria era muito cansativo e você trabalhava de domingo a domingo. Na costura eu não gostava de jeito nenhum. Não me adequava a máquina, ficava olhando direto pra aquela agulha. Não gostava. E lá além de ter a vantagem de trabalhar de segunda a sexta. Sábado se quiser trabalhar sendo hora extra. E tem o fim de semana todinho completo pra você. Isso é o bom (Juliana, 18 anos).

Como está concluindo o Ensino Médio, um de seus sonhos é fazer o curso de Psicologia. Apesar de gostar do trabalho em que está, atualmente, acha muito cansativo, Sua família não possui recursos suficientes para mantê-la fora de Pão de Açúcar, por isso, não tem certeza se vai realizar seu sonho. Outra questão que levanta, assim como a maioria dos jovens locais, é a possibilidade e o desejo de ter o seu próprio negócio, deixando de ser empregado para ser patrão.

Sandra: Você pretende continuar estudando?

Juliana: Pretendo quando terminar o terceiro ano este ano, fazer algum cursinho. Porque eu quero fazer o curso de psicologia. Eu sonho muito com o curso de psicologia. Eu pretendo, mas não sei se vai dar certo. Porque tem o trabalho, que é muito cansativo. É muita coisa. Então você não sabe se vai dar certo, não sabe o que vai acontecer. Mas se der tudo certo eu pretendo continuar estudando.

Sandra: E você pretende continuar na confecção?

Juliana: Eu acho que quem mora aqui nessa cidade, o sonho de qualquer um daqui é criar o seu próprio negócio. Fazer sua própria confecção, fazer seu próprio negócio. Pode perguntar para qualquer jovem, qual é o sonho. "É fazer o meu próprio negócio, minha própria confecção". Que é o que vende, é o que leva pra frente. É isso. Se você for fazer um curso de administração ou de psicologia, você vai ter que sair daqui pra trabalhar em outro canto. E aqui você tem o seu próprio negócio, porque nada melhor do que ter o seu próprio negócio. É melhor do que estar sendo sempre empregado dos outros.

Sandra: Então você sonha em ter o seu próprio negócio também?

Juliana: Sonho. Acho que é muito bacana (Juliana, 18 anos).

⁴⁷ Valor do salário mínimo em janeiro de 2009, época em que a pesquisa foi realizada.

É possível perceber que, apesar das dificuldades encontradas por Juliana e sua família, assim como outros migrantes, o trabalho com a produção de confecções tem se colocado como uma alternativa de emprego e renda. No depoimento abaixo, enfatiza a importância de sua vinda, seja pela possibilidade de estudar, seja por poder começar a trabalhar, para comprar suas coisas e também ajudar com as despesas da casa.

Ter vindo para Pão de Açúcar foi uma benção. Se eu morava lá no mato. Não tinha nada, só trabalhava na roça, não conhecia [...] Tinha sim o estudo, mas não era um estudo tão avançado, porque eu não cheguei a estudar no Gil Rodrigues, que é a escola de Vertentes. Eu sempre estudei lá na municipal, que era a escola Professor Domingues Pereira. E trabalho lá não tinha, porque eu acho que todo jovem gosta de ganhar o seu dinheiro, pra comprar seus próprios negócios né. Você tá dependendo dos seus pais o tempo todo o resto da vida. E você sabe que o seu pai não teve tanta condição para comprar tudo o que você quer. Então trabalhando pra comprar o que você quer a roupa que quer um celular, uma coisa. Então você tem que trabalhar pra isso. Acho que todo mundo sabe que se não trabalhar não vai ter isso. Porque o que meu pai ganha também, minha mãe não trabalha é só pra sustentar a casa. (Juliana, 18 anos).

Através dos depoimentos dos jovens e suas famílias, é possível observar pontos comuns em suas trajetórias de vida, principalmente no que se refere à estratégia de sobrevivência encontrada através da produção de confecções, que perpassa uma grande rede de sociabilidade. Vale ressaltar ainda que a inclusão dos jovens no mercado de trabalho local está absolutamente ligada às relações de parentesco e vizinhança, e extremamente associada à trajetória e sua organização familiar.

Considerações Finais

A inquietadora motivação que permeou a construção desse trabalho esteve pautada, desde o início, pelo desejo de compreender a configuração das relações de trabalho no Pólo de Confeccões do Agreste, com um olhar privilegiado para a juventude, que representa grande parte da mão-de-obra das empresas de confeccões.

Para que fosse possível tal compreensão, diante da escassez de informações sobre a região, se fez extremamente necessário percorrer os caminhos históricos que a constituíram. Através da memória dos moradores de Pão de Açúcar, mediante seus depoimentos, podem-se levantar dados que serviram de base para explicar o surgimento da "*Sulanca*", como uma atividade criada espontaneamente por parte da população local, utilizada como estratégia de sobrevivência para os que, até então, viviam da agricultura de subsistência.

Depois de 40 anos, a "*Sulanca*" continua gerando emprego e renda para os moradores locais, e também para muitos migrantes de outras regiões do Nordeste, que encontram nas empresas de confeccões uma possibilidade de geração de renda. Vale ressaltar, portanto, que apesar de configurar-se, como uma estratégia de sobrevivência para os jovens e suas famílias, tal atividade, desde seu surgimento, está embasada na informalidade e nas precárias condições de trabalho, que vão desde a compra da matéria prima até todo processo de produção e venda das confeccões.

Diante do seu crescimento e desenvolvimento, ganha destaque mediante a sua importância econômica em todo Estado de Pernambuco, e outras Regiões do país, gerando nos órgãos governamentais e não-governamentais, nos últimos anos, grande interesse em organizar e formalizar as empresas, através de estratégias que vão desde a organização dos espaços das "*Feiras da Sulanca*", do incentivo à criação de associações formadas por confeccionistas, dentre outras categorias, até a forte presença de instituições públicas e privadas, que visam qualificar o trabalhador e o empresário.

Mesmo com a estratégia governamental empreendida, na tradicional região da "*Sulanca*", agora conhecida como "*Pólo de Confeccões do Agreste*", prevalecem a informalidade e as precárias condições de trabalho, tanto nas micro e pequenas empresas de confeccões, nas prestadoras de serviço, como nas médias empresas, que procuram formalizar e adequar seu espaço de trabalho e seu quadro principal de funcionários, dentro das normas mínimas estabelecidas, continuando, entretanto, a se utilizar da informalidade através da contratação de prestação de serviço, de modo particular da costura realizada pelas "*facções*".

No que se refere às relações de trabalho, é possível perceber a contradição existente entre a forma tradicional, na qual a região se constituiu, e o crescente investimento governamental, em uma tentativa de organização e formalização, sem a intenção de "prejudicar ou interromper" o rentável, informal e precário ciclo de produção e comercialização da produção de confecções.

Quanto à juventude inserida no mercado de trabalho local, é necessário adequar-se à precária estrutura física, onde a grande maioria das empresas funciona, além do ritmo intenso que é imposto pela quantidade de peças que são produzidas semanalmente. O cansaço físico, ao término do dia, é nítido, mas muitos estendem sua jornada de trabalho, ou prestando serviço para outras empresas, ou ainda "fabricando" para si e sua família. É ainda muito comum encontrarmos jovens que conciliam o trabalho nas empresas de confecções com as vendas nas diversas "Feiras da Sulanca".

Apesar de toda precariedade existente e longa jornada de trabalho, tais atividades são vistas como um importante passo para alcançar o objetivo da maioria dos jovens, que é tornar-se autônomo, abrindo seu próprio "fabrico", deixando definitivamente de ser empregado.

Nos depoimentos dos jovens e seus familiares, a importância dos estudos apresentou-se como aspecto consideravelmente relevante. Todavia, as condições e a extensa jornada de trabalho dificultam a permanência dos jovens na escola, levando-os a abandoná-la precocemente, mantendo apenas o trabalho.

Outra questão que se coloca, além do trabalho exaustivo, é que, apesar da consciência sobre a importância dos estudos para o "futuro", a preocupação para os jovens locais está pautada no "hoje", isto é, o tipo de trabalho em que estão inseridos traz a real possibilidade de conseguir ajudar suas famílias com as despesas de casa, e adquirir seus bens de consumo, não sendo necessário, até o presente momento, grandes investimentos em qualificação profissional, uma vez que, toda aprendizagem é perpassada em uma relação de parentesco e vizinhança.

Por fim, na tentativa de compreensão da importância sócio-econômica, na qual o pólo se configura para os jovens e, conseqüentemente, para os seus familiares, muitas questões foram suscitadas e continuam a inquietar-me, por exemplo: a configuração dos espaços de lazer, momento tão importante para a juventude durante o tempo do não trabalho; a saúde dos jovens, principalmente pelo fato de trabalharem precariamente com atividades que trarão conseqüências em um futuro não muito distante; além dos altos índices de alcoolismo e uso de substâncias ilícitas; prostituição; gravidez precoce; os sérios problemas ambientais que a produção de confecções ocasiona, como, a poluição do Rio Capibaribe, que desde sua

nascente já começa a ser poluído com os resíduos químicos e restos de materiais que poderiam ser reaproveitados; a falta de estrutura urbana em que as cidades vão se constituindo, dentre outras questões.

O que posso concluir, portanto, é que, diante da complexidade em que as relações de trabalho no Pólo de Confecções se configuram, perpassando de forma tão intrínseca nas relações sociais dos jovens e suas famílias, apenas um trabalho incipiente como este não é capaz de dar conta de todas problemáticas previamente levantadas ou sugeridas. Sendo assim, pretendo continuar e aprofundar a pesquisa, posteriormente, e espero ainda gerar, em outros pesquisadores, uma inquietude sociológica que seja capaz de motivá-los a se debruçar sobre as diversas questões colocadas sobre o Pólo de Confecções do Agreste.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Condição juvenil no Brasil Contemporâneo**. In. Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional. Helena Wendel Abramo. Pedro Paulo Martoni Branco (orgs). 1ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ALVES, Giovanni. **O novo (e precário) mundo do trabalho. Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo**. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2000.

AMORIM, Elaine Regina Aguiar. **No limite da Precarização? Terceirização e Trabalho Feminino na Indústria de Confecção**. Campinas: 2003 (Dissertação de Mestrado em Sociologia). UNICAMP.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no nordeste. Contribuição ao estudo da Questão Agrária no Nordeste**. 5ª Edição. São Paulo - SP: Atlas, 1986.

_____. A intervenção do estado e a seca no Nordeste do Brasil. In: Revista de Economia Política. Vol. 6, nº 4, outubro-dezembro, 1986.

_____. **A terra e o Homem no Nordeste, hoje**. Conferência. 55ª Reunião da SBPC. Recife: 2003.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho. Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho**. Boitempo: São Paulo, 1999.

_____. **A era da Informatização e a época da informalização. Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. In: Riqueza e miséria do trabalho no Brasil. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

ARAÚJO, Carlos Augusto Cavalcante de Lucena. **Análise da Cadeia Têxtil e de Confeções do estado de PE e os impactos nela decorrente do fim do acordo sobre têxteis e vestuário – ATV.** Recife: 2006. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CCSA. Economia.

ARAÚJO, Julio Ferreira de. **História de Santa Cruz do Capibaribe**, 2003.

BALTAR, Marieta. PINCOVSKY, Sheilla. A **“Rota da Moda” na dinâmica Demográfica de Pernambuco.** Anais do Seminário Quantos Somos e Quem Somos no Nordeste. (sd.sl).

BRAGA, C.M.L. A **etnometodologia como recurso metodológico na análise sociológica.** Ci. Cult., v.40, n.10, p.957-66, out., 1988.

BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Juventude e trabalho: desafios e perspectiva para as políticas públicas.** In: Retratos da Juventude Brasileira. Análises de uma pesquisa nacional. Org. Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco. São Paulo: Instituto Cidadania. Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

BORDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra. Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

_____. **Introdução a uma teoria reflexiva.** In: O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989.

CAMPELLO, Glauce Maria da Costa. **A atividade de Confeção e produção do Espaço em Sta. Cruz do Capibaribe.** Recife: 1983. (Dissertação de Mestrado em Geografia). UFPE.

CAMARANO, A. A. ; MELLO, J. L. E. ; PASINATO, M. T. ; KANSO, S. **Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros.** Última Década, Valparaíso, Chile, v. 21, 2004.

CARNEIRO, Maria José. **O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais.** In Teixeira da Silva, F.C., R. Santos, L.F.C. Costa (orgs.) - Mundo Rural e Política: ensaios interdisciplinares. Ed. Campus/Pronex, 1999.

_____. **Trabalho “ajuda” e disputas: uma etnografia das confecções de lingerie em domicílios rurais.** Araraquara – São Paulo: Estudos de Sociologia. V.11, n.20, 2006.

CERVIERI, Cândida Maria. **Desafios para uma política nacional de apoio aos APL'S.** T&C Amazônia, Ano VI, Número 15, Outubro de 2008.

CORROCIANO, Maria Carla. **O trabalho e a sua ausência: narrativas de jovens do Programa Bolsa Trabalho no município de São Paulo.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação de São Paulo. 2008.

CORTELETTI, Roseli de Fátima. **Precarização do Trabalho, informalidade e Gênero no Agreste Pernambucano.** Campina Grande-PB, 2009

COSTA, Andréia T. Souza da. **Gestão de Custos em pequenas empresas industriais: Uma aplicação ao Pólo Têxtil do Agreste Pernambucano.** Recife, 2004. (Dissertação de Mestrado) - UFPE. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção.

DA MATTA, Roberto. **O ofício de Etnólogo ou como ter Anthropological Blues.** In. Edson de Oliveira Nunes (org.). A Aventura Sociológica: Objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1978.

DEDECA, Cláudio. BALTAR, Paulo. **Mercado de trabalho e informalidade nos anos 1990**. Est. Econ. São Paulo, nº 27 (especial) 1997.

DIAS, Robson Francisco Combé. **Ações Estratégicas e Políticas Públicas em Arranjos Produtivos Locais: o caso do Pólo de Confeções do Agreste Pernambucano**. Recife: 2007. (Dissertação de Mestrado) UFPE - CTG. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção.

DRUCK, Maria da Graça. **Globalização e Reestruturação Produtiva: o Fordismo e/ ou Japonismo**. Revista de Economia Política, vol. 19, nº2 (74), abril-junho, 1999.

_____. **Flexibilização e Precarização: as formas contemporâneas de dominação do trabalho**. Salvador: Caderno CRH, n.37, jul./ dez., 2002.

_____. THÉBOUD-MONY, Annie. **Terceirização e erosão dos direitos dos trabalhadores na França e no Brasil**. In: Druck, Graça e Franco, Tânia (orgs.). *A perda da razão social do trabalho: terceirização e precarização*. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. FILGUEIRAS, Luiz A. M.; AMARAL, Manoela Falcão do. **O conceito de informalidade: um exercício de aplicação empírica**. Salvador: Caderno CRH, v. 17. n.41. maio/agosto, 2004.

DURSTON, Jonh. **Juventud y desarrollo rural: marco conceptual y contextual**. Santiago do Chile, CEPAL, 1998.

ECHEVARRIA, José Medina. **A juventude Latino-Americana como campo de pesquisa social**. In *Sociologia da juventude*, vol I. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

Estratégia de desenvolvimento Local de Pernambuco – Governo dos Municípios”. Recife. PE: Outubro, 2004.
www.condepefidem.pe.gov.br/programas/governo_municipios/documento/estrategia_desenv_local_PE.pdf

FLITNER, Andreas. **Os problemas sociológicos nas primeiras pesquisas sobre a juventude**. In: *Sociologia da juventude*. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GOMEZ, Carlos Manayo. THEDIM-COSTA, Sonia Maria da Fonseca. **Precarização do trabalho e desproteção social: desafios para a saúde coletiva**. In: *Ciência & Saúde Coletiva*, 4 (2), p. 411-421, 1999.

GOMES, Sueli de Castro. **Do comércio de retalhos a feira da Sulanca: Uma inserção de migrantes em São Paulo**. São Paulo, 2002. (Dissertação de Mestrado) - USP. Pós – Graduação em Geografia Humana.

GUIGOU, Jacques. **Problemas de uma Sociologia da Juventude Rural**, in *Sociologia da juventude*, vol II. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. **Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil?** In: *Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. Helena Wendel Abramo, Pedro Paulo Martoni Branco (orgs). Instituto Cidadania e Editora Perseu Abramo, 2005.

GUIMARÃES, Maria Teresa Canezin. QUEIROZ, E. M. O. ; CHAVES, E. G. . **Contribuições conceituais para o estudo das relações entre juventude, escola e trabalho**. *Revista Interação*, Goiânia, 2002.

HIRATA, Helena. **Nova Divisão Sexual do Trabalho: Um Olhar Voltado para Empresa e a Sociedade**. 1ª ed. (Trad. Wanda Caldeira Brant). Coleção Mundo do Trabalho. São Paulo: Boitempo, 2002.

LIMA, Jacob Carlos. **Novas Formas, velhos conteúdos: diversidade produtiva e emprego precário na indústria do vestuário**. João Pessoa: Revista Política e Trabalho (15), 1999.

_____. **Trabalho informal, autogestionário e gênero**. Sociedade e Cultura, julho-dezembro, ano/vol. 9, nº002. Universidade Federal de Goiás, 2006.

_____. SOARES, Maria José Bezerra. **Trabalho Flexível e o novo informal**. Salvador: Caderno do CHR (37), 2002.

_____. FERREIRA, Brasília Carlos. **Trabalhadores urbanos no Nordeste: Trajetórias profissionais, mobilidade espacial e organização operária**. 18º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 1994.

LYRA, M. R. S. B. **Sulanca X Muamba: Rede Social que alimenta a migração de retorno**. In: Movimentos Migratórios nas Metrópoles. São Paulo em Perspectiva, v.19, n. 4, p. 144-154, out./dez. , 2005.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro I, Tomo I. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1988.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. UERJ. 2001

MENELAU NETO, José. **Desemprego e Luta de Classes: as novas determinidades do conceito marxista de exército industrial de reserva**. In: TEIXEIRA, F. S. (Org).

Neoliberalismo e reestruturação produtiva. Ed. Cortez; Fortaleza : Universidade Estadual do Ceará, 1996.

MENEZES, Marilda Aparecida de. **História Oral: uma metodologia para o estudo da memória.** Revista Vivência, n. 28, 2005.

_____. **Da Paraíba pra São Paulo e de São Paulo para Paraíba. Migração, família e reprodução da força de trabalho.** (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal da Paraíba/ PPGS. Campina Grande: março, 1985.

_____. **Memórias de Infância de mulheres e homens camponeses.** Ceará: Revista de História. UFCE, nº 3, dezembro, 2002.

_____. **Questionamentos As categorias migrante de retorno e migrante.** Cadernos de Ciências Sociais, n. 3, p. 47-51, 1992.

_____. **Trabalho por conta própria: Sonho dos migrantes.** Travessia – Revista do Migrante, v. III, n. 8, p. 22-26, 1990.

_____. AIRES, Lídia M. Arnaud. SOUZA, Maria R. de. **Construindo Narrativas Oraís: inteirações sociais no trabalho de campo.** Caderno de Campo. Ano 13, n. 12, 2004.

_____. SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Migrantes temporários: Fim dos narradores?** Revista do Núcleo de Estudos em História Oral. Nº 1 novembro, 1999.

MELO, Maria Cristina Pereira de. **Reflexões sobre o aprendizado e inovação local na indústria de confecções do Nordeste.** Recife: RECITEC, v.4, n.1, p.117-143, 2000. <http://www.fundaj.gov.br> / Acessado em 16/06/2009

MOREIRA, Marcelo José. **A situação da classe trabalhadora brasileira no fim do século XX: A precariedade na inserção dos jovens no mercado de trabalho brasileiro como resultado de uma disfunção conjuntural?** Anápolis – GO: Revista de Economia da UEG, vol. 3, nº 1, jan/ jun, 2007.

NORONHA, Eduardo G. TURCHI, Lenita. **O pulo do gato da pequena indústria precária.** Tempo Social, revista de sociologia da USP, v19, n.1. junho, 2007.

NOVAES, Regina. **Juventude, exclusão e incluso social: aspectos e controvérsias de um debate em curso.** In: Maria Virgínia de & PAPA, Fernanda de Carvalho (org's). Políticas Públicas: Juventude em pauta. Cortez/ Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação. São Paulo: Fundação Friederich Eibert., 2003.

OIT – Organização Internacional do Trabalho. **Trabalho decente e Juventude – América Latina.** Resumo Executivo. In: Plano de ação, emprego, comércio internacional, formação, pequena empresa, trabalho decente, democracia, desenvolvimento social, América Latina, Caribe. Brasília, Organização Internacional do Trabalho, 2007. www.oitbrasil.org.br

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Religião. Sudene, Nordeste, Planejamento e Conflitos de Classe.** 3ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1981.

OLIVEIRA, Roberto Vêras de. **Para discutir os termos da nova informalidade: O caso do Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano.** Campina Grande-PB, 2009.

Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura – UNESCO. **Juventude, juventudes: o que une e o que separa.** Coordenação de Miriam Abramovay e Mary García Castro. Brasília: UNESCO, 2006.

POCHMANN, Márcio. **Situação do jovem no mercado de trabalho no Brasil: um balanço dos últimos 10 anos.** São Paulo: fevereiro, 2007.

_____. **A Batalha do Primeiro Emprego.** São Paulo. Ed. Publisher Brasil, 2000.

ROSENMAYR, Léopold. **A situação sócio-econômica da juventude de hoje.**, In Sociologia da juventude, vol I. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

SACHS, Ignacy. **Inclusão social pelo trabalho decente: oportunidades, obstáculos, políticas públicas.** Estudos Avançados: 18 (51), 2004.

SALES, Teresa. **Brasileiros Longe de Casa.** São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Wanderley Guilherme. **Cidadania e justiça: a política social na ordem brasileira.** 2ª edição. Rio de Janeiro. Editora Campus, 1987.

SEBRAE. **Estudo de Caracterização Econômica do Pólo de Confeções do Agreste Pernambucano.** Relatório Final Apresentado ao Sebrae – PE. Recife: UFPE, 2003.

_____. **Metodologia de Desenvolvimento de Arranjos Produtivos Locais: Projeto Promos – Sebrae – BID: versão 2.0/ Renato Caporali e Paulo Volker (org.).** Brasília: Sebrae, 2004.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. **Educação e Trabalho: Uma relação tão necessária quanto insuficiente.** São Paulo em Perspectiva, vol.14, nº2. abril/junho, 2000.

SILVA, Marcelo Silva. **Entre o Bagaço da Cana e a Doçura do Mel. Migrações e identidades da juventude rural.** Campina Grande – PB, 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Campina Grande.

SILVA, Sandra Roberta Alves. **Jovens de ontem, adultos e idosos de hoje: memória de migrantes de retorno em Pernambuco.** In: 13º CISO - Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste, Maceió - AL. 2007

Migração para o trabalho na Sulanca: Uma solução ou um problema para os trabalhadores rurais de Pernambuco? In: II SEMILUSO 2008 - Seminário Luso-Brasileiro sobre Agricultura Familiar e Desertificação João Pessoa - PB, Editora Universitária – UFPB, 2008.

Migração para o trabalho na Sulanca: Em busca de uma estratégia de sobrevivência. In: II SEMINÁRIO DIVERSIDADE DOS ESPAÇOS RURAIS E DINÂMICAS TERIRTORIAIS NO NORDESTE, Recife – PE, 2008.

A juventude na Sulanca: os desafios no mercado de trabalho precário no município de Taquaritinga do Norte - PE. In: CISO - Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste, Recife - PE, 2009.

SILVA, Keila Sonalle. MAGALHÃES, Allan Marinho. SOARES, Reginaldo. **Estratégias Empresariais e Políticas Públicas para Arranjos Produtivos Locais no estado de Pernambuco.** Caruaru: Veredas FAVIP – Revista Eletrônica de Ciências – v.1, n.1, janeiro/junho, 2008.

TEIXEIRA, Ana Maria Freitas. LARANJEIRA, Denise Helena Pereira. **Juventude Educação e Trabalho: debates e desafios contemporâneos no Brasil.** Recife – PE: XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2007.

VASAPOLLO, Luciano. **O trabalho atípico e a precariedade: Elemento estratégico determinante do capital no paradigma pós-fordista.** In. Antunes, Ricardo (org.). Riqueza e miséria do trabalho no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2006.

VELHO, Gilberto C. **Observando o familiar.** In. Edson de Oliveira Nunes (org.). A Aventura Sociológica: Objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1978.

www.pmtaquaritingadonorte.com.br/ (Acessado em 10/07/2009)

www.ibge.gov.br/censo/ (Acessado em 10/07/2009)

www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/contasregionais (Acessado em 10/07/2009)

www.mte.gov.br/politicas_juventude (Acessado em 10/07/2009)

www.oitbrasil.org.br (Acessado em 27/07/2009)

www.blogsulancanews.com (Acessado em 15/10/09)

www.images.google.com.br/images (Acessado em 15/10/09)

www.skvscrapercity.com/showthread.php?t=969856&page=2 (Acessado em 15/10/09)

www.ibge.gov.br/home/ (Acessado em 15/10/09)

www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2003/coeficiente_brasil.shtm (Acessado em 15/10/09)

ANEXOS

ANEXO - I



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Pesquisa de Mestrado: A juventude na "Sulanca": Os desafios da inserção no mundo do trabalho em Taquaritinga do Norte - PE

Questionário

1. Nome: _____
2. Idade: _____
3. Estuda? Sim - Série: _____
 Não - Em que série parou? _____
4. Pretende continuar estudando? *(Pode marcar mais de uma alternativa)*
 Concluir Ensino Fundamental Concluir Ensino Médio
 Fazer cursos Profissionalizantes Faculdade Não pretende estudar
5. Estado Civil: Casado Solteiro
6. Tem Filhos? Sim – Quantos? _____
 Não
7. Lugar de Origem: Município: _____ Sede Distrito Zona Rural
Lugar de moradia atual: Município: _____ Sede Distrito Zona Rural
8. Sua família é composta por quantas pessoas? _____

Composição familiar	Idade	Sexo		Escolaridade *(veja a observação abaixo)	Ocupação (Trabalho)
		<input type="checkbox"/> F	<input type="checkbox"/> M		
		<input type="checkbox"/> F	<input type="checkbox"/> M		
		<input type="checkbox"/> F	<input type="checkbox"/> M		
		<input type="checkbox"/> F	<input type="checkbox"/> M		
		<input type="checkbox"/> F	<input type="checkbox"/> M		
		<input type="checkbox"/> F	<input type="checkbox"/> M		
		<input type="checkbox"/> F	<input type="checkbox"/> M		
		<input type="checkbox"/> F	<input type="checkbox"/> M		
		<input type="checkbox"/> F	<input type="checkbox"/> M		
		<input type="checkbox"/> F	<input type="checkbox"/> M		
		<input type="checkbox"/> F	<input type="checkbox"/> M		

Obs: *Para responder a escolaridade observe e coloque os números de acordo com o grau de estudo.

- | | |
|----------------------------------|-------------------------|
| 1- Ensino Fundamental incompleto | 5- Graduação incompleta |
| 2- Ensino Fundamental completo | 6- Graduação Completa |
| 3- Ensino Médio incompleto | 7- Não estudou |
| 4- Ensino Médio completo | |

9. Como conseguiu o seu primeiro trabalho?

10. Em que trabalhou a primeira vez? _____
a) Quantos anos você tinha? _____

11. Você começou a trabalhar na "Sulanca" com que idade? _____

12. Empresa que trabalha atualmente: _____

13. Que função exerce? _____

14. Tem Carteira Assinada? () sim () não

15. Em média qual o seu salário?

- () 1 salário mínimo () 2 salários mínimos
() 3 salários mínimos () mais de 3 salários mínimos

16. Qual a forma do seu pagamento?

- () produção () fixo

17. Qual a periodicidade do pagamento?

- () semanalmente () quinzenalmente () mensalmente

17. Quantas horas você trabalha por dia? _____

18. Faz hora-extra "Serão"? () Sim Quantas horas: _____
a) Que período do ano: _____

() Não

18. O que você faz com o seu salário?

- () ajuda em casa () ajuda em casa e compra bens de consumo
() compra bens de consumo () outros. Especifique _____

19. Em que você gasta o seu salário? (*Pode marcar mais de uma alternativa*)

- () eletrodoméstico () roupas e acessórios () celular () computador
() carro () moto () casa () terras
() bebidas e festas () outros. Especifique: _____

20. O que acha do seu trabalho?

- () gosto do que faço () não gosto do faço () mais ou menos

21. Tem vontade de mudar de função (trabalho)?

- () sim O que gostaria de fazer? _____
() não

ANEXO - II



Universidade Federal de Campina Grande - PB Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - PPGCS

Entrevista Semi-Estruturada com os Jovens e suas Famílias

1. Nome completo

2. Idade

3. Estado Civil

4. Trajetória:

- Local de Nascimento;
- Moradia na infância e atual;
- Casa própria/ Alugada;

5. Escolaridade

- Grau de escolaridade;
- Opinião a respeito dos estudos;
- Pretende continuar estudando?
- Que tipo de curso.
- Caso a resposta seja negativa quanto à pretensão de seguir estudado, explicar os motivos que levam a não querer mais estudar;
- Você acha que os jovens hoje têm mais possibilidades para estudar? Por quê?

6. Trabalho:

- Explicar um pouco sobre a trajetória de trabalho.
- Idade com que começou a trabalhar?
- Em que atividade?
- Falar um pouco sobre os lugares em que já trabalhou contar um pouco da experiência de cada lugar especificamente.

- Falar do trabalho atual, explicando como é o *espaço físico do lugar; as vantagens; o que mais gosta; salário; as dificuldades; o que menos gosta.*
- Fazer uma comparação com outros lugares que já trabalhou.
- Distinguir qual foi a melhor experiência.
- Gostaria de trabalhar de carteira assinada?
- Você já trabalhou com carteira assinada?
- Existe alguma diferença entre trabalhar com carteira assinada/ ou não?

7. Lazer:

- Em Pão de Açúcar quais são os principais espaços de lazer que há em Pão de Açúcar?
- É possível conciliar o trabalho com o lazer?
- Qual o tempo que sobra para o lazer?
- E financeiramente quanto é destinado para o lazer e quanto fica em casa para ajudar a família?

8. Perspectivas

- Em sua opinião quais as diferenças da época de jovens de sua época para a atualidade?
- O que você acha que falta atualmente para os jovens de Pão de Açúcar?
- Quais os objetivos para o futuro (Na vida pessoal e profissional):